



VIZINHOS  
no  
CATIVEIRO

G. A. ROSTIROLLA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



VIZINHOS  
no  
CATIVEIRO

G. A. Rostirolla



© do texto de Giovani A. Rostirolla

Criação Capa: Suellen Lapim Goulart

Projeto Gráfico e Diagramação: Marcos A. Secco

Produção Gráfica: S2C

Revisão: Renato Deitos

Rostirolla, Giovani A.

Vizinhos no Cativoiro./ Giovani A. Rostirolla –

Porto Alegre: S2C PRODUÇÃO GRÁFICA LTDA, 2013.

# ViZINHOS no CATIVEIRO

G. A. Rostirolla

## Sumário

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)  
[Capítulo 30](#)  
[Capítulo 31](#)  
[Capítulo 32](#)  
[Capítulo 33](#)  
[Capítulo 34](#)  
[Capítulo 35](#)  
[Capítulo 36](#)  
[Capítulo 37](#)  
[Capítulo 38](#)  
[Capítulo 39](#)  
[Capítulo 40](#)  
[Capítulo 41](#)  
[Capítulo 42](#)  
[Capítulo 43](#)

# Dedicatória

Com quatorze anos saiu de casa para estudar em um colégio agrícola. Aos dezoito, já estava por conta própria na Capital.

A vida exigiu o seu esforço desde o início e você respondeu com toda energia.

Cursou a faculdade de engenharia à noite tendo que trabalhar durante o dia. Uma longa jornada, mas que tenho certeza que sempre o estimulou.

Passado o tempo, o adolescente que já escondeu os sapatos furados mostrou levar dentro de si determinação inabalável, solidez de caráter e respeito pelas suas responsabilidades. Estar há 44 anos crescendo e trabalhando na mesma empresa por si só fala da consistência das suas virtudes.

A dedicação e a força de vontade quase que cegas não possibilitaram apenas a sua vida profissional, mas ajudaram a construir um casamento admirável de quase quarenta anos. Tem uma esposa maravilhosa, de bem com o mundo e apaixonada pela família. Criou filhos fortes e lutadores que o têm como exemplo de pai e homem.

Por você me dar cobertura, fui mais destemido, por me dar tanto incentivo, me tornei independente e, por ser um grande exemplo, tenho convicção do caminho que venho trilhando.

Não é por nada que é teimoso, pois está acostumado a insistir, a perseverar e a vencer.

**Renato Alfonso Rostirolla**, foi um privilégio ter estado sob as suas asas até eu aprender a voar. Eu amo você com toda a força que um filho pode amar um pai. Este livro é em sua homenagem.

# Agradecimentos

À minha esposa, **Ana Cristina Leão Rostirolla**. Foi a editora-chefe da primeira à última linha deste livro. Inteligente, entusiasta e companheira. Você é a minha joia mais bela e rara.

Antes de entregar este livro para a editora, mandei para alguns dos meus iluminados amigos pedindo-lhes para me passarem as impressões que tiveram sobre a obra. Sou grato por poder contar com pessoas comprometidas, de percepção aguçada e grande capacidade reflexiva.

**Cristiano Virág**, você ultrapassa muito as minhas expectativas de um bom amigo. Agradeço-lhe por me emprestar o seu discernimento afiado e comprometimento total.

**Bruno Saldini**, mais uma vez pude contar com a sua perspicácia e seu bom senso, que bom tê-lo por perto.

**Juliana Machado**, por sorte nos conhecemos, por empatia e grande afinidade nos tornamos amigos.

**Renata Vanin**, a capacidade que teve para se dedicar ao meu livro é proporcional à admiração e ao carinho que tenho por você.

**Gabriela Bassegio**, você é uma profissional dedicada e atenciosa e o mesmo é como amiga.

**Cristina Rodrigues**, seus pontos de vista são únicos, o que os torna tão valiosos.

**Roberta Bento**, uma mulher encantadora e amiga por quem tenho muito apreço.

Agradeço também a amigos que não se envolveram no livro, mas pelos quais tenho profundo orgulho por fazerem parte da minha vida, como o **Guilherme Rostirolla**, meu companheiro de tantas caminhadas, a **Ana Carolina Bragança**, com a sua alegria contagiante, o **Bruno Lunardi**, meu grande amigo e melhor churrasqueiro, a **Karen Güenter**, amiga de toda hora, o **Luis Daniel Mattos**, um apreciador da vida, o **Paulo Pherguer**, amigo de fé e personalidade irreverente, o **Felipe Bresolin**, com a sua disposição imbatível, e a **Paula Coradini**, meu anjo da guarda nos tempos da faculdade.

Agradeço à pessoa mais leal e trabalhadora que conheço, minha querida irmã, **Renata Andreoli Rostirolla**, por sempre achar tempo para mim no meio de tantas responsabilidades. Ao

José Arthur Sampaio, meu amigo e companheiro eloquente de debates.

Por fim, agradeço à Inez Aparecida Andreoli Rostirolla, minha mãe, a maior influência que tive na vida e minha filósofa preferida.



# Capítulo 1

Em 1998, na primeira quarta-feira do mês de maio, tomei café com a família como sempre fazia e fui trabalhar na minha empresa de roupas e acessórios de luxo, aberta por mim há mais de dez anos, já com sete filiais pelo país. Sentia-me um homem de sorte por chegar aos quarenta, onde muitos questionam suas escolhas, tão satisfeito com as minhas.

Antes de sair de casa, beijei a minha esposa, Isabela, minha filha mais nova, Laura, com cinco anos, e meu filho de sete, Lucas.

– Carlos. – Disse Isabela. – Lembra de passar no supermercado e comprar tomate, é só o que falta. – Para a janta, iríamos fazer *pizza* com os nossos filhos.

Nunca fui de me ater aos meus instintos ou intuição. Confio no que é tangível e palpável. Acho que por isso, naquele dia, não percebi nada diferente. Talvez um pouco de ansiedade pelo telefonema que o gerente da minha conta havia me feito à tardinha no dia anterior, mas o trabalho havia me acostumado a buscar soluções para problemas e me sentia apto a resolver aquele.

O que não fazia ideia era que em poucas horas o meu mundo seria virado do avesso e a intensidade dessa experiência me levaria a questionar minhas escolhas, prioridades e crenças.

Depois do café em família, trabalhei normalmente durante a manhã e ao meio-dia voltei para almoçar. Quando saí de casa para encontrar o gerente do banco, deparei-me com Enzo, meu vizinho, no pátio a minha espera.

Há mais ou menos meio ano ele havia se mudado para a minha rua, a duas casas ao lado. Eu o conheci na festa anual realizada pelo condomínio, onde todos falam de todos. Enzo era viúvo e parecia estar na casa dos sessenta anos. Tinha cabelos grisalhos, um físico elegante e uma atitude vivaz. Ele deve ter respondido muitas perguntas naquela noite, porque é o único encontro que temos com os condôminos e serve justamente para fofocas posteriores.

Um mês depois do encontro, uma amiga de minha esposa, que parece ter recolhido as informações sobre o “recém-chegado” por todo o condomínio, veio a nossa casa e falou admirada do novo morador. Isabela escutava com alguma atenção enquanto eu me ausentei do ambiente. Mais tarde, Isa me contaria.

O que dizia respeito ao comportamento eu já havia percebido durante a festa. O Enzo era uma pessoa muito educada e distinta. Na ocasião, no meio de tantos estranhos, enxeridos ou não, se mostrou muito tranquilo, atencioso e respeitador. Veio até mim em um momento elogiar a minha esposa e dizer que tinha se encantado pelos meus filhos. O que mais poderia querer ouvir? Retribuí a delicadeza não lhe perguntando sobre suas finanças e dizendo-lhe por educação que a minha casa estava aberta para ele. Não fôssemos vizinhos, talvez eu tivesse interesse em conhecê-lo.

Contudo, o que a Senhora Lurdes veio nos dizer, e que sinceramente não me importava, era sobre os seus “atributos sociais”. Disse-nos que era viúvo e que havia vendido sua empresa de revenda de carros por um valor elevado. Que veio do interior para a Capital para ficar perto de seu único filho e que, com o dinheiro que havia ganho pela venda, pensava em montar um novo negócio. Imaginei quantas perguntas indiscretas meus vizinhos devem ter feito para tirar essas informações de um homem como aquele.

Fechei a porta de casa e o cumprimentei. – Bom-dia, Enzo! Tudo bem? – Perguntei estranhando ao vê-lo no meu jardim.

– Tudo. Vim lhe pedir um favor, Carlos.

– Claro. O que houve?

– Você trabalha perto da prefeitura, não trabalha?

Ele precisava de uma carona. Logo hoje! – Trabalho.

– Eu tenho que passar lá, se você puder me dar uma carona... Não gosto de ir de carro para o centro.

Depois de seis meses de vizinhança, aquele era o seu primeiro pedido. Eu não podia negá-lo. Respondi torcendo para que ele mudasse de ideia. – Posso sim, mas tenho que passar no banco antes, pode levar uma meia hora. Tem problema? – Sabia que poderia demorar mais, mas, se eu lhe falasse, pareceria má-vontade. Qualquer coisa, ele pegava um táxi de lá.

– Não tem não. – Ele deve ter pensado que a meia hora se tratava de dez minutos. – Aproveito e levo uma conta que tenho.

Durante o caminho jogamos papo fora. Conversamos sobre negócios, falamos generalidades sobre família e, ao final do percurso, eu estava surpreso pela naturalidade com que levamos a conversa. Fora os vinte anos que nos separavam, parecíamos ter muito em comum.

Estacionei a quinze metros do banco. Eu começava a ficar ansioso para conversar com o gerente e resolver logo o mal-entendido.

Foram raras as ligações que ele havia me feito, e nesta, em particular, logo passou a ligação para o gerente-geral daquele banco. Este me perguntou se eu autorizava o saque na minha conta de um cheque de altíssimo valor. Respondi que não, que não havia preenchido tal cheque. O gerente me passou confiança e tranquilidade e disse que seria bom visitá-lo no banco para entendermos o que havia acontecido. Na hora, acreditei tratar-se de um engano, mas à noite não consegui deduzir que tipo de engano poderia ser aquele. Será que alguém queria me roubar ou já estava fazendo isso sem eu perceber? Estava ansioso para descobrir.

Sáímos do carro e cinco metros à frente paramos em um parquímetro, onde minha ansiedade se mostrou evidente quando deixei cair na calçada a moeda que tinha em mãos. Após colocar o bilhete do parquímetro no carro, entramos no banco.

# Capítulo 2

A vinte metros do banco, estavam estacionados dois carros civis, com dois policiais no veículo mais próximo e três no outro. Havia poucas pessoas na rua. O banco se situava em um bairro nobre e atendia apenas a clientes selecionados.

A vigília ao banco começara ao meio-dia. Os homens nada falavam entre si, mas às treze horas tal silêncio foi quebrado pelo ocupante do carro mais próximo ao banco. – É ele. – Ouviram no rádio os integrantes do outro veículo. – Onde? – Perguntou um deles. – Na frente do parquímetro. Estão vendo? Ele acabou de deixar cair uma moeda.

Novamente o policial do carro mais afastado e que parecia superior na patente respondeu. – Não temos identificação daqui. A decisão é sua. Você tem certeza? – Afirmativo. É ele. – O superior no comando decidiu. – Vamos entrar.

Um minuto depois dos dois suspeitos entrarem no banco, os carros de polícia com as sirenes ligadas subiram a calçada em frente. Logo, todos os clientes que estavam dentro do prédio viram o que estava acontecendo e se alarmaram. Quatro dos policiais entraram no *hall* do banco e, mesmo com os vidros à prova de bala e a porta giratória que os separavam do restante dos clientes, conseguiram falar aos dois seguranças que sacassem suas armas. Imediatamente um dos policiais gritou pelo local onde os pertences metálicos são passados e com esmero conseguiu ser ouvido pelas pessoas, que, devido às sirenes e ao burburinho, lhe prestaram toda a atenção.

– Apenas os seguranças têm autorização para se movimentar; os demais clientes e funcionários devem permanecer onde estão.

Todos, exceto os seguranças, ficaram imóveis. Um medo contido se instalou entre os presentes. Olhavam uns para os outros procurando quem deles os policiais estavam procurando. Novamente o policial falou.

– Agora, quem estiver com material portátil, como bolsa ou pasta, não as toquem. Esperem pelo meu sinal para as largarem no chão. Não peguem nada nos bolsos ou casacos, não mexam dentro de seus pertences. Todos entenderam? – O policial aguardou que as pessoas mostrassem que haviam entendido. Ao todo se tratava de doze pessoas. O policial continuou, desta vez se dirigindo aos seguranças:

– Nós não podemos lhes dar cobertura neste momento; então, lhes peço atenção total. – Os vigias sinalizaram positivo com a cabeça.

O policial voltou a falar com os demais. – Façam o menor movimento possível que tudo vai ficar bem, acreditem. Agora... Larguem os seus pertences. – O nervosismo aumentou naquele momento, mas para os que tinham pertences e não pretendiam usá-los foi um alívio livrar-se deles. O pedido foi atendido por todos, mas aquilo ainda não os punha livres de perigo.

O policial pediu a um dos vigias para se aproximar mais da parede de vidro onde são deixados materiais metálicos. Ao chegar no local, o segurança lhe perguntou apreensivo. – O que está acontecendo, senhor?

– Eu sou o delegado Mathias, e há sete meses a minha equipe e eu investigamos uma quadrilha que assalta bancos e, infelizmente, acreditamos que um dos integrantes esteja aí dentro. É possível que outros dois também possam estar, mas não estamos certos de suas identidades. – Para o outro segurança,

distante uns quatro metros, que até então olhava para os clientes procurando algo que os denunciasse, o policial Mathias falou assim que acabou a conversa em particular com o primeiro vigia. – Peça para colocarem as mãos na cabeça. – O vigia atendeu e o policial continuou sua conversa em particular. – Depois de eu lhe falar onde e como está vestido o integrante de que temos conhecimento, peço que seja discreto para identificá-lo. Se nos denunciar mostrando que sabemos quem ele é, isso poderá nos criar problemas. Então olhe para todos antes de identificá-lo. Tudo bem?

– Pode deixar. – Respondeu o segurança, mostrando-se apreensivo.

– Ele é o terceiro da esquerda para a direita, bem-apeesoado, vestindo uma camisa amarela.

O segurança olhou para todos, depois avisou que o havia visto.

O policial Mathias continuou. – Você e o seu colega ficarão à esquerda dele, a três metros de distância. Assim darão cobertura a minha equipe. – O segurança balançava a cabeça em sinal de entendimento. – Nós entraremos e nos encarregaremos de revistar o restante do grupo. Você consegue fazer isso?

– Consigo.

O policial Mathias olhou para os seus colegas e disse: – É agora, pessoal. Podem entrar. – O segurança liberou a porta giratória, permitindo a entrada dos policiais. Depois seguiu ao local combinado.

# Capítulo 3

Enzo e eu, logo após termos entrado no banco, ouvimos sirenes do lado de fora. Em seguida, quatro policiais entraram no *hall*, sem ainda passar pela porta giratória. Conseguíamos ouvir com clareza e pediram que ficássemos imóveis, depois que jogássemos o que tínhamos no chão. O Enzo estava carregando uma pasta e atendeu ao pedido. Olhei para todos pensando se um deles estava armado ou pretendia fazer algo. Exceto o Enzo, todos me pareceram suspeitos e a qualquer hora eu os imaginava tirando algo do bolso e nos fazendo reféns.

O segurança está conversando com os policiais. Imagino que recebendo instruções sobre o que fazer. Estou com as mãos sobre a cabeça, e o que me resta é apenas torcer para que tudo dê certo. Vejo os policiais passarem pela porta giratória e sinto que estamos mais perto de um final feliz. Dois vigias e dois policiais apontam a arma para um senhor a minha esquerda, os demais policiais vigiam o restante.

– Eu quero que o senhor continue com as mãos na cabeça e se vire de costas para nós. – Disse um dos policiais. – O homem obedeceu dizendo que aquilo era um engano, que haviam pegado a pessoa errada. O mesmo policial deu ordem para que os seguranças o botassem de peito no chão e com as mãos para trás. Os dois seguranças atenderam o pedido e estão com os joelhos em cima do homem, imobilizando-o, enquanto os dois policiais dão cobertura por trás. Graças a Deus isso logo acabará!

Um dos policiais fardado falou aos seguranças: – Vocês dois olhem para nós agora, não façam movimentos bruscos. – Os vigias o olharam e o policial continuou: – Eu e os meus três companheiros estamos com as armas apontadas para vocês. Vocês não precisam morrer. – Os seguranças, como nós, não compreendiam o que estava acontecendo. Até que o “policial” falou: – Isto é um assalto. Ninguém se move ou seremos obrigados a atirar.

Neste momento todo o grupo baixou os seus gorros sobre o rosto.

Todos nós ficamos perplexos e sem reação. Acho que, como eu, os demais clientes esperaram por uma nova informação que restabelecesse a realidade em que desejávamos ainda estar. Não foi o que aconteceu.

Os vigias, ainda espantados com o que estavam ouvindo, demoraram até responder ao que lhes foi pedido. Eles seriam rendidos! Enquanto os “policiais” desarmavam os vigias, eu ainda tentava entender o que estava acontecendo. Talvez ainda me perguntando qual dos clientes queria assaltar o banco.

O líder, do que, tardiamente, entendemos se tratar de uma quadrilha, falou:

– Mantenham a calma. Estamos assaltando o banco, não vocês. Colaborem e sairão daqui andando. Peço que todos se dirijam para aquela parede. – Nós seguimos para o lado onde são passados os materiais metálicos, o mesmo local que havia servido para um dos vigias receber suas instruções. Ficamos longe das mesas ou de qualquer outro objeto. Só então pude perceber que o som das sirenes não existia mais e que o banco estava com suas portas fechadas.

Os clientes que estavam nos caixas eletrônicos agora eram trazidos para se juntar a nós.

Dois do grupo ficaram conosco, enquanto o gerente foi levado aos fundos do banco pelos demais.

Os dois que ficaram estavam com duas malas, que durante a confusão haviam passado despercebidas. Abriram uma delas e começaram a tirar algemas.

Eles revistaram as pessoas em busca de celulares e depois as algemaram com as mãos para trás.

Em seguida ligaram um cliente ao outro usando novas algemas que prendiam o antebraço direito de um cliente ao antebraço esquerdo de outro sucessivamente com o que parecia ser um robusto laço plástico, formando assim uma fila de algemados.

Fui o primeiro e o Enzo, que estava do meu lado nesta hora, foi o seguinte. Quando acabaram, disseram que ficássemos ali parados. Vi o gerente voltar dos fundos com um dos assaltantes e pegar um CD e um molho de chaves de uma escrivania. Um daqueles que nos cuidava pegou as duas malas e foi para os fundos após todos nós estarmos presos uns aos outros.

Menos de cinco minutos se passaram até que todos voltassem, e eu demoraria todo o dia para entender o que havia acontecido.

Os três voltaram dos fundos agora com quatro malas cheias. Eram malas maleáveis, que provavelmente estavam entupidas de dinheiro. O banco lidava diariamente com inúmeros saques de valor elevado.

O líder deles trouxe o gerente, já algemado, para o nosso grupo, prendeu-o a uma senhora que estava no meio da linha de pessoas que as algemas haviam formado e o algemou a um cano de aquecedor próximo a nós, ao nível do chão, o que o fez ajoelhar. Depois se dirigiu ao Enzo e a mim. Eu não podia acreditar...

– Escutem bem o que eu vou falar. Qualquer sinal de não colaboração será corrigido com tiro. Acreditem. – Toda minha atenção ficou voltada para ele. – Nós sairemos daqui como policiais que atenderam a um chamado de socorro e, para isso, precisamos que existam bandidos. Concordam? – Continuamos parados olhando para ele. – Bem, vocês dois serão esses bandidos. – Levamos um susto enorme naquele momento, que logo foi substituído por puro medo. – Não se preocupem. Dez quadras daqui nós os liberaremos. – Não tivemos reação nenhuma, o que o fez continuar. – Isso não é um pedido. Vocês podem sair como bandidos comportados ou resistentes, o que influenciará se serão liberados por nós daqui dez quadras ou não. O que acham? – O assaltante falou com uma serenidade usada ao ensinarmos filhos a escolherem o caminho certo, mas sem a complacência dos pais. Rapidamente respondemos-lhe mostrando as algemas que uniam o Enzo ao restante do grupo.

Saímos do banco como ladrões. Não havia nenhum veículo nas calçadas e nenhum barulho de sirene. Depois de fecharem a porta do banco, eles nos levaram a um furgão estacionado a dez metros dali. No para-brisa traseiro tinha um adesivo escrito: *polícia*.

Na rua, havia apenas uma meia dúzia de curiosos que testemunharam a agitação.

Infelizmente, a única reação que tiveram foi aplaudir a nossa “prisão”.

# Capítulo 4

Entramos em um furgão, onde cobriram nossos rostos com um capuz. Nem eles nem nós falávamos, mas depois de algum tempo percebi que as dez quadras prometidas há muito haviam passado. Perguntamos o que estava acontecendo e fomos ameaçados; quando insistimos, eles nos agrediram. Evidentemente, o que quer que disséssemos não faria com que aqueles homens mudassem os seus planos. Então, sem opções, me mantive em silêncio. O Enzo pareceu pensar o mesmo.

Depois de umas duas horas de viagem o carro parou. O líder apenas nos disse que conversaríamos em seguida. Outros dois nos arrancaram do carro e nos levaram para dentro de uma casa, onde tiraram o nosso capuz, mas permaneceram com os seus. Pelo barulho de pássaros e pelo cheiro do ar, a casa se localizava no campo.

Lá dentro, percebi que havia uma sala de jantar à esquerda e outra de estar à direita, ambas davam para a frente da casa. Terminando as salas, havia um corredor central que dividia a casa em dois. O corredor se estendia até os fundos, tinha portas a sua esquerda e direita e, ao fundo, uma parede o interrompia. Fui levado em direção ao corredor e pude ver que, do seu lado esquerdo, existiam duas portas. A primeira dava para um banheiro, e a segunda, para uma ampla cozinha. À medida que era levado aos fundos notei que, apesar da casa ter sofás e cozinha mobiliada, não era uma casa onde alguém morava. Faltavam-lhe tapetes, quadros, fotos, qualquer coisa que a fizesse um lar.

Do lado direito do corredor havia outras duas portas de madeira. Uma no início e outra bem no final. A primeira dava para um quarto e a outra estava fechada. Percebi que o meu destino era a última porta.

Enzo e eu estávamos nitidamente abalados, e a tranquilidade com que eles agiam e nos conduziam me deixava ainda mais preocupado.

Estranhei a porta abrir para o corredor em vez de estender-se para o cômodo e fiquei perplexo ao ver que, justaposta a esta porta, havia ainda outra, desta vez feita de grades de ferro. Imediatamente entendi que se tratava de uma cela. Foi aterrorizador! Em seguida fomos empurrados para dentro dela.

O Enzo, antes de mim, perguntou ao que nos guiava com uma indagação desiludida e impotente. – Alguém vai nos explicar o que está acontecendo? – A resposta veio imediatamente: – Sim, o senhor Mathias lhes explicará quando achar necessário, mas lembrem: isso não é uma prisão. – E fez uma pausa. – Aqui vocês não têm direito algum. Então, por favor, não nos peçam para lembrá-los disso... – Depois fechou as duas portas atrás de nós.

Eu estava consternado e o Enzo não podia me dar respostas. Fiquei olhando em volta, não acreditando no que estava acontecendo. Havia dois colchonetes com uma coberta e duas mudas de roupas em cada. A cela parecia ter uns quatro metros de cada lado. O reboco estava à vista e existia uma abertura para fora com grades a uns dois metros de altura do chão, na parede que dava para os fundos. Para todo lugar que olhava eu me desesperava ainda mais. Não devia ter passado nem meio minuto desde que eles haviam nos deixado quando abrimos, quase que juntos, a outra porta que tinha na cela.

Ela ficava na mesma parede da porta gradeada a sua direita e dava para um banheiro sem ventilação. Enquanto o tempo passava, o abatimento se instalou.

Desolado, fiquei com os meus pensamentos, que, depois de um tempo, se mostraram insuficientes para me responder uma simples pergunta: por que eu estava ali? Tendo visto todo o local, só o que sabia é que nós não havíamos sido levados para lá por engano. O que quer que tenha acontecido,

trazer precisamente duas pessoas para este lugar estava dentro dos planos.

– Enzo? – Sussurrei.

– Oi, Carlos. – Me respondeu claramente abatido, sentado em um dos dois colchonetes delgados que tínhamos.

– Você tem ideia por que estamos aqui?

– Não. Você tem? – Falou meu vizinho, mostrando-se surpreso e apático concomitantemente.

Na verdade, acredito que aguardávamos mais informações para de fato entrarmos em desespero.

– Também não, mas não estamos aqui por acaso. – Era obviamente o que o lugar nos dizia.

– Percebi. – O Enzo fez uma pausa e logo em seguida me mostrou que estava disposto a encarar com um resquício de sobriedade a situação. – Ainda não conseguimos entender por que estamos aqui, mas, com o que vimos, já podemos tentar entender com quem estamos lidando. Concorde? – Em uma conversa futura me explicaria o porquê dessa sua atitude desde o primeiro dia. *“Controlamos aquilo que podemos controlar e nos adaptamos àquilo que não”*.

– Continue, Enzo.

Sentados um ao lado do outro em um dos colchões, Enzo falava baixo. – No caminho até aqui fiquei pensando no roubo para deduzir se eles pretendiam nos matar ou apenas nos soltariam mais longe. Concluí que não seríamos mortos. – O pensamento racional, naquele homem, e quero acreditar que posso me incluir, predominava sobre o emocional. – Com a organização que o grupo demonstrou, eles não vão aumentar as suas penas e a repercussão do assalto, se isso não for extremamente necessário. Pense no roubo. Quanto tempo de planejamento!? – Enquanto o Enzo continuava a falar, eu me mostrava de acordo com a conversa e com as suas suposições. O que mais nos restava fazer além de falar sobre tudo aquilo? – Ao chegarem com as sirenes ligadas, senti que havia algo de errado, mas que a ajuda já estava lá. Provavelmente nenhum alarme deve ter sido acionado. Qual o propósito? Ao pedirem para os seguranças sacarem as armas, induziram todos a legitimar as suas intenções de ajudar-nos.

– Cada passo que eles faziam dava suporte ao passo seguinte. – Resumi.

– Exatamente. Planejamento... Com excelente execução. – Por segundos Enzo abateu-se, depois desabafou baixo: – Mas que droga! – Uma afirmação displicente que exteriorizava a evidente frustração por começar a entender com quem estávamos lidando.

– Eu não ouvi sirenes durante o assalto. Você reparou? – Perguntei levando a conversa adiante, ignorando o sentimento de impotência, já que ele não nos seria proveitoso. Na verdade buscava forças para não me abater.

– Não reparei. – Respondeu Enzo.

Continuei: – Quando eles já estavam dentro do banco as sirenes cessaram. O risco que correram de, por acaso, polícias estarem de passagem por ali e viessem dar suporte foi pequeno e ainda deve ter durado apenas dois ou três minutos.

– Alguém tirou os carros do lado de fora... – Percebeu Enzo.

– Sim. O que nos diz que no mínimo eles estão entre cinco ou seis... E que, provavelmente, matar ou render polícias que prestassem ajuda estava dentro do planejado.

Pela cela, já sabíamos que havia alguma razão para precisamente duas pessoas estarem ali. Nós tínhamos alguma serventia para eles.

– O que quer que esteja acontecendo, o nosso valor não é o de refém de um assalto para negociarem caso algo desse errado. – Enzo tomou coragem para a sua próxima afirmação. – Fomos sequestrados! – Assumi com tristeza na voz.

– Você acha possível que eles tenham assaltado e sequestrado na mesma tacada?

– É muito possível. – Ao ratificar em palavras o meu medo, Enzo pôs fim a nossa conversa.



Nenhuma informação cedida por nós poderia aliviar o outro. Sobrou para cada um entrar no seu inferno particular acompanhado apenas com os seus pensamentos.

Quando percebi que pensar na família me fazia mal, resolvi mudar de foco. O único foco que a minha atenção concordou em atender era continuar avaliando a situação, o bando e aquele lugar, que agora já podia chamar de cativeiro. Foi o que fiz.

# Capítulo 5

Quatro horas após nossa chegada, o Mathias foi nos ver, já havia anoitecido.

Assim que ouvimos que alguém estava abrindo a porta de madeira da nossa cela viramos o rosto para a parede contrária. Uma porta gradeada interna ao quarto ainda nos separava do homem.

– Boa-noite, senhores. Podem se virar. – Após ouvi-lo, expus em forma de pedido uma preocupação particular nossa. – Senhor Mathias, por segurança não queremos ver o seu rosto. No banco estávamos apavorados e mal pudemos vê-los. Sabemos da fisionomia de vocês tanto quanto as pessoas que deixaram no banco. – Na verdade, até pouco antes deles colocarem os gorros que deixavam à mostra apenas a boca e os olhos, eu estava mais preocupado com os clientes ao meu lado do que com o grupo de “policiais”. Imagino também que o gerente deva ter sofrido alguma ameaça que o convencesse a entregar todas as gravações dos vídeos de segurança. Eles não cometeriam o erro de deixarem uma gravação que os identificasse. Estávamos em 1998 e as gravações permaneciam no banco em vez de na internet.

– Fiquem tranquilos. Se vocês cooperarem voltarão para suas famílias. Agora peço que se virem.

Eu estava com medo, mas respondi com a voz firme e alguma aspereza. – Só lhe faço este pedido. É apenas um pedido, não uma negociação. Entendemos que é de nosso interesse colaborarmos com o senhor. – Falei não só usando a razão, mas a verdade. Eu faria o que ele mandasse. Orgulho e princípios, já há oito horas, entendia ser privilégio das pessoas livres.

– Então comecem a fazer. Se virem agora.

Nós o atendemos lamentando o fato e foi um grande alívio quando vimos o mesmo gorro do banco cobrindo o seu rosto.

O Senhor Mathias continuou. – Mais calmos? Agora me escutem. Vocês sairão daqui vivos, como já disse; basta mostrarem boa vontade. Na verdade, muita boa vontade. Tudo bem?

– Tudo. – Dois homens maduros e que até horas atrás também eram independentes responderam como se estivessem no colegial.

Mathias, então, foi categórico.

– Bem, vocês ficarão por aqui por pelo menos três meses. – Falou também com indiferença, apenas relatando o que aconteceria.

Três meses!? Eu simplesmente não pude acreditar. Demorei para registrar até que o pavor chegou e se instalou controlando a minha mente por segundos até que voltei a uma lucidez que desejava rejeitar. Não era possível. De um pesadelo eu passava para outro. Minha ânsia somava-se agora à agonia e esses sentimentos pareciam querer sair pelo meu peito.

Constatei enraivecido que não se iniciaria uma negociação para devolverem nossa liberdade.

Minha vontade era de começar a chorar, como há muitos anos não fazia, e não parar mais. Aquele homem conseguira me fazer querer voltar a ser criança, esperar e só parar quando alguém me atendesse. No entanto, saber que nada abrandaria aquela situação foi útil e ajudou-me a conseguir segurar na garganta e no osso o que ouvira.

Mathias continuou sereno ao nos falar, porém acrescentou um suspiro de impaciência por não termos contido por completo nosso sentimento. – Vou lhes explicar. Do banco hoje levamos, além de dinheiro, joias. Pretendo daqui a dois meses começar a vendê-las e preciso da sua ajuda. – Falou perceptivelmente se dirigindo a mim. No momento eu olhava para o chão, mas imediatamente o olhei nos

olhos.

– Como eu posso ajudá-lo? – Disse surpreso.

– Você não estava no banco por nada. Ligamos para você ontem.

Mathias aguardou um momento para que eu entendesse sozinho. Rapidamente percebi o que havia acontecido. Ninguém estava me roubando. Por isso o “gerente da minha conta” me passou tão rápido para o seu superior... Meu Deus! Eles esperavam por mim hoje. Onde eu entro nessa história?

– Boa notícia, não? Ninguém está lhe roubando. Nem vai, mas preciso que me ajude a vender essas joias no mercado. Disse dois meses para começar porque acredito que menos que isso chamará atenção. Fique à vontade para discordar, mas também fique ciente de que o meu fracasso será pago com as suas vidas. Podem acreditar. Também acreditem que, no sucesso, ganharão elas.

Minha sorte foi que já havia assimilado minha impotência e em que lugar ela me colocava. Caso contrário seria ainda mais desgastante passar para as fases seguintes.

– Parte do meu negócio gira em torno de pedras preciosas. Posso ajudá-lo, sim. – Eu comprava e vendia roupas e acessórios de luxo; dentre eles, relógios, pulseiras, anéis e colares.

– Que prontidão... Bom sinal! Espero que aja à altura. Ao senhor Enzo... Você entrou de carona nessa história por duas simples razões. A primeira foi para não chamar atenção de por que Carlos ter sido levado no assalto, se é que isso criaria alguma suspeita.

Para se assegurar o senhor Mathias voltou a se dirigir a mim. – Seu envolvimento com joias é secundário, discreto, estou certo, senhor Carlos?

– Posso chamá-lo até de terciário, apesar de conhecê-lo muito bem.

Eles haviam me escolhido pelo meu envolvimento com joias não chamar atenção, visto a variedade dos meus negócios.

– Que bom para nós! Foi sorte sua, Carlos, ter vindo com alguém no banco; assim desfruta da companhia de um amigo em vez de um desconhecido escolhido ao acaso. O isolamento e maus-tratos podem trazer insanidade a você, o que não seria adequado a nenhum de nós, sendo assim, neste cativeiro será tratado mais como prisioneiro do que como vítima de sequestro, mas tudo muda se você não cooperar. O que nos traz a outra razão de uma segunda pessoa aqui. – Dirigiu-se agora ao Enzo. – Melhor escutar bem, Enzo. Você será, dentre outras, uma das moedas de negociação com o Carlos, contanto, é claro, que ele não deseje ficar sozinho. Qualquer atitude mais drástica da nossa parte será iniciada com você, já que não desejo que o Carlos por azar venha a morrer por um corte que infeccionou. Dessa forma, Enzo, espero que o ajude a colaborar. – Falou contundentemente.

– Lembre do valor dele, Carlos, aqui você não terá grandes distrações. Também os deixarei ficarem com o relógio, para o bem-estar de vocês, e ganharão algumas revistas após cada transação de joias. Coisas desse tipo. Por querer que você mantenha o discernimento para o trabalho que virá, o tratarei como um preso de uma prisão razoável. Como disse, não quero que enlouqueça, mas cuide para não perder esse privilégio. Mais alguma pergunta?

– Sim. – Enzo respondeu com cautela, mas corajosamente, indo ao encontro do que eu queria muito saber. – Nossas famílias vão pensar que aconteceu o que conosco?

O Senhor Mathias falava sempre como se tudo isso se tratasse apenas de um negócio. – Pensarão que vocês estão mortos. A polícia logo encontrará o veículo que usamos na fuga; dentro encontrarão uma pá suja e as digitais de vocês. Mas pensem positivo: se vocês saírem daqui vivos darão o maior presente que as suas famílias abastadas já receberam. Caso não saiam, pelo menos eles nunca saberão pelo que passaram. – O Mathias sorriu. – Senhores... Por hoje é isso. Agora descansem, por favor.

Enzo insistiu. – Me desculpa, Senhor Mathias, mas gostaria de lhe fazer mais uma pergunta. – Disse respeitosamente.

– Fale.

– Em vez das joias, por que não pedem resgate a nossas famílias? Eu tenho muito dinheiro, grande parte com liquidez.

Sabíamos fragmentos de informações a respeito deles e foi com estes fragmentos que Enzo se baseou para propor um novo negócio. Caso o Mathias optasse pelo pagamento de resgate, mais cedo ou mais tarde a polícia entraria na negociação e muitas vezes é ela que acaba por garantir a vida dos sequestrados. Poderia ser a única chance de sairmos vivos. Admirei a atitude e a coragem do meu vizinho, mas nós estávamos mal informados.

O Senhor Mathias pareceu não gostar da pergunta. – Senhor Enzo, me decepciona vir de você uma pergunta dessas. Um homem com a sua formação. Que saiu de uma família do campo e venceu em uma cidade próspera do interior.

Haviam passado apenas quatro horas e, ao falar informações pessoais de Enzo, mostrou-nos os recursos de que dispunha e o nível do grupo que chefiava, já que, na época, a busca de informações ainda não tinha sido democratizada.

– O que vocês podem me dar em dinheiro eu conheço, mas não é metade do que posso ganhar com a ajuda do seu amigo e ainda é imensamente mais arriscado. Percebi que a minha educação foi mal interpretada pelo senhor e isso criou a necessidade de uma nova apresentação. – Inspirou fundo, dando sinal de que algo de ruim viria. – Pois bem, para serem eficientes, é necessário que trabalhem como uma dupla e que esta dupla seja disciplinada. Falei que aqui seria uma prisão razoável, não uma prisão modelo. Tirando a morte ou cortes, saibam desde agora que o erro de um é pago pelos dois. Falarei apenas uma vez e torço para que me atendam de imediato; depois os deixarei sozinhos para conversarem. Venham até a grade e ponham suas mãos para fora. O desrespeito de vocês será repreendido com um choque, mas não se preocupem... Não mata. O Senhor Mathias passou a outro homem um aparelho semelhante ao utilizado para autodefesa.

Obedecemos ao pedido sem mesmo nos olhar. O homem se aproximou de mim, e eu estranhei, ao ouvi-lo baixinho, me pedir desculpa. Imediatamente depois, atendeu a ordem.

A força do choque foi tremenda. Caí sentindo todos os meus músculos se contraírem. Minha cabeça bateu com força no chão frio de cimento e, enquanto eu ainda me retorcia e sentia a saliva escorrendo pelo canto da boca, ouvi o berro do Enzo e o seu corpo caindo ao meu lado. Com os meus olhos próximos ao piso, fui invadido por um sentimento avassalador de desespero e solidão.

# Capítulo 6

Mais de vinte dias haviam se passado. Um período interminável. Tinha a impressão de que aquela cela era o local onde mais tempo havia estado. Conhecia rachaduras do reboco, irregularidades amplas e pequenas que destoavam da intenção de fazer uma parede absolutamente reta. Conhecia os trajetos das formigas e quanto tempo demoravam a reutilizá-los após eu ter apagado com os dedos o caminho de feromônios deixado por elas. Nossa barba já havia crescido e me sentia física e mentalmente bastante envelhecido.

Por falta do que fazer, acabei por gastar muita energia analisando o lugar. Meço tudo o que se tem para medir utilizando a minha altura de um metro e oitenta e o meu palmo, com vinte e dois centímetros.

Nossa cela é quadrada, com quatro metros e meio em cada lado. Fica aos fundos e à direita da casa. O banheiro é comprido e deve ter uns quatro metros da porta ao seu final com um metro e cinquenta de largura, dentro, uma pia, um vaso e um box para banho. As duas portas ficam na mesma parede e são paralelas ao corredor da casa, que passaria pelo nosso banheiro se continuasse até os fundos.

As paredes têm quase três metros de altura e, na parede que dá para os fundos, há uma abertura para a entrada de ar com duas barras de ferro verticais, com um palmo de distância entre elas e delas para a parede, criando três espaços equivalentes.

Essa ventilação, há muito tempo já chamamos de janela e mais tarde se tornará alvo da nossa atenção. Ela tem trinta centímetros de altura, setenta de comprimento e dois tijolos deitados, mais o reboco de cada lado, de profundidade. As paredes eram como dois muros colados.

A janela se inicia aproximadamente a dois metros do chão e, no nono dia, sabíamos disso pela data que o meu relógio informava; começamos a estipular horários para que um levantasse o outro para apreciar o mato. Em média, são três vezes por dia, uma por turno, cinco minutos cada. De roupas, temos duas mudas e as que vestíamos no dia da chegada; de objetos, apenas colchonetes, cobertas, travesseiros e sabão. De “regalias” temos chuveiro, boa iluminação elétrica, pia e papel higiênico.

Comemos duas vezes ao dia. Chamamos de Guardião o único homem que, ficou conosco. O mesmo a nos aplicar o choque no primeiro dia que, como todos, mantinha-se sempre de gorro ao falar conosco.

Tomamos conhecimento de sua presença aqui apenas na entrega das refeições; no resto do tempo o único barulho que ouvimos era o feito por nós e pelos pássaros.

A comida é servida quente e farta. Comemos o que ele comeu no dia, esporadicamente a sobra do dia anterior. Geralmente massa com algum molho. Quando recebemos purê ou um bife, como há três almoços, é motivo de festa para nós.

Evidentemente, durante este tempo, o Enzo e eu criamos um grande vínculo, mas o processo não foi fácil, nem se consolidou de um dia para o outro.

Após a primeira e única conversa que tivemos com o Mathias, vieram três dias sombrios para nós. Começamos a digerir o que havia acontecido conosco e não demorou para que isso nos desestabilizasse.

Nosso primeiro dia aqui foi silencioso, depois emitíamos pequenos resmungos, até que a frustração acumulada nos pediu para ser liberada, no caso, no outro. Descobrimos o quão longo podem ser vinte e quatro horas. Discutimos, nos alteramos e por um breve momento, que mais tarde foi corrigido

com desculpas, o Enzo insinuou que eu deveria ter suspeitado do “gerente” do meu banco.

Um homem admirável, que como eu, perdeu o controle de si depois de perder o da situação.

Foi durante os períodos menos atribulados, quando compartilhamos conceitos de família, nossas expectativas e planos antes do cativo, que conseguimos ver além de nós para enxergarmos o outro – o que nos uniu.

Além da vida em comum que descobrimos ter, estarmos juntos na pior situação em que qualquer um de nós já se encontrou criou-nos uma forte conexão.

Os três primeiros dias após termos recebido o choque se passaram e, a partir deles, mais três vieram até nos sentirmos cada vez menos aflitos.

Causou surpresa constatarmos isso. Menos que uma semana. Como o medo havia diminuído? Não nos preocupávamos com nossa família? Não tínhamos apego à vida que nos foi tirada? Certamente me preocupo com minha família, passo horas pensando no que devem estar sentindo e com certeza sofro pelo que me foi privado. Só que depois de alguns dias sombrios vivendo esses sentimentos algo mudou.

Foi em determinado momento do sexto dia que, racionalmente, decidi lutar para sair do fundo do poço, pois ninguém viria me tirar dele. Decidi então me apegar àquilo que ainda tinha e consegui isso de forma pouco convencional:

Imaginei-me como morto.

Permiti supor que algo houvesse dado errado durante o assalto e que, como consequência, tivesse morrido.

O que fiz em seguida foi comparar a minha suposta morte com a realidade em que me encontrava. Como diferença fundamental, identifiquei a vida e as esperanças que ainda tinha. Foi assim que encontrei no que me apegar: eu ainda estou vivo.

Além de fazer tudo que está ao meu alcance para ajudar a quadrilha, e por consequência me ajudar, não cabe mais a mim outra responsabilidade. Ao aceitar isso, senti que conseguiria viver um pouco melhor com o tempo que me fosse dado. Como se antes de morrer eu tivesse recebido o direito de olhar para a vida, avaliar o que fiz e me despedir dela. E ainda, se o prometido pelo Mathias acontecesse, eu estaria psicologicamente saudável para retornar a minha família.

Ao decidir descartar os meus martírios e me fixar no que tinha, me permiti também sair do luto. Contudo, esse pensamento racional precisava estar alinhado com o emocional para se fazer valer. Daí a segunda mudança ocorreu espontaneamente.

O meu próprio corpo me socorreu e me induziu a sair da fossa e a voltar ao estado que ele estava habituado.

Vi que grandes frustrações ou alegrias podem encontrar dificuldades de se perpetuar por ser desgastantes demais para o corpo suportar estados emocionais extremos por muito tempo. O corpo normalmente não aguenta! Então, alguns dias após eu viver intensamente a depressão do meu sistema hormonal, senti que ele estava se reequilibrando independentemente da minha situação.

Eu já conhecia essa tendência do corpo de voltar para o estado emocional que estamos acostumados a ter. Falei muitas vezes sobre ela em palestras a empresários, mas sempre chamei a atenção pelo seu lado negativo.

Quando vamos atrás de melhorias para nossa vida, frequentar uma academia, iniciar um *hobby* ou se entusiasmar por um negócio, nossas vontades se encarregam de nos proporcionar hormônios que viabilizem a tarefa.

Essa disposição permanece conosco por algum tempo, às vezes uma semana, às vezes um mês; contudo, mesmo racionalmente estando satisfeitos por estar fazendo o que nos propomos ou com a sensação boa da endorfina após uma sessão de academia, o corpo tende, e faz isso com força e tempo

considerável, nos trazer de volta ao quadro hormonal a que ele estava acostumado antes de nossa investida. Como se ele estivesse viciado naquela composição, mesmo que a atual nos faça melhor.

Saber dessa armadilha faz a diferença quando nos propomos a sermos melhores, a nos sentirmos melhores. Porque quando este mecanismo natural for acionado, ter consciência de que não foram os nossos objetivos que deixaram de valer a pena, nem que foram supervalorizados anteriormente, mas sim que é o corpo viciado na composição hormonal anterior que está agindo, esclarece o que estamos passando.

A mudança continuará um desafio, mas ele terá um novo rosto: permanecer tempo suficiente em nosso projeto até que ele se torne um hábito e o corpo se “vicie” a uma nova realidade.

Todavia, desta vez o mecanismo estava a meu favor, já que ele havia ajudado a me reerguer.

Foi assim então que, depois de inúmeras palestras, de derrotas e vitórias travadas com ele, talvez eu tenha entendido o seu propósito de existir. Esse regulador hormonal havia me auxiliado a me reestruturar depois de uma crise.

Então, com a minha razão e emoções mais equilibradas, senti confiança de que eu faria o que estivesse ao meu alcance para me salvar e, ao mesmo tempo, decidi aceitar, dentro do possível, o que não podia mudar.

Em breve, quando a espera fosse substituída pela ação, eu seria recompensado por me propor a buscar e a manter o equilíbrio psicológico logo no início.

# Capítulo 7

Antes que novas descobertas acelerassem e modificassem a dinâmica do cativeiro, construímos uma curiosa rotina para ajudar a passar o dia.

Pela manhã raramente conversávamos e no almoço daquele dia também pouco falamos. Mais tarde seguiríamos o silêncio matutino como regra; por enquanto o fazíamos por instinto de preservação ou bom senso. Começar cedo o diálogo poderia nos deixar saturados dele antes do final do dia. Então, se fôssemos conversar, iniciávamos a conversa, sabiamente, à tarde ou à noite. Enquanto isso, no turno da manhã, nos concentrávamos em exercícios físicos, infelizmente acompanhados por pensamentos sombrios e uma tristeza contida.

Começávamos o dia com alongamentos. Seguíamos parte da manhã fazendo abdominal, apoio e outros similares. Tudo o que ajudasse a passar o tempo. Nós pulávamos corda sem corda, treinávamos luta com o ar e fazíamos polichinelos até não conseguir mais. O Enzo, com 62 anos, aguentava muito bem, mas geralmente era o primeiro a cansar e entrar no banho, para ele um bom lugar para meditar. Neste tempo eu voltava para os abdominais.

Pela permissão de ficarmos com o relógio, podemos acompanhar o aumento gradual do tempo das atividades físicas, além de permitir sabermos em que dia estávamos na semana e no mês. A situação era muito difícil, mas, por eles precisarem da minha sanidade, pelo menos tínhamos comida quente, relógio, dois ou mais banhos por dia e a companhia um do outro. Também, depois do choque, não recebemos nenhum tipo de agressão física ou emocional. Não pensarmos na morte e lutar contra o tédio eram os nossos maiores desafios.

Durante os exercícios, tínhamos a autorização de não deixar cair a moral um do outro; então, quando um se abatia ou percebia o quão ridículo podia ser aquilo, o outro cobrava a continuação dos exercícios. Alguns destes precisavam de nós dois para serem realizados, além do ambiente ser muito pequeno para abrigar humores opostos.

Nossos últimos objetivos eram a saúde e os músculos. O que buscávamos exatamente era a quebra do tédio, da falta de propósito. Em última análise, havíamos criado um *hobby*, cuja razão de existir não ultrapassa a função de nos distrair, e, no nosso caso não seria exagero, de nos manter lúcidos.

Depois do almoço cada um deitava na sua “cama” e a partir dali a autopiedade e o sofrimento ficavam por responsabilidade de cada um.

Normalmente eu dormia cerca de uma hora com ondas de pesadelos em torno da vida do Lucas, da Laura e da Isabela. Quando acordava, geralmente o Enzo e eu nos entretínhamos conversando um com o outro.

Apesar do meu esforço contrário, a todo momento eu pensava nos meus filhos e na minha mulher. Como eles estariam? Como seria a vida deles caso eu morresse? Pensava nos meus filhos não tendo o seu pai quando precisassem. Sentia uma vontade insuportável de abraçá-los...

– Carlos? – O Enzo me chamou, após a sesta, me desviando um pouco do sofrimento. Ele estava deitado em seu colchonete coçando a “nova” barba com os olhos voltados para o teto.

– Fala, Enzo.

– Como é que você conheceu a sua esposa? – Enzo perguntou sem rodeios.

– Por que o interesse?

– Curiosidade. Você parece louco por ela.



– Quer mesmo saber?

– Claro.

Olhei para ele, talvez procurando por um olhar que me incentivasse, mas percebi que ele não tinha a intenção de parar de olhar para o teto. Foi neste momento que entendi que a intimidade que tínhamos era tamanha que nossas conversas não mais necessitavam de uma razão ou justificativa para serem iniciadas, tampouco de atenção visual. Voltei então o meu olhar para o mesmo teto e lhe contei a história.

– Foi há treze anos. Nós dois tínhamos 28. – Eu falava com calma e certa didática à medida que submergia num mar de lembranças. – Ela tinha se formado em Direito há quatro anos e eu há cinco em Administração. Nos encontramos em uma festa na casa de um amigo em comum. Havia umas trinta pessoas. Eu tinha acabado um namoro de um ano fazia seis meses e estava me envolvendo com uma mulher atrás da outra na época.

– Oh, coisa boa! – Comentou com saudosismo e suavidade, e eu concordei sorrindo.

– Eu estava aproveitando ao máximo a vida de solteiro e aquela noite era apenas mais uma que faria. Na verdade, só entendi que aquela fase havia terminado depois de estar há um mês com a Isabela.

– O que houve na festa?

Ri por me lembrar do que tinha feito naquela abençoada noite.

– Eu estava com mais dois amigos conversando e decidimos sentar com o grupo dela. Fiquei interessado na Isabela de imediato, mas na hora de sentar acabei do lado de outra. Meu amigo, que tinha namorada e estava apenas nos acompanhando, foi quem sentou ao seu lado. A conversa de todos logo se tornou de duplas e mesmo ele sendo um cara sério, entrou na brincadeira e não avisou que era comprometido. Só no final consegui recuperar um pouco a atenção da Isa, mas ela tinha conversado a maior parte do tempo com este amigo meu e parecia ter se interessado por ele. Mas eu havia ficado vidrado naquela mulher de cabelos pretos, extremamente lisos e olhos verdes vibrantes. A festa continuou e os nossos grupos se separaram. Eu não me contive e logo em seguida conversei com ela. Junto com as suas amigas, me disse que estavam indo embora. Então, as parei como pude e lhes disse que nós havíamos gostado de conhecê-las e que queríamos pegar os seus telefones para combinarmos um encontro. A ideia foi bem recebida, já que as duplas haviam nitidamente gostado de se conhecer. Minha esposa – e eu brinco com ela até hoje, estava interessada no meu amigo e eu sabia disso. Então, fiz uma pequena troca de números. – O Enzo e eu tiramos o olhar do teto e sorrimos um para o outro sabendo que entraria uma traquinagem na história.

– Que troca, Carlos? – Enzo falou rindo.

– Dei-lhe o meu número no lugar do número do meu amigo. – Sorri com gosto de criança, mas desejo de adulto.

– E daí? – Perguntou Enzo.

Era difícil de deduzir? Assumi uma postura mais séria para explicar melhor; não queria passar a ideia errada. Fiz aquilo como uma brincadeira, mas objetivando uma mulher, não a brincadeira em si. Continuei minha história, mas, claro, não esquecendo também de sua graça.

– E daí que quando liguei para ela uma semana depois, no seu celular apareceu o nome do meu amigo. Ela até me chamou uma vez de Fábio e eu continuei sem corrigi-la. A convidei então para sairmos apenas nós dois. Falei que os meus amigos não poderiam naquele final de semana, mas que fazia questão de vê-la. Ela aceitou. – Nesta altura o Enzo e eu nos acomodamos sentados no colchonete. Eram raras as oportunidades de entretenimento.

– Seu filho da puta! – Falou Enzo, estimulando a narrativa.

– Dois anos mais tarde eu estava casando com ela, Enzo. – Me defendi bem-humorado.

– Mas essa não era a intenção na noite.

Vacilei um pouco. – É verdade! – Novamente demos risadas. Daquelas que homens e mulheres só dão quando estão falando do sexo oposto.

– Antes de sair liguei para o meu amigo dizendo o que faria. Um pouco talvez para não me levar tanto a sério e não me machucar caso eu caísse de queixo no chão. Acabei acompanhando as risadas dele. Então, comprei um buquê discreto de rosas, me vesti adequadamente e fui buscá-la para jantar. A caminho, dentro do carro, ria sozinho discretamente. Quando cheguei, a vi na portaria do seu prédio. Ela parecia uma princesa ali parada. Estacionei na frente e saí do carro, cuidando para que as rosas saíssem antes de mim. Não queria dar brecha para ela pensar que aquilo não se tratava de um encontro. Quando ela viu que não era o Fábio, mais tarde me revelou, tomou um grande susto, mas conseguiu se segurar. Dei a volta no carro, a beijei no rosto e lhe disse como estava linda. Ela agradeceu as flores, eu abri a porta do carro e nós saímos para jantar. A noite foi maravilhosa. Ela me encantou com a sua conversa e charme e vimos que tínhamos tanto ideias em comum como objetivos. Depois de uma semana ansioso pensando se daria certo, no final da noite, fui atendido quando ela me permitiu beijá-la. Meu coração disparou. Mais tarde, quando estávamos nos despedindo em frente ao seu prédio, já fora do carro, ela me demonstrou a honestidade com que em todos estes anos pude contar.

– Carlos, quero lhe dizer uma coisa... Eu me confundi na hora de anotar o telefone de vocês, e hoje, quando esperava por este encontro, pensava que viria o seu amigo. – Ela me falou isso com uma de suas mãos levemente segurando a minha, demonstrando que o que quer que ela havia pensado não importava mais. Eu lhe dei mais um beijo, olhei para os seus olhos e lhe respondi com carinho: – Eu sei disso. – Depois sorri, um pouco preocupado. – Eu lhe explico no próximo encontro. – Abracei-a e lhe falei no ouvido. – Vou cuidar para eu ter sido uma boa troca. – E já que estava ali por perto, aproveitei e lhe dei um último beijo. – Enzo, que praticamente me conheceu aqui, em uma condição de impotência, me olhou um pouco admirado.

– Mas que história, Carlos!

– Também gosto dela. – Muito tempo havia passado desde aquilo e eu chegava a estranhar o fato de um dia ter me apresentado a Isabela. Parecia que minha vida tivesse sido sempre ligada a ela ou a sua espera. Com a minha esposa desfrutei da maior e mais bela intimidade que tive com alguém. Dentre os amigos que fiz, ela foi a melhor. Dentre os amores, o maior. Saí do devaneio e voltei à conversa. – Mas por que a curiosidade, afinal?

– Tenho interesse nesses dias. Dias que têm importância suficiente para virarem datas.

– É verdade. Foi um dia que teve influência sobre toda a minha vida.

Fiz silêncio, ao mesmo tempo em que entendia que nas próximas semanas, independente de qual resultado teríamos, dias de grande influência estavam predestinados a nós.

# Capítulo 8

O dia passou normalmente. Eu sentia uma tristeza administrável. Pela manhã, ao pensar na minha caçula, lágrimas escorreram sobre o meu rosto e, ao tentar secá-lo, senti a minha barba, que, evidentemente, cada vez ficava maior, e percebi o quanto estava, de todas as maneiras, diferente. Porém, à tarde, eu ganharia uma boa razão para sorrir.

Foi sem querer que, no trigésimo dia de cativo, retomei algum poder sobre o meu destino. Foi casual e extraordinário.

Tomar banho quando quiséssemos era um dos poucos luxos que tínhamos e, após o banho, quando fui tentar abrir a porta, a maçaneta emperrou. Enquanto eu tentava girá-la, também a puxava e a empurrava, na tentativa de abrir a porta.

– Ficou trancado? – Perguntou Enzo.

Pergunta brilhante, pensei comigo. – Fiquei.

– Deixa que eu o ajudo. – Do outro lado da porta, o Enzo se levantou e se pôs a fazer o mesmo que eu. Girar, puxar e empurrar a maçaneta. Em um dos puxões elas acabaram se soltando da porta, mas esta permaneceu trancada. Eu fiquei com uma maçaneta na mão e o Enzo com a outra.

– Mas que merda! – Frustrou-se Enzo.

Eu havia ficado com a maçaneta que tinha o cabo que atravessava a porta. Coloquei-a de volta e o Enzo, do outro lado, engatou a outra. Mais manobras, até que finalmente a porta se destravou. Quando eu a abri, Enzo me olhou com surpresa, como se há muito não me olhasse, e exclamou.

– Você está salvo! – Me deu um abraço e nós caímos na risada.

Logo em seguida eu fiquei paralisado pela ideia assombrosa que me ocorreu. Algo que tinha potencial de mudar toda nossa realidade. Olhei sério para o Enzo.

– Me ajude. – Falei voltando as minhas mãos à maçaneta. – Puxe a outra. Solidariamente Enzo me atendeu sem mesmo entender. – Puxamos as maçanetas cada uma para um lado, até que de num tranco elas se soltaram novamente.

Fiquei olhando para a que estava em minhas mãos, a que tinha um cabo saindo dela, e me perguntei se aquela maçaneta robusta era a resposta das minhas preces. Sim, tinha de ser.

Enzo começou a enfraquecer o sorriso e a entender o que eu estava pensando. – Carlos, acha que podemos usar isso? – Até então não tínhamos nada forte o suficiente para desgastar alvenaria, no caso tijolo e cimento que envolviam as grades.

Enzo, ainda espantado com o que eu havia encontrado, pegou da minha mão a nossa futura ferramenta. Seu olhar inquieto me deixou mais convencido.

– Acho que podemos. – Respondi esperançoso.

Imediatamente ele se colocou na posição que ficava quando me servia de apoio para eu deslumbrar o mato. Pus o pé direito em suas mãos, depois subi com os dois pés em seus ombros. Comecei a raspar a maçaneta na base da “janela”, no miolo da parede, para logo constatar que ela mal o arranhava.

– Não está desgastando o cimento!

– Continue. Use mais força.

– Não adianta.

– Deixa eu ver. – Mudamos de posição. Ele precisava ver para poder aceitar.

– Mas que merda! – Enzo, com 62 anos, não costumava censurar as suas frustrações.

Ficamos de pé nos olhando, sem desistir daquela maçaneta.

Eu insisti. – Este metal é forte, mais duro que cimento. Nós vamos aproveitá-lo; só precisamos achar um jeito de usá-lo como uma talhadeira.

Por falta de opção, a outra maçaneta faria as vezes do martelo.

– Vai fazer barulho! – Disse Enzo, mas precisávamos tentar.

Na primeira batida que dei, o som foi baixo, mas tampouco avariou o cimento. Para causar qualquer dano precisaríamos aplicar uma batida mais forte. Contudo, o barulho criado poderia impossibilitar tal batida.

– Deixa-me descer. – Minha cabeça nesta hora transitava entre os objetos que podiam se interpor entre as duas “ferramentas” para abafar o som. Passei os olhos por tudo, o que se resumia a quase nada. Depois de tentar bater com a sola do sapato, o Enzo teve uma ideia, que concordamos ser a mais eficiente.

– Vamos botar uma tira de espuma do colchonete sobre a cabeça da maçaneta e usar a outra como martelo. O que acha?

– Pode funcionar.

Com a cabeça da maçaneta já almofadada e com o seu cabo apontado para o cimento, bati com força sobre a cabeça redonda da “talhadeira”.

A simples palavra que disse a seguir mal pode ser ouvida. – Fantástico... – Falei depois da batida, sendo contagiado por intensa felicidade.

– O que foi? Funcionou? – Peguei a pequena e bela lasca, que tinha poucos milímetros cúbicos e mostrei para o Enzo.

Olha. – Desci de seus ombros e ficamos rindo olhando para aquela miúda lasca. Subi novamente e entusiasmados continuamos a tirar lascas.

Ríamos baixo, com a adrenalina correndo no sangue. Naquele único dia, fomos descuidados com a logística que a tarefa exigia, mas a empolgação era justificável e irrepreensível. Estávamos dando o primeiro passo de uma longa caminhada, mas o que nos importava era que, até que enfim, estávamos caminhando.

# Capítulo 9

Continuamos a realizar exercícios físicos; eles deixavam o nosso corpo mais preparado para o esforço que a nova atividade exigia. Passávamos horas desgastando o cimento e precisaríamos de muitas mais para abirmos o espaço necessário. A tarefa nos cobrava tempo, dedicação e disciplina, e o perfil que possuíamos nos colocava à altura do desafio.

À tardinha, chegava o esgotamento físico e eu mergulhava em um mundo de fantasia criado por mim.

Após tomar banho, estava deitado no meu colchonete envolto nessas ilusões. Era um grande governante e discursava para o senado romano quando o Enzo, igualmente relaxado, com os dedos entrelaçados na nuca para apoiar a cabeça, interrompeu o meu devaneio. Iniciava-se a nossa última conversa despreocupada, depois dela a velocidade dos novos fatos roubariam toda a nossa atenção.

– Está pensando nela? – Perguntou Enzo, provavelmente tentando me tirar da fossa.

– Não. Eu tento, sempre que possível, pensar em outras coisas.

– Verdade? Ficamos bastante tempo em silêncio. No que fica pensando? – Por uma razão ou outra, ele queria conversar.

– Você vai rir de mim, mas fico fantasiando histórias.

– Como quais? – Perguntou com a sua costumeira suavidade de tom e voz.

– Como a de que sou um imperador romano e estou fazendo monumentos na cidade, guerreando com outras, coisas desse tipo. – Preparei minha risada para rirmos juntos de mim. Enzo pareceu rir de si e se levantou do colchonete.

Fui sincero, não só porque criamos uma forte amizade, mas também porque, quando estamos diante de uma situação de vida ou morte, nos tornamos pessoas mais francas e diretas. Não há tempo para desperdiçar, e a habitual cautela perde o sentido. Por sorte e força do destino, havíamos construído a nossa amizade sobre estes pilares.

– Me ajude aqui. Vamos sentar um pouco. – Disse Enzo, começando a me contagiar com a sua risada. Acho que ríamos da surpresa da minha partilha e, enquanto eu aguardava pelo seu comentário, enrolamos um dos colchonetes como se fosse um tapete e demos um nó com uma blusa de manga comprida, para mantê-lo dobrado. Criamos assim um gigante canudo de formatura.

– Carlos, eu faço algo parecido com o que você faz, acredita? – O colchonete enrolado se tornava uma razoável poltrona.

– É mesmo? – Falei para o Enzo, enquanto dávamos o nó no segundo colchonete. Depois sentamos um de frente para o outro e o Enzo continuou.

– Eu sempre encarei essas fantasias como um tipo de fuga. É possível que elas tentem compensar a nossa realidade, porém elas diminuiriam bastante comigo. Por volta dos quarenta anos...

– Foi quando abriu a sua empresa de veículos?

– Não. – Hesitou antes de continuar, como se tivesse dado conta de que acidentalmente havia entrado em um assunto que ele preferia censurar, mas depois continuou. – Foi por uma razão diferente. – Só estávamos nós dois ali e não iríamos para nenhum outro lugar. – Foi quando descobri que tinha um aneurisma cerebral. Havia no meu cérebro um vaso anormalmente dilatado. Na época realizar grandes façanhas perdeu a atratividade. O que me seduzia era a pura e simples vida; o resto se tornou supérfluo.

– Foi muito grave?

Enzo hesitou novamente, depois percebeu que evitar o assunto era tão desnecessário quanto difícil de acontecer. – Foi. – Desabafou sem parecer abatido. – Eu tinha grandes chances de morrer durante a cirurgia ou perder a visão. Minhas aspirações se focaram no que quase todos tinham: vida pela frente. – Sorriu de si novamente. – Me lembro de olhar para as mulheres que limpavam o meu quarto no hospital e pensar que elas eram infinitamente mais afortunadas que eu. Elas não estavam amarradas a um problema daquele porte e para sobreviver não precisavam passar por uma cirurgia de altíssimo risco. Não tinham lutas a travar, nem sacrifícios a fazer. Foi um período sofrido. – Apesar dele compreender como a experiência havia sido difícil, ele a contava sem destaque, como um fato já assimilado e que faz parte da vida.

Parecia-me que ele havia guardado sozinho aquela experiência por todos aqueles anos e hoje estava finalmente disposto a dividi-la. – Deve ter sido difícil o que viveu. Você se lembra bem do período?

– Isso já faz vinte anos e tudo continua bem vivo na minha mente. O sofrimento, geralmente, a gente não esquece. Você vai saber disso quando sair daqui. – Por causa da nossa singular situação, aquela frase foi recebida como um pensamento positivo.

– Deus o ouça, mas me conte da sua experiência. Você sentia inveja da saúde dos outros? É isso? – Tínhamos todo o tempo do mundo. Até ali, muitas das nossas conversas haviam nos ajudado a nos conhecer e era comum compartilharmos assuntos nunca antes compartilhados.

– Pode-se dizer que sim. Quando eu andava pelas ruas e via as pessoas seguindo com as suas vidas, eu desejava ter a vitalidade delas mais do que jamais desejei algo. Se vamos colocar nestas palavras... Eu posso dizer que também invejava a ignorância daquelas pessoas. A grande maioria não tem a menor ideia de quanto as suas vidas são frágeis e quão fácil é colocar de pernas para o ar tudo o que elas têm como certo.

– É verdade, Enzo. Eu não sabia antes de vir para cá.

– E você se sentiu frustrado pelo mundo poder continuar sem você? – Me perguntou Enzo.

– Senti. – Falei sem pudor em uma conversa que tinha como base a franqueza. – Inclusive, até a terceira semana, me preocupei até quando a Isabela ficaria de luto. É difícil aceitar que ela seja feliz com outro homem e desejar que ele seja um bom pai para os meus filhos.

Enzo concordou com os olhos. – Não se repreenda por isso, porque já senti o mesmo. As pessoas desconhecem o sentimento que dá quando entendemos que a vida segue em frente independente de nós. É óbvio que o mundo segue, mas entender é diferente de saber. E entender implica vislumbrar sem enfeites a nossa insignificância. Saber dela hoje em dia não me afeta, pois todos a carregam, mas me afetou na época, quando fui pego de surpresa e pensava que poderia morrer com mais este sentimento atravessado na garganta. Desculpa lhe falar isso, Carlos, mas se você tem este sentimento aqui é bom se tornar consciente dele para poder superá-lo.

– Eu o superei, Enzo. E já dei a minha bênção para todos seguirem bem com as suas vidas.

– Que bom, meu amigo!

– É uma das diferenças da nossa experiência e da sua particular, não é? Não vemos a resposta da sociedade. Não testemunhamos a indiferença dos desconhecidos, nem recebemos apoio das pessoas mais próximas. – Comentei.

– Não estou bem certo da sua última observação, Carlos. Talvez você fosse se decepcionar com o que visse.

– Como assim? – Não entendi ao que ele se referia.

– Estamos falando de apoio, não é? De uma situação em que as pessoas não podem lhe solucionar o problema, apenas apoiá-lo.

– Exatamente.

– Tem seus prós e contras.

– Fale dos contras.

Ele fez uma pequena pausa e falou calmamente. – Não pense que estar isolado é melhor, Carlos, porque não é. Eu tinha a minha família ao meu lado e consegui viver e lutar com a cabeça erguida. Foi difícil, mas eu saí muito mais forte e consciente da vida do que entrei; então não quero reclamar. Mas o que você colocou sobre ver a sociedade respondendo à situação é algo que na época me fez algum mal.

– Me explique melhor.

– O que vou lhe dizer diz respeito apenas a uma parte dessa experiência, do seu lado negativo. Pelo menos para mim. – Fui preparado para o que ouviria, depois ele continuou. – Passei dois meses de incertezas sobre o que aconteceria comigo e não escondia de ninguém sobre a minha situação. Quando as pessoas me perguntavam eu repetia o que tinha ouvido do médico. A situação é grave, a cirurgia é complicada e implica um risco alto de óbito ou seqüela, no caso, a minha visão. Quando tomavam ciência da minha situação, as pessoas se mostravam sensibilizadas, solidárias... Compadecidas. No entanto, percebi que, com exceção da minha esposa, o restante dos familiares e amigos seguiam facilmente com as suas vidas. Não os julgo por isso, porque também já tinha estado no lugar deles, só que fui pego de surpresa quando mudei de lado.

– A que você se refere?

– Foi algo sutil, Carlos, mas eu podia notar que as pessoas evitavam perguntar sobre mim para não terem que me ouvir, evitavam me visitar com medo de terem que ficar tempo demais. Não guardo mágoas de ninguém, de forma alguma, mas na época o que vi me deixou triste, talvez por estar mais fraco, precisando dessa força que imaginava que receberia.

– Foi assim, é? – Perguntei pensando nas pessoas que eu conhecia e na tranquilidade que as suas vidas deviam estar seguindo.

– Foi. Do começo ao fim, no melhor e no pior dia. Fui a jantares para mostrar que estava bem. Talvez para retribuir visitas ou telefonemas inibidos de consolo. Não faria isso de novo. Teria feito tudo pensando em mim e na minha família. Porque depois, quando estivesse só eu, o Roberto e a Ana no hospital, eu não me sentiria tão tolo por, naquele momento crucial, ter gasto minha energia pensando nos outros e achando que lhes devia explicação. Em vez disso, fiz coisas como ir em jantares. Eu via as pessoas sorrindo, combinando outros encontros, falando sobre roupas e planejando viagens de férias, e eu, do outro lado, nem sabendo se estaria ali quando as férias chegassem.

– Ninguém tem culpa do que eu estava passando, nem eu queria que eles se compadecessem além do que fizeram. Eu só queria ter entendido antes essas relações e, dentre elas, quem realmente importava. E lhe digo, como alguém que viu o seu mundo ruir percebendo que o vizinho ao lado estava preocupado com um televisor maior: o que mais importa é a sua família.

– Concordo com você, Enzo. – Eu realmente concordava, mas com algumas ressalvas. Porque, mesmo eu tendo perdido o meu pai aos 21 anos e minha mãe aos 26, recebo até hoje um cuidado quase que maternal da minha irmã e fui amparado por amigos, muitas vezes dentro do que para mim estava acima das suas atribuições.

Todavia, eu entendia a sua decepção. Talvez, até aquele momento, faltava-lhe distinguir as relações de amigos das descrições feitas em lindos romances e poesias e também defendidas, com certa hipocrisia, por indivíduos que adoram evidenciar virtudes e responsabilidades de determinadas relações para poder exigí-las do outro, não de si.

As pessoas, via de regra, cuidam de si e da sua família e, nos intervalos, se distraem com outras pessoas. Claro que se importam, que têm apreço e lealdade, mas esperar que um amigo atue com o comprometimento de um íntimo familiar é esperar demais. Posso contar com muitos amigos, mas é um

erro exigir mais do que eles podem me dar. *Expectativas desproporcionais tendem a levar-nos à frustração, e em uma cobrança fantasiosa pode-se perder um bom amigo.*

Contudo, o Enzo, como quase todos os amigos, precisava ser ouvido, não corrigido. Assim, eu estava disposto a lhe oferecer a melhor ajuda que ele aceitaria receber.

– E os seus irmãos? – Perguntei.

– Como todo mundo, meus irmãos tinham a vida e os problemas deles. Foram me visitar como os meus amigos também foram. Não é porque eu não recebi nenhuma ajuda significativa que vou dizer que isso não acontece; o que posso afirmar é que as pessoas são muito menos comprometidas do que elas se vendem.

Concordava agora com pouca ressalva. Existem pessoas comprometidas e elas são tão raras quanto preciosas.

– Vivendo e aprendendo, Enzo. E depois que você saiu da cirurgia, como ficou?

– O que não temos como mudar, temos que aceitar. E foi o que fiz. Mas aprendi algo muito mais valioso nessa experiência.

– Sou todo ouvidos.

– No hospital, senti o medo mais forte da minha vida. Senti medo por entender que, se eu morresse, o meu filho Roberto, com sete anos na época, talvez recebesse o mesmo descompromisso que eu recebi, e ao mesmo tempo senti um forte arrependimento por não ter percebido antes que a minha esposa era minha verdadeira companheira. Quantas vezes me esforcei para agradar mais aqueles mesmos amigos que a minha própria mulher. Tive mais paciência, fui mais educado, dei mais atenção e ri com mais força das suas piadas. Continuava a achá-los bons amigos, só entendi que amigo nenhum rivalizava com a amizade e o amor da Ana e que, caso eu sobrevivesse, ela deveria colher os frutos desse nosso comprometimento. Por isso gosto tanto de ouvir você se referir a sua esposa e filhos. Você vê a sua família da mesma forma que eu; depois desta experiência, vi a minha.

– Que bom que você teve a oportunidade de vê-los dessa forma, Enzo.

Eu falei isso calculando e lamentando o fato de que, aos 42 anos, dois anos mais tarde da sua cirurgia, a sua esposa faleceu. Ao mesmo tempo, o admirava e me sentia prestigiado toda vez que recebia a sua confiança.

Nós, por caminhos e experiências diversas, nos encontramos no cativeiro com semelhantes visões do mundo.

O relacionamento que usufruíamos seria fundamental para a execução do plano de fuga, dadas as suas dificuldades e exigências.

Para o nosso bem, podíamos contar integralmente um com o outro, e o momento de usar isso contra o Mathias havia chegado!



# Capítulo 10

No início do segundo mês, recebemos a visita do senhor Mathias, e de tão esperado por nós, somando-se a nossa pobreza em novidades, ficamos felizes em vê-lo. Paralelamente, o nosso plano de fuga estava em plena execução.

Logo após o almoço, a porta de madeira se abriu e o Mathias, encapuzado, apareceu sem ser anunciado. Agiu como se tratasse de uma reunião formal e rotineira e, sem delongas, mostrou para o que veio.

Lembro de olhá-lo e invejá-lo por ser um homem livre, de respeitá-lo mais que a qualquer professor ou superior que tive. Como nenhuma outra pessoa que me chefiou, ele tinha absoluto poder sobre mim. Só me restava segui-lo e torcer para que a sua liderança não fosse permanente.

– Boa-tarde, senhores. – Disse com respeito, o que fazia soar como deboche.

– Boa-tarde. – Sem querer, respondemos juntos, parecendo novamente dois garotos de colégio.

– Imagino que eu venho sendo aguardado. Pois bem, chegou o dia de você me mostrar o seu valor.

– Estou pronto para isso. – Respondi. O Guardião, também encapuzado, estendeu uma cadeira e uma pequena mesa ao Mathias. A presença do Guardião de certa forma me deixava mais calmo. Mesmo que tenha trocado poucas palavras conosco, foi sempre cordial. Fora isso, servia as nossas refeições com generosidade.

O Mathias tirou do seu bolso um pano preto e colocou sobre a pequena mesa a sua frente. Quando desenrolou cuidadosamente o pano, pudemos ver as joias preciosas contidas nele. Rapidamente comecei a pensar e fiz o cálculo do valor aproximado do material e deduzi que não poderiam ter roubado só aquilo.

Sequestrar dois homens e por consequência manter o vínculo com o assalto que realizaram por uma quantia pequena, se comparada ao possível valor contido nas malas abarrotadas de dinheiro que levaram do cofre do Banco, não fazia sentido.

Mexendo as pedras com uma das mãos, me perguntou quanto delas ele poderia vender na primeira transação. Fiquei em silêncio por um breve momento até ele continuar. – Não entendeu a pergunta?

Eu esperava há 35 dias aquela conversa. Era notável a inteligência do Mathias, mas negociar estava no meu sangue e eu não sairia sem receber em troca algumas respostas. Falei com calma e firmeza. Talvez fosse um risco, mas um risco necessário.

– Entendi, Senhor Mathias. Desde que conversamos pela última vez só o que faço é pensar em como vou ajudá-lo. Acredito na promessa do senhor, acredito que o seu sucesso será o nosso. O gorro sobre o seu rosto e a sua descrição me dizem isso, mas para melhor nos ajudar não posso ter receios das minhas respostas, nem censurar alguma pergunta por medo de uma punição. Por isso, para desde o começo dar o meu máximo tenho que poder ser franco e livre. – Fiz uma pausa que permitia a sua interrupção, caso o estivesse aborrecendo, mas ele apenas continuou a me olhar. – Então, respondendo a sua pergunta de quanto posso indicar para o senhor vender na primeira transação, respondo que depende de quanto o senhor tem no total.

– Explique.

– Se forem apenas estas, dividindo em três compradores, podemos vendê-las em uma semana. Já

se forem muitas mais, o senhor roubou alguém com muitos recursos para procurá-las e seria prudente vender no começo um pouco menos. O senhor está com o meu celular? Precisarei dele.

– Sim, estou. – Foi insignificante a sua pausa até dar sequência. – Isso que lhe mostro é um décimo do que tenho. – Rapidamente aquele homem filtrou o que eu havia falado e tomou uma decisão. Que por sinal, apesar de ser do meu interesse saber o total de joias para supor o tempo que ficarei aqui, foi a melhor decisão para ele. Seu discernimento afiado novamente me causou espanto.

– É uma única joalheria a antiga dona dessas pedras?

– Explique.

– Caso seja, pior para nós. Todas essas pedras sendo de um único dono nos diz que ele se trata de um gigante do mercado. Esse grupo miúdo de empresários tem mais poder e influência que todas as outras lojas somadas, da mesma forma que um rei tem mais poder do que todos os seus duques juntos. – Me permitir certa liberdade ao me expressar nos poupava tempo.

– É um único dono.

– Ele e o seu seguro irão procurá-los com toda a força de que dispõem. Todavia, neste negócio não há como fechar todas as portas. As pedras lapidadas se tratam de rubis, esmeraldas e diamantes?

– Sim. – Falou, desta vez de maneira mais colaborativa.

Por enquanto era o que eu precisava saber.

– Suas informações me foram muito úteis. Eu lhe agradeço... Mas vamos então ao que interessa. – Respirei fundo e, sentado na nossa poltrona improvisada, me projetei para frente. Lentamente eu explicaria a ele a estratégia de venda que havia desenvolvido no último mês. Esmerara-me para construí-la, já que uma estratégia errada custaria as nossas vidas.

– O senhor precisa, antes de tudo, abrir uma empresa de fachada de Lapidação, Compra e Venda de Pedras Preciosas. – Percebi a sua surpresa tanto quanto certa satisfação por ter me posto ali. – Isso acontece todos os dias e não será problema. Depois, sugiro que o senhor venda apenas um tipo de pedra para cada comprador. Ofertar todos ou mesmo dois tipos de pedras do grupo que a seguradora procura é um risco desnecessário. – Olhei para o Mathias para ver se estava de acordo com o meu ritmo e o percebi bastante atento. – Primeiro, venda as esmeraldas, que são as mais comuns. Além das pedras, eles provavelmente procuram por vendedores que estejam fazendo as suas transações no mercado clandestino. Não seguiremos por este caminho. Por esta razão temos que emitir notas fiscais para as suas pedras por esta empresa de fachada que abrirá. Sugiro que, com uma fração do dinheiro do roubo, compre esmeraldas brutas antes de vender as suas lapidadas. – Vi nele outro pequeno esboço de surpresa seguido de compreensão.

– Nesta transação o senhor fará o seguinte: comprará dez pedras brutas de tamanhos compatíveis para criar as joias que tem. – Depois fiz uma observação. – Aconselho que contrate um funcionário para conduzir as negociações de compra e venda. Nestas negociações, o senhor poderá se comunicar tanto com o funcionário por telefone quanto comigo, para me consultar sobre preços de mercado ou contrapropostas. Não diferente de como faria com um funcionário de confiança. Isso seria possível?

– Continue, Carlos, estou gostando do que estou ouvindo.

– O próximo passo será durante a compra dessas pedras brutas. Nela, o senhor pedirá que na nota venha, em vez de dez pedras, vinte ou mais. Ganharemos tempo com isso. Em uma conversa franca pode pedir isso e, se o primeiro vendedor não aceitar, o segundo aceita. Ele irá deduzir que deseja esquentar dinheiro da sua empresa declarando à receita federal que vendeu, depois de lapidadas, as vinte ou mais pedras referidas na nota. É ilícito, mas muitos comerciantes veem com naturalidade a prática de esquentar dinheiro oriundo de sonegações de impostos anteriores. Para os vendedores poderá ser um ótimo negócio, já que eles próprios poderão estar esquentando pedras que venderam sem emitir nota. Até

aqui o senhor me acompanhou?

– Mais do que imagina. Por favor, continue.

– Passamos para a segunda fase, que é quando deixamos as pedras brutas que o senhor comprou de lado e nos focamos nas joias vindas do banco, que têm muito mais valor. Caso compre dez pedras e consiga vinte na Nota Fiscal, poderá vender vinte joias vindas do banco, legitimadas pela sua empresa, que compra pedras brutas e as trabalha.

– Muito bom... – Disse moderadamente.

– Então chegamos à parte de transformarmos o produto em dinheiro. Nesta etapa poderá vender suas pedras até o número conseguido na nota, ou ainda, desta vez, fazer o oposto que fizemos na transação de compra. O senhor não mais irá “querer” superfaturar sua empresa, mas sim desejará subfaturá-la, ou seja, sonegar impostos. Venderá junto com as suas joias que conseguiu nota mais uma porção de joias sem nota. O interesse e a quantidade dependerão do comprador. A boa notícia continua a mesma, não faltam empresários que guardam uma boa parte dos seus negócios longe dos impostos. Então, correremos em duas vias e, em sentido contrário, os empresários neste ramo têm flexibilidade suficiente para atender a esta nossa necessidade. Assim, o senhor conseguirá, somando todas as transações, chegar a vender lapidado quatro vezes o que comprou bruto sem nunca passar por negócios clandestinos, onde a seguradora e os investigadores irão procurá-lo. Este será o seu ciclo até acabar a venda das esmeraldas. Depois fará o mesmo com os rubis, até chegar aos diamantes, sempre com compradores específicos para cada pedra. Indico eles quando quiser. – Fiz uma pausa aliviado depois de entender que o centro do plano havia sido bem recebido. – Em resumo, é isso. O senhor tem algo a perguntar sobre esta parte?

– Por enquanto não. – Disse satisfeito e passou para as suas dúvidas seguintes. – Como é feita a entrega das joias e o recebimento do dinheiro?

– O dinheiro é via banco. Você receberá e pagará com a conta da sua empresa. O seu funcionário pode fazer as entregas em pequenas vezes. Este precisará ser um avalista, que irá conferir valor às suas joias de acordo com a lapidação, o peso, a pureza e a cor. Para isso, é melhor que a sua empresa, apesar de falsa, tenha uma sede. Pode ser apenas uma boa sala, para receber pelo menos este seu avalista. Precisar que um do seu grupo seja o empresário e que, como tal, saiba sobre o negócio consideravelmente.

– Serei eu. – Respondeu Mathias, sempre objetivo; em seguida continuou. – Outro dia lhe pedirei que me ponha a par do negócio. Peço que se prepare tão bem como percebo ter se preparado para hoje.

– Com absoluta certeza. Não sei se preciso lembrar, mas é de nosso interesse que todos que tenham contato com o “empresário”, no caso o senhor, não possam identificá-lo futuramente.

– Se entendi, terei contato apenas com o avalista e uma secretária.

– Exatamente. E com estes funcionários é preciso que haja uma conversa que explique a filosofia da empresa, estratégias, capacidade de venda e compra, e, quando acabarem as pedras, é necessário informá-los sobre uma mudança de negócio ou mesmo falência, com devida indenização a eles. Volto a lembrar: é importante que eles não possam identificá-lo. – Era fundamental para ele e para mim esta parte, já que a ideia de me soltar e eu procurar este funcionário para descrever para a polícia o rosto de Mathias poderia ser um bom motivo para a nossa morte.

– De acordo. – Depois falou com um leve sorriso. – O meu disfarce também é partidário a sua soltura, não é? Eu não me esqueceria dela.

– Também é. – Ele sabia das razões que me beneficiavam; então eu aproveitei para lembrá-lo sobre as razões que me tornavam leal a ele. – Eu não quero deixá-lo em uma posição que possa pensar que, se eu for libertado, poderei ajudar a encontrá-lo. Não cogito esta possibilidade em primeiro lugar

porque isso colocaria a minha família em risco. Em segundo, caso eu seja liberado, terei a confirmação de que a sua intenção nunca foi me causar mal. Na verdade, é apenas um negociante como eu e, se honrar com a palavra, eu honrarei com minha. Acredite, terá a minha gratidão por isso.

Nos olhamos por um tempo em silêncio, depois ele falou me parecendo sincero.

– Dependerá de você isso e, honestamente, começo a acreditar que vai conseguir. – O Mathias se levantou e me estendeu a sua mão direita. Eu me levantei e nos cumprimentamos; logo continuou: – Peço-lhe agora que ponha no papel tudo o que me disse. Tome, todos os números do seu celular estão impressos nesta folha. Os que iremos usar coloque junto ao seu planejamento. – Mathias se virou e o Guardião fechou a porta de madeira.

Lutei durante a conversa para tirar de mim o desespero e a raiva que todos os dias sentia dele.

Contudo, ajudar os meus malfeitores nunca foi uma questão que conflitou com a minha consciência.

# Capítulo 11

Antes de entregar o plano de vendas ao Mathias, Enzo e eu o revisamos. Sabíamos da importância de proteger o grupo em relação a nossa soltura. Se quiséssemos ter alguma chance de eles cumprirem com o prometido, era fundamental que o plano aconselhado não tivesse furo, ainda precisava estar claro que os procurar depois de libertados, por si só, era uma péssima ideia.

Contudo, uma pergunta não saía da minha cabeça. Por que eles iriam arriscar? Por que no meio de tantas violações eles se importariam com mais uma? Talvez não fossem assassinos. Talvez nos vissem como colaboradores. Talvez não queiram mais este peso sobre as suas sentenças...

Não fazia sentido, mesmo assim fizemos o que tínhamos que fazer. Trapacear seria zerar as nossas chances, mesmo que ignorássemos de quanta chance estivéssemos falando. Existiam fracas razões para não nos matarem, e ainda não conseguia encontrar qualquer vantagem em nos deixarem vivos. Talvez este fosse o meu desafio, mas, apesar de esmiuçar qualquer possibilidade, não me vinha nada.

Enquanto isso, realizávamos a nossa escavação, que era no “miolo” da parede e que começava da base da janela para baixo e da primeira barra de ferro para a esquerda, conservando intacta toda porção visível da parede. O plano era no dia da fuga quebrar a porção da parede oca e arrancar a barra ou criar um buraco suficiente para a nossa passagem.

Enzo estava com os pés sobre os meus ombros marretando o tijolo com a nossa talhadeira improvisada quando eu lhe expus o que estava me consumindo.

– Enzo, você sabe o que vai acontecer conosco se depender do bando, não sabe?

Ele respondeu sem diminuir o ritmo do seu trabalho. – Acho que se fizermos tudo certo temos cinquenta por cento de chance. Se deixarmos furo e ele for identificado por eles, perdemos qualquer chance.

– Concordo, mas mesmo cinquenta por cento para mim não é suficiente. Temos que fugir daqui. – Estávamos começando a entender e a assimilar que era melhor aceitarmos o risco da fuga do que esperar por razões desconhecidas.

– Vai demorar mais de dois meses. – Lembrou Enzo, e eu lhe respondi com bom humor: – Então, a venda das joias vai ter que demorar mais do que isso. – Enzo e eu rimos baixo, desfrutando do pequeno poder que detínhamos.

No momento estávamos desgastando o cimento. Fazíamos isso durante oito horas por dia, que era o máximo que conseguíamos. Duas horas por turno para cada um, todas as manhãs e tardes. Quando não estávamos desgastando, estávamos servindo de apoio para o outro. Isso nos cobrava muita energia e, além de diminuir nossa eficiência no turno da tarde, diminuía a carga horária como um todo. Precisávamos ter um cuidado imenso com o barulho; então batíamos com o máximo de força que o som permitisse. O que se traduzia a leves e constantes batidas.

Havíamos nos tornado artesãos extremamente atenciosos às peculiaridades do trabalho. Nas pequenas lascas e no pó resultantes da tarefa, acrescentávamos água para serem removidos como pasta e colocados na privada.

Recebemos um incentivo extra há dois dias, quando o Enzo, que estava trabalhando, teve que descer com pressa do meu ombro porque ouvira alguém se aproximando aos fundos. Ouvíamos tudo ao nosso redor naquele chácara silenciosa.

De pé no quarto, olhamos quando uma mão vinda do lado de fora se estendeu até segurar uma

das barras e tentou sacudi-la; fez isso com a outra e se deu por satisfeito. Imaginei o quanto o dono daquela mão deveria achar desnecessária aquela fiscalização. Provavelmente estava sobre uma cadeira para alcançar as barras, que, do lado de fora, se tornavam ainda mais altas e começavam a mais de dois metros de altura. Sua visão não podia detectar a nosso buraco. Aquilo nos deixou mais confiantes sobre o nosso segredo e evidenciou a confiança que eles tinham de seu cativo. Tratamos de encaixar as maçanetas na porta do banheiro e ficamos à espera.

O Guardião logo em seguida nos chamou à porta e nos algemou nas grades dela, depois fez uma revista pelo quarto. Vimos quando encontrou em cima da pia do banheiro a esponja que tínhamos feito a partir do colchonete. Sentiu um cheiro de sabonete nela e deve ter concluído exatamente o que esperávamos que concluísse. Era importante que ele pensasse que usávamos a esponja no banho, caso percebesse futuramente uma diminuição nos colchonetes. Cordialmente saiu do quarto, fechou a porta gradeada e nos libertou das algemas. Enzo e eu desfrutamos de um revigorante olhar de cúmplices. Nenhuma palavra explicaria melhor a alegria vista nos nossos olhos.

# Capítulo 12

Trabalhei o dia inteiro e estou esperando a minha mulher chegar em casa. Ela é advogada tributarista e há dois anos decidiu sair de um dos maiores escritórios de advocacia da cidade para montar o seu. Ela já saiu de lá com uma boa clientela e está de vento em popa.

Minha esposa é uma batalhadora e quando a vejo trabalhando sinto que ela ilumina o lugar.

Somos duas pessoas ocupadas, mas sempre conseguimos guardar tempo uma para a outra. Ouvi um carro estacionar e fui confirmar pela janela se era ela. O Luquinhas, de sete anos, subiu no meu colo e a Laura, de cinco, se enroscou na minha perna. A porta da frente se abriu e minha esposa apareceu.

Uma mulher de cabelos compridos, de pele clara e macia, de pernas longas e torneadas, fruto de uma vida de esportes. Um corpo exuberante e uma mente de 41 anos que atestava maturidade e inteligência. Eu estou há onze anos casado com ela e continuo completamente apaixonado por essa mulher.

– Boa-noite, meus amores. – Disse ela com uma das mãos segurando uma pasta sobre o peito e a outra me envolvendo em seu abraço. Beijou-me, depois beijou as nossas joias mais valiosas.

– Boa-noite! – Deixei o Lucas correr junto com a Laura para a mesa de jantar. – Como foi no trabalho hoje?

– Cansativo, mas não trouxe nada para casa. – Me olhou com um olhar de malícia, depois perguntou. – A Dona Fátima deixou o jantar pronto?

– Deixou. É só esquentar. – Servimos juntos a comida e sentamos à mesa. Trocamos figurinhas de trabalho, depois ouvimos o dia das crianças. Na creche da Laura eles estão ensaiando para um teatro e na escola do Lucas, dentre outras, foi-lhe dada a primeira lição de casa.

Recolhemos os pratos e depois de um pouco de televisão colocamos as crianças para dormir. Eu já havia tomado banho, e a Isabela, antes de entrar no banheiro do nosso quarto, me deu um beijo suave e me pediu que a esperasse para dormir.

Quando o chuveiro foi desligado me pus de frente para a porta do banheiro, ansioso para vê-la. Conseguia imaginar ela se secando. Mais um tempo, ela abriu a porta com um robe de cor branca.

– Eu passei o dia pensando em você, me derretendo por este momento. – Disse ela caminhando lentamente para mim.

Eu sentei na ponta da cama e esperei que ela chegasse aos meus braços. Nós dois sabíamos o que viria. Tínhamos a calma e a tranquilidade de um casal que se interessa, gosta e frequentemente faz amor. As crianças estavam dormindo e tínhamos todo o tempo do mundo.

Parecia que eu havia esperado uma vida por aquele momento. Na verdade, por muitos anos me admirava de tudo aquilo realmente existir. Voltar ao tempo em que nenhuma mulher estava ao meu alcance, pelo menos não daquela maneira, me fazia valorizar ainda mais o momento.

Lembrava-me de quando era criança. Pensar nas meninas da minha idade, quando não ainda mais velhas, mexia muito comigo.

Foram alguns anos imaginando o que mal sabia como era; só sabia que queria e não tinha possibilidade de ter. Só na fase seguinte, dos dez aos treze, que pude mensurar melhor o que desejava.

Visualizava todos os dias o beijo que, se pudesse, daria na garota de que gostava. Mudava a garota, mas eu continuava sem receber o meu beijo. Só isso me contentaria naquela época. E, de fato, considerável parte do meu dia girava em torno da fantasia daqueles simples beijos. Desejei com todas as

minhas forças; mesmo assim o meu pedido não deve ter sido atendido mais que dez vezes no meio desses anos.

Hoje em dia é engraçado, mas lembro-me de, nesses quatro anos, ter esperado por um beijo em toda festinha que ia. Recordo-me do banho antes delas. Passava xampu duas vezes no cabelo e lançava o meu melhor perfume sobre o pescoço, com a esperança de que uma garota repousasse a sua cabeça nele. Tantas festas, tantas expectativas frustradas! Tudo isso me fazia ferver quando olhava para aquela mulher madura, mãe dos meus filhos, me desejando, me querendo, permitindo não apenas beijá-la, mas desfrutá-la por inteiro.

Foram tantos anos pedindo por aquilo que, depois de ser atendido, passei uma vida deslumbrando esta maravilha que é o corpo da mulher.

Desde os meus dezessete anos, quando iniciei a minha vida sexual, vislumbrei o sexo e o amor como uma das maiores bênçãos do ser humano. Mulheres que até então eu só poderia beijar a boca, fase que também durou tempo demais, dos meus treze até os dezessete, começaram a permitir, ansiar e pedir que eu explorasse os seus corpos.

Por uns três anos mal acreditei e ainda consigo sentir a sensação de privilégio e a surpresa daqueles tempos. Vi meninas se tornando mulheres, e no processo também me tornei homem. Quanto ao menino e ao adolescente que fui, sempre senti que eu os trairia se não aproveitasse ao máximo a carta branca que, anos depois, algumas mulheres me deram.

De todas, com a melhor me casei. E somos, da mesma maneira que somos parceiros de vida e de negócios, parceiros de cama.

De pé, na minha frente, estava a mulher da minha vida se ardendo nas minhas mãos. Eu repousei minha cabeça sobre o seu ventre, depois beijei a seda que o cobria. Minhas mãos desceram até os seus joelhos e, enquanto subiam pela sua coxa, eu sentia a sua pele se arrepiando. – Faz amor comigo. – Ela disse sentindo o calor das minhas mãos e acariciando o meu cabelo com as suas. – Tira, meu amor. – Sussurrei olhando para ela.

Graciosamente, Isabela foi deixando o seu robe deslizar até os seus pés.

Eu explorava com os meus lábios a sua barriga e suavemente subi com minha mão até a sua virilha. Eu tocava delicadamente a região até colocar os meus dedos nas alças da sua calcinha para lenta e suavemente baixá-la.

Dentre os momentos que vivi nas minhas aventuras, o de maior deslumbre sempre foi o ato de tirar a calcinha. Antes de fazê-lo, algumas vezes, como nesta, gostava de lembrar quando conheci a minha parceira, quando eu era ainda um estranho querendo cortejá-la, quando só podia imaginar o que agora estava fazendo.

No dia em que a conheci eu não poderia tocar no cabelo de Isabela sem ser repreendido ou condenado. Mal poderia tocar em seu braço ou dar um beijo em seu rosto. Lembro-me de querer abraçá-la, acariciar o seu cabelo, a sua nuca, mas de maneira nenhuma ter direito para isso.

O beijo no nosso primeiro encontro a sós aconteceu, mas só com o tempo e muitas incertezas, investidas, conversas, passeios e carinho eu havia sido agraciado com a permissão de realmente tocá-la por inteiro. Aquela mulher decidiu se juntar ao meu desejo e conceder só a mim esta graça.

Eu não apenas a tinha conquistado, mas sabia que, quando ela estava nos meus braços, ela sentia com as razões do coração que eu era o homem mais importante do seu mundo. Sempre me esforcei para agir à altura deste título.

Completamente excitado, eu olhei para ela antes de lentamente tirar-lhe a calcinha por completo. Aproveitei cada segundo. Diante dos meus olhos, ela me confiava a sua parte mais íntima e sagrada.

Envolvei com as minhas mãos atrás de suas coxas e trouxe a sua barriga a minha boca.



Com delicadeza, encostei o meu rosto nela e depois, sem pressa, fui beijando-a, subindo pelos seus seios, até que, de pé, cheguei em sua boca.

Eu a beijava com toda a vontade que um homem pode ter com a sua mulher e a trouxe firmemente para junto de mim, sentindo os seus seios nus pressionados ao meu peito.

Deixei-a sentar na cama e em seguida repousei a sua cabeça no colchão. Deitados, continuei a beijar a sua boca, orelha e pescoço. Mordi com delicadeza a sua pele, por toda parte. Fui descendo pelo corpo e contornei lentamente os seus mamilos, até sentir que ela ansiava que eu os beijasse.

Com a boca fui percorrendo o seu ventre e podia sentir o seu corpo arrepiado se contorcendo em desejo. Quando me ajoelhei, ela se encontrava deitada, só com as pernas de fora da cama. Mordi levemente as suas coxas e virilha, raspando de leve com os dentes e beijando com gosto em seguida. Meus dois braços contornaram as suas coxas para que as minhas mãos repousassem no seu umbigo. Eu me deleitava enquanto ouvia os seus suspiros.

A minha mulher se entregava e confiava totalmente em mim e nada deixava mais explícito a sua confiança e entrega do que ela me permitia fazer. A sentia completamente excitada e conectada comigo, acompanhando cada movimento meu. Eu não poderia estar mais excitado. Mesmo, naquele momento, sendo eu o condutor, conseguia usufruir de todo o prazer que a estava proporcionando. Estar conectado à Isabela naquele momento me permite pegar carona no prazer dela. Isso, para mim, é fazer amor.

Nós estávamos usufruindo todo o alcance que uma conexão pode oferecer. Quando a beijo com suavidade ou com força eu acompanho a sua sensibilidade se alterar e a mesma parte do meu cérebro se altera.

E estou prestes a chegar a uma parte do cérebro que proporciona imenso prazer. Ela estava de pernas abertas esperando por mim e eu ansiava por satisfazê-la. Circudei a região da virilha proclamando o início da próxima fase. Meus dedos tocavam com delicadeza o seu corpo enquanto comecei a beijar seus lábios sem ainda usar a língua. Pelos gemidos que ouvia da Isabela, soube que chegara o momento de lhe dar mais. Proporcionei longos e duradouros beijos intercalados com pequenas pausas, em um breve jogo de provoca e para. Quando senti que já era hora, dei tudo que ela queria. Neste momento o mais importante era escutá-la. Deixei que seus gemidos me guiassem até receber a ordem de passar para o nível seguinte.

Subi pelo seu corpo, beijando com vontade e força. Cheguei a sua boca com os dois explodindo de excitação. Devagar entrei em seu corpo, o que foi acompanhado de palavras de prazer. Logo a segurei firme a mim. Uma das minhas mãos prendia a dela ao colchão e a outra segurava e envolvia a sua nuca. Olhávamos nos olhos um do outro enquanto eu aumentava o ritmo e a força. Nos tornávamos mais firmes, justos e próximos. Mesmo com toda descarga de energia da situação, sua mão acariciava com carinho e tranquilidade as minhas costas. Ela me falou no ouvido. – Sou toda sua. – Eu a peguei com mais força e sussurrei de volta. – Sou louco por você... – Mais provas de desejos foram trocadas e o barulho criado pelo ritmo dos nossos corpos nos deixava ainda mais excitados; depois de um tempo ela me abraçou forte e pediu para vir por cima de mim. A visão era estupenda!

Seu corpo sobre o meu deixavam as minhas mãos livres, para, ora segurar os seus seios e algumas vezes trazê-los a minha boca, ora pegar no início de suas coxas e acompanhar o movimento suave que ela realizava sobre mim. Com as suas mãos em meu peito senti quando ela liberou todo o êxtase que cuidadosamente havíamos criado. Logo a acompanhei.

Aquilo era a comunhão da mais valiosa parceria que encontrei na vida: minha esposa. Pensar nela nos jantares, com tantas pessoas em volta... No trabalho, como profissional. Com as suas amigas... E só eu podendo vê-la daquela maneira, me fazia sentir um felizardo por isso.

Parecia que eu conseguia sentir a Isabela, mas, após chegar ao ápice do prazer, eu parei de

senti-la, parei de sentir o lençol que nos envolvia e o cheiro do nosso quarto.

Logo fui voltando à realidade e me percebi de pé. A água passava pelas minhas costas. Agora eu conseguia ouvi-la caindo no piso do box. O cheiro da cela penetrou novamente nas minhas narinas e os meus olhos se encheram de lágrimas. Eu hesitei em abri-los, mas de nada adiantaria.

Abri meus olhos e me vi no banheiro do cativeiro com um forte aperto no coração e com um imenso desejo de gritar para a Isabela, dizendo que eu estava vivo e que a amava desesperadamente.

# Capítulo 13

A vançando no plano de fuga, a hora da janta guardava o início de uma relação mais próxima com o Guardião, talvez até de amizade, se assim me atrevesse a chamar.

Naquele dia que viria a tornar-se um marco, como na maioria dos dias, seguimos a nossa rotina. Acordávamos junto com o sol. Hábito que nós dois já possuíamos.

Após a descoberta da maçaneta como ferramenta, o objetivo dos exercícios físicos passou a ser a resistência e o fortalecimento dos ombros e costas. Tais exercícios eram executados pouco depois que acordávamos e previamente ao trabalho.

Gostávamos de nos referir como trabalho à tarefa que realizávamos. Isso nos inculcia responsabilidade e nos recompensava ao nos fazer entender raspas de cimento e tijolo como produção.

Nosso trabalho requeria muita atenção e esforço físico, tanto do escavador quanto da pessoa que emprestava os ombros como apoio para o outro. Denominamos este último cargo como o homem do suporte. As funções eram alternadas por nós de três em três minutos durante a manhã e de dois em dois durante a tarde, quando estávamos mais cansados. Mesmo o tempo em cada função parecendo curto, ele só foi alcançado depois de muitos dias de trabalho e exercícios físicos.

Estes exercícios, além da função prática, serviam para nos entreter, mas, por fim, acabamos por obter um condicionamento físico superior ao que tínhamos. O aumento dos meus músculos, da tonicidade e da definição, ainda que discreto, era perceptível, e aquilo me proporcionava certo contentamento.

No exercício psicológico, tão importante quanto o físico, meu compromisso era tentar manter o pensamento o máximo possível nas tarefas diárias.

Desde que cheguei no cativeiro, uma das principais batalhas que encontrei foi a de não dividir a minha atenção entre diferentes desfechos que poderiam ocorrer. Pensava predominantemente no melhor resultado – na minha vitória, não por achar que ela era o mais provável, mas por acreditar que ela era possível.

Sempre acreditei na máxima que ao se focar em um resultado, sendo o desejado ou não, aumenta-se a chance de obtê-lo. Contudo, não posso contar com a minha razão constantemente e em muitas vezes me peguei pensando no meu fracasso e em todo o meu esforço sendo jogado fora. Essa pequena mudança de postura mudava consideravelmente a minha percepção sobre quase tudo. Sentia pena dos meus filhos e desespero pela situação. O esforço, que outra hora era fonte energizante, entendia como desperdício. Minhas ações perdiam o propósito. Visualizo nessa fase a cena do meu fracasso tanto quanto a sinto dentro de mim. Meu corpo forte, vejo mole, inanimado, enfim, morto, sendo arrastado daqui e posto em um buraco qualquer para depois ser coberto de terra.

Nesse estado, o que me impedia de desistir? Eu precisei primeiro entender o que me levava àquele estado. No caso em que me encontrava percebi que a minha frustração não vinha do que eu deveria fazer, mas da minha exigência de obter sucesso. Queria ter certeza de que o meu esforço seria recompensado, mas a verdade é que a maioria das situações que valem a pena tentar não nos dão garantias. E para aceitar isso, dado o que estava enfrentando, precisava primeiro ser muito honesto comigo.

Eu tenho mais chances de morrer aqui do que de viver, sendo que a principal pergunta que me atormentava era: valerá o esforço caso fracasse? Algumas vezes o próprio esforço, se for aproveitado, já é um resultado válido de ser colhido, mas no meu caso o fracasso representava a morte; então pouco

importava o aprendizado. Entretanto, minha situação não era uma opção, nem me permitiria desistir dos meus filhos e da Isabela, mas ainda sim me faltava um remédio contra o desânimo. Algo a que me apegar. Porque a pergunta ainda continuava pairando no ar. Valerá o esforço caso eu fracasse? Na minha singular situação acabei por encontrar uma inspiração universal. Decidi que a atitude de aceitar o desafio não se condicionaria mais ao que eu poderia obter, mas se fundamentaria em uma opção de vida, de que tipo de pessoa eu gostaria de ser. Independente do tempo que tinha, escolhi por viver com garra a vida. Saber disso não impediu que por vezes eu desanimasse – se é que posso abrandar tanto o que sentia –, mas ajudava a me reequilibrar e me colocar de novo no prumo.

O exercício psicológico exigido continuamente, e que logo no começo me dispus a fazer, tornou cada vez mais atingível manter-me equilibrado. A disposição em lutar com o que tinha ao alcance ficou entranhada em minha mente. Quando precisava quebrar cimento, eu quebrava, quando precisava ser astuto, eu era.

O Guardiã, na janta de hoje, se mostraria um desafio psicológico de que tudo o que eu vinha fazendo fazia-me pensar que eu estava pronto para enfrentar.

# Capítulo 14

De banho tomado e sentados sobre colchonetes enrolados, esperávamos a janta e especulávamos sobre, naqueles dias, nossa celebridade favorita: Mathias e o seu comportamento durante o encontro há três dias.

O plano de venda que o Enzo e eu entregamos necessitava de três meses para ser executado. Deixando a maior venda, cerca de trinta por cento do total, na última transação. Isso impedia que eles se dessem por satisfeitos antes dela e encurtassem a nossa estada aqui.

Decidimos que a nossa estratégia seria baseada na fuga e não na palavra do bando. Já que, ao juntar a pessoa de Mathias à posição em que ele se encontrava, a suposição de ele vir a nos executar, pelo menos para mim, se mostrou a mais condizente. Enzo não tinha tanta certeza; talvez, a mesma vontade que me seduzia em querer acreditar no grupo nele falasse mais alto. No final, depois de muita discussão, pelo menos consegui que concordasse comigo que fugir é melhor que apostar na boa-fé do Mathias.

Estávamos no trigésimo oitavo dia e precisávamos chegar ao final do terceiro mês para realizarmos a fuga.

Pouco depois, a porta de madeira se abriu para o Guardião entregar o nosso jantar, que vinha acompanhado por pratos e talheres de plástico. Tudo nos foi entregue por baixo da porta gradeada. Quando acabamos, batemos na porta para devolvermos a nossa resistente louça.

O Guardião já havia conversado a sós conosco e é justo falar que em todas as oportunidades que teve mostrou-se um homem respeitoso e, até certo ponto, solidário com a nossa condição. Entretanto, acredito que a conversa com Mathias havia despertado nele algum interesse a mais sobre nós, ou talvez dado abertura para uma conversa que ele já desejava, porque após recolher a louça ele sentou-se de frente para a porta, nos olhou curioso por trás do sempre presente gorro, que permitia que víssemos apenas a sua boca e os olhos, e iniciou uma conversa corriqueira, que não se encerraria tão cedo, nem permaneceria inocente ou infrutífera como as demais.

– A comida não é a que vocês devem estar acostumados, mas é bem feita, não é?

Concordei com a cabeça e o Enzo respondeu: – Nós já reparamos. Quem quer que a faça, cozinha muito bem. – Em privacidade, já fazia algum tempo, nós havíamos combinado de não nos comportarmos mais como dois meninos que só desejam ser aceitos, que acabam respondendo juntos pela ânsia de agradar. Se nos portássemos assim estaríamos, sem desejar, induzindo sermos tratados de acordo. Com cautela, nos propomos a diminuir respostas vazias e concordantes, e aumentar, dentro do possível, o contato deles com quem realmente somos. – É o senhor que faz? – Continuou Enzo tranquilamente.

– Sim. Vocês não escutam a panela de pressão daqui? – Perguntou, referindo-se mais a minha pessoa.

– Não. Ouvimos apenas os pássaros daqui. – Menti, já que escutávamos quase tudo da nossa cela, inclusive os barulhos vindos da cozinha.

O Guardião hesitou antes de iniciar o seu próximo comentário.

– Deve estar sendo difícil para vocês.

Esperei um segundo, demonstrando que viria um pequeno desabafo e não uma queixa.

– Está sim.

– Sem comparar, de maneira alguma, mas mesmo para mim não está sendo fácil. Imagino para vocês. – Pareceu-me simpático o comentário e também soou como um pesar por toda a situação.

– Pelo menos temos a companhia um do outro. – Respondi hipócrita e maliciosamente, pois talvez ele nos confirmasse se era o único no local, o que suspeitávamos.

– É verdade. – Bingo. A importância e o alívio em ouvir aquilo só era entendida aos que sabiam que a fuga era possível. Uma conversa inibida, mas que só era conversa jogada fora para ele.

Decidi ser mais franco, torcendo que a franqueza pudesse ser contagiosa. – Mas não posso deixar de lado que o senhor tem o conforto de saber que no final disso tudo sairá daqui.

Foi bem recebido o meu comentário. – Ninguém pode afirmar ainda isso. Vou sair daqui sim, mas pode ser algemado ou morto após um cerco policial. Não é?

Tinha pensado pouco nessa possibilidade. Não queria criar esperanças que não dependessem de mim.

– Sendo honesto... Provavelmente isso não ocorra. – Respondi.

O Guardião rebateu. – Provavelmente não é certeza, o que gera muito medo e ansiedade quando diz respeito a todo o seu mundo, mas vocês sabem melhor disso do que eu. – Ele me mostrou com a sua clareza de pensamento que, em um roubo complexo e daquele porte, nenhum dos integrantes eram bobos. Usando da verdade e do que ele próprio desejava ouvir, veio a minha resposta.

– De fato. No final, não estamos em situações tão diferentes.

– Pelo menos enquanto estivermos aqui, não estamos. Contrariado ou não, eu também vivo em um cativeiro. O meu dia se resume em preparar a comida, ver TV no quarto e ler revistas. – Ele saía de carro todos os dias, mas não me cabia lembrá-lo.

Com tom suave fiz um pedido inibido. – Se eu pudesse ver TV ou ler revistas estaria no paraíso. Já imaginou, Enzo? – Por não termos nada, nos satisfazíamos com pouco. Uma revista, depois de trinta e oito dias sem nada, seria atração por um mês.

Enzo descontraíu. – Eu não ia querer mais sair daqui. – O riso discreto ainda não vinha sem lembrar-nos do drama, mesmo assim era bem-vindo.

– É um pensamento do Senhor Mathias que eu sou obrigado a admitir que concordo. Ganharão revistas a cada transação. Garanto-lhes. Mas se vocês já tiverem isso, o que mais poderíamos oferecer? – Ele deixou que entendêssemos sozinhos até que sorriu como entre amigos e brincou. – Se souberem de algo, me digam que eu peço para mim. – O Enzo acompanhou os nossos risos contidos, depois de mostrar-se pensativo, à procura de atrativos para o lugar, falou libertando de ressalvas as nossas risadas.

– Talvez uma puta. – Rimos como há muito não fazíamos. Ouvir aquilo do Enzo, um homem geralmente discreto, fez todos deixarem a circunstância de lado e apenas permitirem que uma contagiante alegria preenchesse o ambiente.

Acompanhando o final da brincadeira, o Guardião mostrou da onde vinha o seu bom humor. – Você deixou o senhor Mathias muito satisfeito, sabia? – Falou com admiração e certa camaradagem.

– Fico feliz em ouvir isso. – Agradei. O que mais me restava dizer?

O Guardião, mais à vontade e para a nossa total surpresa, acendeu um charuto com naturalidade, depois continuou. – Não pensei que o domínio de um negócio legítimo pudesse ser tão útil para contravenções. Meus parabéns. Daqui alguns dias já estaremos com a firma aberta e logo colocaremos o seu plano em prática.

Meu plano? Não sabia se aquilo era um elogio ou uma forma de me contaminar com o crime, já que, querendo ou não, eu os ajudava a obterem ainda mais lucro com o roubo.

Para o meu bem, desde o primeiro dia fiquei em paz com a posição que tomei. Sabia que eles obteriam o que quisessem de mim ou de qualquer outro. Dispunham de imaginação suficiente para isso.

De posse de um homem você o faz entregar até a sua mãe, se for necessário. Deixe-o sem dormir ou sem beber por quatro dias que, cinco minutos de sono, um copo de água ou um tiro no rosto valem mais do que qualquer pessoa que este homem já amou em sua vida. Respondendo sobre o comentário do meu plano, brinquei.

– Tudo sairá bem. Sequestraram o homem certo.

Recebi um sorriso e um intencional conforto. – Ficar bem para todo mundo. O senhor Mathias é um homem frio, mas existe nele senso de justiça. Se vocês cumprirem com a sua parte, ele honrará a dele.

– Sinceramente... É o que mais queremos acreditar. Vou me permitir lhe perguntar algo que julgo não prejudicar o anonimato de vocês. Se eu estiver errado, por favor, me corrija.

– Vamos ver.

– No que o senhor se baseia quando diz isso?

– Primeiro vamos parar com o senhor, os dois são mais velhos do que eu, me chame de... Jota. Chamarei você de Carlos e a ele de Enzo. Tudo bem?

– Claro.

– Respondendo a pergunta... Digo que neste um ano e meio que trabalho para o senhor Mathias, sempre o vi cumprir o que prometeu.

– É ótimo ouvir isso. – Falou educadamente Enzo.

– Sei que vocês não têm como ter certeza de que eu mesmo não estou mentindo, mas é só o que posso lhes oferecer. Caberá a vocês decidirem se o que conto do Senhor Mathias, e mesmo de mim, faz sentido ou não.

O Enzo deve ter esboçado, enquanto ele falava, uma cara de preocupação. O que fez o Guardião vir a observar.

– Calma, Enzo. Nada do que eu falarei poderá vir a nos identificar. Comentaremos conceitos, não endereços, certo?

– Obrigado. Temos esta preocupação de sem querer descobrir algo que possa preocupar vocês. – Lembrou, Enzo.

– Isso não acontecerá. Não sou o cabeça do bando, mas isso não quer dizer que só me reste o papel de rabo. – Parecia de fato um rapaz instruído. – Bem, a respeito do senhor Mathias, o que posso lhes contar é que ele é um sujeito extremamente meticuloso. Tudo a sua volta é produto do seu planejamento prévio. Se ele não conhece perfeitamente algo, arruma alguém que conheça. Vocês já sabem disso. O que não sabem é que parte do seu planejamento está em preservar, toda vez que for possível, a vida dos prejudicados. Antes de assaltarmos o banco, tivemos que encontrar uma simples costureira para transformar boas fantasias da polícia especial em fardas verossímeis.

Jota, depois de mais uma vez perceber uma careta involuntária, desta vez feita por mim, chamou a minha atenção. – De novo vocês! – Depois me explicou. – A costureira está nos jornais, todos já sabem, Carlos. E ela, além do fato de dizer ter feito nossas roupas, não conseguiu ajudar em mais nada. Alugamos esta chácara sem que houvesse um encontro. Tudo foi feito para que as pessoas, após nos serem úteis, possam continuar com suas vidas. Lembro-me quando o Senhor Mathias me encontrou e me fez a pergunta mais importante da minha vida e que define o que vocês podem esperar de nós. – Fez uma pequena pausa, demonstrando que o que viria significava muito para ele. Tranquilamente deu uma tragada no charuto, depois citou a pergunta do Mathias.

– Você consegue colocar a sua satisfação acima do bem-estar das outras pessoas? Foi esta a pergunta que me fez. Existe maldade nela? Ele não me falou sobre sentimento de injustiça, preconceito sofrido ou dificuldades passadas. Não atribuiu maldade às pessoas que tinham dinheiro. Apenas me fez aquela pergunta e disse que dependendo da minha resposta ele poderia fazer muito ou nada por mim.

Continuamos concordando com a cabeça como que pedindo para que ele continuasse. – Não faríamos por questões sociais. Faríamos única e exclusivamente por nós. Bastava concordar com aquela frase incondicionalmente que estaríamos prontos. Quando respondi que sim, ele me disse que só o aceitaria depois de me explicar o que o sim representava: assaltos, morte, espancamento e cativoiro! Coloque-se no nosso lugar. Para vocês foi oferecido um caminho honesto que os satisfaçam ou – não quero entrar no mérito – um caminho satisfatório que vocês próprios tiveram condições de trilhar. Mas imaginem se não houvesse tal caminho. Você não herdou nem um bem valioso, nem encontrou uma carreira a seguir, nada o prende à sociedade, nada que valha a pena investir sua energia. Saber o que nunca terá o consome, devagar, mas constantemente. Só que um dia, você descobre, ou alguém lhe mostra, como no meu caso, um caminho alternativo. Um caminho que você pode trilhar. A única questão que passou a me importar é: quanto ganharei e quais as minhas chances? No caso de quando conheci o senhor Mathias, o quanto era muito e as chances eram grandes. Se isso vai causar danos a outras pessoas como vocês, é uma pena, mas, sinceramente, do jeito que vivia, estava causando dano a mim. *Questões morais, quando não se tem nada nem ninguém, são apenas convenções sociais para manter uma ordem que não nos favorece.*

Aquilo soava como se ele houvesse sido catequizado pelo Mathias.

– Então, quando foi dado a mim o poder de decidir pelo sim ou pelo não, decidi pelo sim e aceitei a injustiça, se ela me proporcionar ganhos. Porém, não vejo por que a morte de alguém me traria algum ganho e não faz parte da nossa índole destruir uma família por capricho. Desculpem-me pela frieza, mas o intuito dela é que vocês me entendam. Nada é garantido para nenhum de nós por enquanto, mas o que posso afirmar para vocês com convicção é que faz parte dos nossos planos todos saírem daqui com vida. Vocês só morrerão se o que está dentro do planejado der errado. – Deu uma última fumada antes de concluir o seu pensamento e me oferecer contundentemente o charuto.

– E boa parte do planejado foi criada por você.



# Capítulo 15

Como três companheiros acabamos o charuto juntos e cordialmente voltamos ao papel que ocupávamos.

Diferente do Enzo, não consegui pegar rápido no sono. Deitado olhando para o teto da cela e com o cheiro do charuto impregnado na minha barba, eu refletia princípios que regiam a vida daqueles homens e, por consequência, a minha própria.

Para Jota, tirar proveito era uma questão, além de simples, coerente. Não percebi em seu raciocínio contrapontos ou dúvidas. Não existia remorso ou culpa.

Todavia, possuía um raciocínio lógico, mas não assessorado pelo sentimento para daí sim ser transformado em uma conduta. A falta de sensibilidade, ou, como ele se refere, a presença da frieza, atribuía a ele um pensamento simples e matemático. No entanto, percebi que havia nessa estrutura de raciocínio tanto diferenças quanto semelhanças com todos. Então procurei entender o que o diferenciava dos demais.

No mundo real não ser santo não é pecado. Compartilhamos, no meio de virtudes, muitos defeitos. Nunca vou entender o Jota, e por tabela, Mathias, se me colocar em um pedestal de virtudes e qualidades.

Jota deixou bem claro que sua fonte de motivação era predominantemente financeira. Uma ambição que é fonte motivadora para muitos. *Seu problema foi cobiçar mais do que ele podia conquistar. Assim, suas aspirações, em vez de energizarem e incentivarem sua busca pelo sucesso, se tornaram fonte de frustração.* Caso dê tudo certo para ele, logo perceberá que sua ambição se dará por satisfeita por um curto período de tempo e que mais importante que satisfazê-la era ter apreendido a domá-la a seu favor.

Ambicionando aquilo que estava dentro das suas possibilidades, teria encontrado na ambição uma aliada, não uma inimiga. Distorcendo o que lhe era devido, também desdenhou das suas possibilidades.

Já entrevistei uma porção de candidatos querendo trabalhar na minha empresa e percebo, como percebi com o Jota, quando o entrevistado teve bons estudos, é articulado e instruído. Por isso, não pude acreditar nele ao ouvi-lo dizer que não teve oportunidades na vida. Pois teve. Talvez nenhuma tão covarde e preguiçosa como esta e que preenchesse tão bem suas ambições desproporcionais.

O que não encontrei no Jota é senso de utilidade ou de reciprocidade. Não ouvi dele sequer justificativas que indicassem ao menos que ele entendesse este conceito. Infelizmente, em menor grau, percebo o mesmo em inúmeros candidatos de emprego que se esforçavam em enfatizar o quanto seria bom para eles ganharem o cargo, mas negligenciavam ao mencionar o quanto seria bom para a empresa em tê-los. Assim, Jota focaliza o que quer, mas esquece o que tem a oferecer. Pena, pois me parece um homem capaz.

Lamento quando alguém chega à fase adulta sem entender que a vida em sociedade é uma troca. É necessário, para usufruí-la, tornar-se útil.

A vida em família induz ao filho pensar que os pais representam a sociedade e que, como tal, esta é benevolente e cuida incondicionalmente de seus integrantes. Parece que a comida nasce na cozinha e as roupas no armário.

Em bons lares acredito ainda que, até os primeiros anos, a vida dos familiares gira tanto em

torno do bebê ou da criança, que esta compreensivelmente deduz que o mundo é assim. Caso soubesse colocar em palavras, talvez se denominasse um príncipe. Infelizmente, uma hora ou outra, lhe será tirada a majestade e é claro que, para qualquer um, é algo difícil de aceitar.

Feliz ou infelizmente, a atenção e a proteção fornecidas pela família não serão as mesmas oferecidas fora dela. A convivência da família com os erros, com a insolência ou com a soberba, será inconscientemente transferida à sociedade e, até certo ponto da vida do indivíduo, a família poderá mascarar a resposta da comunidade a tais atitudes. Porém, a todos chega um momento de destacamento da família, e é ali que algumas pessoas têm o primeiro contato com as regras que regem o mundo.

Filhos que tiveram pais que escolheram esconder a sociedade em vez de apresentá-la vão encontrar muito mais dificuldades do que os que já a conheciam. Claro que muito disso está em um nível inconsciente, tanto emocional quanto racionalmente.

Mesmo assim, apesar de os conceitos terem sido formados erroneamente, eles irão gerar durante o desmascaramento algum grau de frustração, mágoa e decepção pelo mundo.

Nesse momento, o indivíduo se verá em uma dicotomia, ou se adapta – o que requer esforço – ou se rebela, sendo uma fração do último grupo os que ainda se marginalizam.

A dificuldade em se adaptar dependerá da capacidade do indivíduo e de quão distante da realidade ele se encontra. Rebelar-se, diferente do ambiente hospitalar de casa, representará colocar-se em desalinho com a sociedade ou, em alguns casos, estender a proteção da família para consigo por mais alguns anos.

Só que as escolhas na vida não são determinadas às custas de uma característica ou situação, mas um apanhado delas, que juntas formaram uma visão e uma atitude perante o mundo.

Foi preciso, no caso do Jota, além de sua índole gananciosa e o que quer mais que tenha lhe ocorrido, ser alheio ao sofrimento do outro. Ele tem um foco tão centrado em si que vê o que existe ao seu redor apenas como uma própria extensão sua, que está lá para servi-lo, cujo valor é proporcional ao benefício que pode lhe trazer. Talvez, neste aspecto, ele continue a ser uma criança.

O sofrimento atroz que os meus filhos e a minha mulher estão passando não lhe incute sentimento algum. Quantos sofrem? Deve pensar, e de certa forma *a indiferença é benéfica ao nos proteger de aflições improdutivas, mas sem medida é danosa, pois liberta de qualquer culpa alguém como Jota.*

Contudo, Jota parece seguir o que acredita. Ser injusto não lhe negou senso de justiça, mesmo que prepotente e deturpada.

Não é privilégio seu possuir conceitos não validados pela sociedade. Todos temos, mas na maioria das vezes decidimos por seguir o consenso, já que a lei não é uma sugestão, mas uma exigência. Todavia, a decisão é individual, já que a justiça não é onipresente.

Percebi, então, diferenças gritantes entre o Jota e eu, mas também encontrei semelhanças. Uma delas é que o meu senso de justiça, apesar de próximo com o que vigora, não é idêntico ao próprio. Aceitava as penas atribuídas pela sociedade a criminosos, mas comecei a discordar dessas sentenças quando as infrações recaíram sobre mim. Por estar cumprindo uma pena aplicada por pessoas que decidiram que tinham o poder sobre a minha vida, quero, nem que seja para fantasiar, pensar que posso fazer o mesmo com a vida delas. Receber como esmola uma conversa simpática de Jota, ouvir sua filosofia unilateral e ser obrigado a dividir um charuto com meu malfeitor não me tornou benevolente, mas sim serviu para potencializar ainda mais os meus sentimentos raivosos pelo bando. Sei que a raiva que sinto não me é útil, pelo menos por agora, que só serve para evidenciar a minha impotência, mas é pedir demais de mim que me livre dela hoje.

Sendo assim, de posse deste sentimento e tendo terminado o meu parcial julgamento, o que me restou de recurso para pegar no sono foi dar corda às minhas fantasias e foi como carrasco que

finalmente peguei no sono.

# Capítulo 16

O relacionamento com o Jota havia mudado depressa e logo ganharíamos um catalisador do nosso destino.

Estávamos no quadragésimo oitavo dia e haviam passado dez dias desde a conversa mais longa que havíamos tido com ele. Depois dela, durante as refeições, o Jota mantinha a porta de madeira aberta. Conversávamos superficialmente sobre variedades. De esportes a comida preferida – ajudava a passar o tempo.

Naquele dia, antes do almoço, ele bateu em nossa porta e avisou que junto com a comida nos traria novidades.

Quando entregou os nossos pratos, parecia que ele compartilhava da alegria que viria nos oferecer. Demorou pouco para expô-la.

– As esmeraldas foram todas vendidas! – Disse chamando os nossos olhares para ele. – E a primeira leva de rubis também.

Enzo respondeu com honestidade, já que de fato torcíamos por aquilo. – Que ótimo!

Eu manifestei o mesmo, também computando que eles haviam vendido mais do que o combinado – o que poderia ser um problema – e que as ligações que eu recebia do Mathias quase que diariamente haviam servido para este propósito.

Continuamos a olhá-lo e percebemos que a sua satisfação não vinha só dali.

– Também tenho dividendos para vocês. – Em sua mão trazia quatro revistas. Após quarenta e oito dias sem nenhum entretenimento que rivalizasse com revistas, as olhamos como se fossem folheadas a ouro. Coloquei meu prato de lado, levantei e fui em sua direção, seguido do Enzo. Peguei as quatro e passei duas a ele. De pé, comecei a folhear uma delas.

– Incrível! – Falei sem tirar os olhos da capa. Eram revistas sobre animais. Apesar de um dos meus *hobbies* ser ler a respeito da história da humanidade, parecia que o Alasca havia roubado toda a minha curiosidade. Agradei ao Jota e, quando a adrenalina baixou, consegui restabelecer a minha atenção à prioridade no momento. Antes, estiquei o pescoço para olhar as revistas que estavam com o Enzo.

– As suas revistas são sobre o quê?

– Animais da Ásia e a outra é da América do Sul. – Respondeu entusiasmado. – Depois de as ler, trocamos? – Pediu por uma resposta óbvia entorpecido pelo entusiasmo.

– Claro. – Respondi já retomando o meu pensamento sobre a aceleração das vendas. – Como foram as vendas?

– O Carlos se distrai por pouco tempo, não é Enzo? – Indagou o Jota.

Enzo respondeu sorrindo. – É um homem focado... Sorte a nossa... Mas também estou curioso. Como foram? Algum imprevisto? – Eu ainda estava embriagado pela alegria que aquelas revistas me traziam, mas elas não eram suficientes para me fazer esquecer do que estava em jogo.

– Tudo está indo de vento em popa. O funcionário que contratamos é um homem muito eficiente e Mathias se mostrou um empresário convincente.

– Excelente. – Eu disse acreditando ter encontrado a abertura que vinha procurando. – Sendo assim, vou aproveitar para lhe perguntar se poderíamos pedir por melhorias de trabalho. – Não consegui dar o tom de papo jogado fora.

Jota riu. – O que seria?

O meu sorriso sumiu e em tom de confiança lhe fiz um pedido. – Sentimos falta de sentarmos em uma cadeira e comermos em uma mesa.

Demorou alguns segundos, mas a sua feição curiosa mudou para discretamente compreensiva. – Eu passo tanto tempo pensando nas minhas privações que acabo esquecendo da extensão das suas. – Uma cadeira e uma mesa! Pode ser, mas tenho que falar com o senhor Mathias antes.

Observei logo ao término da sua frase. – Jota, você acha que ele pode interpretar como desrespeito o meu pedido?

– Fique tranquilo. Eu sei como fazer. Pedirei como se fosse uma vontade minha lhes recompensar com isso. Sinceramente, não tinha me ocorrido a falta que uma simples cadeira pode fazer. Vou ligar para ele agora mesmo.

– Agradecemos muito. – Falou Enzo.

– Quando o Jota se afastou, o Enzo e eu ficamos apreensivos com a possibilidade de sermos ou não atendidos e por tudo o que aqueles objetos poderiam nos representar.

Cinco minutos depois o Jota voltou com uma cadeira em cada mão. – Foi fácil convencê-lo. A única coisa que me disse foi que não era para eu ser solidário demais com vocês e que os meus e os seus pedidos, por enquanto, paravam por aqui. – Rindo, continuou. – O Mathias é preocupado demais.

– Obrigado, Jota. – Dissemos separadamente.

– Vocês estão fazendo por merecer. – Largou uma das cadeiras no chão e pegou a chave em seu bolso. – Mas vou ter que lhes pedir que entrem no banheiro e fechem a porta para eu poder colocar as cadeiras e a mesa aí dentro. – Amigavelmente justificou em poucas palavras o seu pedido. – Gente, vocês não me cativaram tanto assim para que eu abra a cela desarmado, ok?

Rimos e nos trancamos dentro do banheiro. Quando saímos estávamos com duas cadeiras e uma mesa pequena ao nosso dispor. Estranhei ver a peça preenchida com móveis, em seguida abençoei a mudança de ares. Encantados pelo que acontecia, pegamos os pratos do chão e os colocamos sobre a mesa.

– Minha nossa! – Disse emocionado Enzo ao sentar. – Sabia exatamente o que ele estava sentindo. Eu também estava espantado com o quanto era reconfortante poder sentar em cadeiras. Minhas pernas há muito não descansavam naquela posição. Senti perfeitamente a ação da gravidade direcionar o meu peso ao centro do banco. Constatei a firmeza dele e como a sua idealização primordial trazia consigo uma nova experiência. Senti alívio pelos pés não precisarem orientar suavemente o equilíbrio como quando sentava no colchonete. Vivenciei uma pequena porção de paz naquele conforto estático. – Que saudades disso! – Exclamei. – Ao me acostumar mais com as sensações que me envolviam, pus os meus cotovelos sobre a mesa, enchi meu garfo com comida e o levei à boca. Relembrei como é cômodo o trajeto que o garfo percorre quando o prato se encontra sobre a mesa. E a cada novo ato redescoberto, uma satisfação desproporcional o acompanhava.

Jota apenas nos observou e nós pouco falamos depois de lhe agradecer. Talvez porque aquele era um momento tão especial que queríamos guardá-lo com privacidade. Logo ele se despediu dizendo que estava satisfeito por dentro daquela situação indesejável ter podido nos proporcionar algum, mesmo que momentâneo, bem-estar.

Passamos boa parte da tarde sentados, mas comprometidos com a promessa de no dia seguinte usar as cadeiras de acordo com o real propósito com que as havíamos pedido.

Suportar nas costas o companheiro enquanto ele desgasta o cimento roubava muita energia do trabalho principal. Com uma cadeira aumentaríamos a nossa eficiência. Além de permitir que, enquanto um trabalha, o outro descanse.

O “pagamento” que tínhamos recebido havia aumentado consideravelmente as nossas chances de fuga por nos levar mais rápido a ela.

# Capítulo 17

No dia seguinte percebi que minha estimativa sobre o quanto removeríamos a mais de tijolo estava subvalorizada. Rendíamos consideravelmente mais do que havia imaginado. Além da nossa produção ser mais rápida, a exaustão chegava em doze horas e não mais em oito. Assim, acabamos por dobrar a quantidade extraída, o que aproximava a nossa fuga de dois meses para um.

Desistimos da ideia de retirarmos a barra, pois, depois de um tempo escavando, entendemos que ela estava “enterrada” demais na alvenaria. A opção que nos sobrou foi a de seguir o cando a parede para quebrá-la no dia da fuga.

Continuamos a preservar a integridade externa da parede. Ela parecia inalterada, tanto visto de dentro da cela como se visto de fora da casa. Apenas se eles enxergassem a base da janela encontrariam o buraco que estávamos fazendo. Para o nosso bem, a base da janela ficava a dois metros de altura do chão.

O buraco já estava profundo demais para usarmos as duas mãos. A boa notícia era que o cimento reforçado cobria apenas superficialmente a base da janela; depois de três centímetros de profundidade, a maior parte era feita de um tijolo maciço bastante resistente, mas que ainda assim era mais fraco que o cimento. Então, como não mais conseguíamos bater, o que fazíamos era raspar a maçaneta já gasta sobre os tijolos e fazíamos isso, inacreditavelmente, durante quase doze horas por dia.

Depois da nossa função operária, gastávamos quinze minutos especulando sobre quantos dias ainda faltavam. Servia como distração e para a motivação do dia seguinte, pois isso nos fazia perceber que estávamos avançando em direção à fuga.

Há quase vinte dias estávamos escavando. Em um mês, devido à dobra do rendimento, completariamos a maior parte, os três quartos finais. Por dia, retirávamos um volume equivalente a três ovos de galinha. Em uma parede dupla, isso não representava muito.

No começo da noite, depois das especulações, fui ler uma das revistas. O que aguardara todo dia para fazer. Folhei rapidamente todas as páginas, dando uma breve olhada no que me esperava.

Na noite anterior eu havia pensado no Jota e mal as havia olhado para guardá-las para um momento de maior tranquilidade.

Sabendo as maravilhas que viriam, pude dedicar a cada página toda a atenção que podiam merecer. Só na capa demorei o tempo de uma grande matéria. Coisas que aqui me encheriam de entusiasmo não tinham quase nenhuma importância antes de vir para esta cela cinza.

Continuei a ler tudo, a observar cada página, da incrível complexidade da impressão ao fascinante mundo da raposa do Ártico. Depois de quarenta páginas de muita contemplação, terminei a leitura e me peguei imaginando o que um sorvete ou um churrasco fariam comigo.

Acabei por me lembrar de inúmeros atividades de que sentia falta. Percebi que a privação do cárcere havia mudado o valor que eu atribuía a quase tudo. No caso de minha mulher e filhos, não posso afirmar que o amor havia mudado, mas com certeza havia se tornado bem mais consciente. Já nos objetos inanimados, entendi que os seus valores são muito mais relativos do que imaginava.

Com a simplificação dos objetos de que dispunha, pude entender que eles em geral servem basicamente para suprir duas necessidades. Objetos que atendem a uma necessidade legítima, como conforto, higiene, segurança, transporte e alimentação, e os que atendem tanto a necessidades legítimas quanto a emocionais, como o entretenimento, o *status* e o luxo.

A primeira, como o vaso sanitário e o chuveiro de que disponho aqui, tem o seu grau de importância fixado pelo seu uso prático, sendo assim justificada predominantemente pela razão, enquanto que a segunda, que poderia ser chamada de necessidades secundárias, possui importância extremamente variável, cujo valor é sujeito à percepção individual e específica ao momento. Sei disso porque desejei não apenas o transporte, mas o carro de luxo menos do que desejo agora um simples churrasco.

Uma lasca tirada da grelha direto para o meu prato, succulenta, macia e levemente salgada. Por Deus!

Sabendo que eu já cotei o churrasco apenas como uma ótima refeição e não como um pedaço do paraíso, me perguntei se eu poderia, intencionalmente, reatribuir valor aos objetos de forma a me beneficiar?

Na vida, sempre desejei o que eu podia ter, não o que o outro tinha. Concluí que inconscientemente eu já vinha induzindo meu interesse de acordo com as minhas possibilidades. Algo que há poucos dias percebi que o Jota e, provavelmente o Mathias, não faziam.

Inconscientemente, eu já sabia o que a revista de animais veio me salienta. O valor dos objetos são extremamente variáveis e, tendo plena ciência disso, entendi que se pode influenciar racionalmente o grau de importância deles.

Nasci classe média baixa e até chegar nas classes financeiras mais altas passou-se tempo suficiente para eu viver bastante entre as classes que as separam. O que me permite dizer que existem, tanto entre os menos privilegiados como entre os mais abastados, os insatisfeitos. Pessoas que sempre almejarão bens materiais além de suas posses.

Convivi com essas pessoas em todas as classes que passei. Pessoas da classe média baixa comprometendo o orçamento familiar ao comprar um televisor moderno e enorme. Ricos gastando parte do capital de giro dos seus negócios em uma compra precipitada do terceiro ou quarto imóvel familiar. Isso sempre me chamou a atenção. Por que razão um sujeito gastaria voluntariamente mal o seu dinheiro? Eu não entendia, porque como empresário encarava as compras como tarefas executadas para saciar majoritariamente necessidades racionais e não emocionais. Todavia, o fato é que a razão raramente é a nossa única influência. E a parte emocional, em diferentes pessoas, possui diferentes proporções.

Mesmo eu, um comprador moderado, quando compro roupas, não tenho como objetivo só me aquecer. Admiti que o ser humano, no mundo moderno, quase tudo que adquire, adquire também por motivos emocionais, criticáveis ou não.

Contudo, nunca deixei que o desejo por um bem me compromettesse financeiramente. Essa característica facilitou criar uma empresa forte que, para enfrentar uma crise ou alavancar um negócio, sempre dispôs de caixa. Posso atribuir parte do meu sucesso a essa característica e a sempre ter deixado que a razão, pelo menos nos assuntos financeiros, assessorasse minha emoção. Manipulava até então, sem perceber, o valor dado ao objeto de acordo com as minhas possibilidades e razão em tê-lo, não deixando me seduzir por aquilo que poderia me prejudicar financeiramente.

Lembro-me quando jovem, recém-formado no colégio, tendo que trabalhar para pagar a faculdade de Administração. Eu vivia em um apartamento com sala, quarto e cozinha conjugados e com dinheiro minguado. Tinha colegas na mesma situação, mas muitos com uma visão totalmente diferente de mundo.

Enquanto ouvia queixas a respeito do trabalho, dos seus apartamentos e de como a comida estava cara, eu, por vezes, me achava um afortunado apenas por ter conseguido encaixar o horário do serviço com o da faculdade. Isso já me motivava.

O próprio trabalho via de forma diferente. Sua função era a de exigir da minha pessoa, me ensinar e me fortalecer. O meu apartamento era minúsculo, mas, se comparado com um quarto de hotel, se



tornava amplo.

Na época, entendo hoje, já induzia a minha mente. Para mim, era uma forma natural de encarar o que tinha.

O que fazia era me convidar a olhar minhas posses por diversos prismas e escolher o que melhor me servisse. Algo que fiz aqui e que talvez me leve a sobreviver.

Lembro-me de fundamentar na história do homem quando buscava me confortar com o que tinha.

*Reclamamos do que não temos, como se o que nos faz falta fosse elementar para uma boa vida, mas quantas vidas existiram antes do que estamos pedindo sequer fosse inventado?*

Pensando em comidas, viajava até mil e quinhentos anos do calendário cristão onde, todos sabem, cravo, alho, canela e pimenta eram artigos de luxo e considerados um privilégio quase que exclusivo da alta sociedade. Depois, tentava perceber que no meu apartamento era servida então todos os dias comida de nobres, mesmo sabendo que no apartamento ao lado tal comida poderia ser vista como de pobre.

Recordava-me também do privilégio de ter açúcar, que apenas depois da Revolução Industrial, no século dezanove, pessoas puderam desfrutá-lo em tamanha quantidade e qualidade. Sem falar no sal, que por milênios foi chamado de ouro branco, tamanho era o seu valor, e que estava a minha disposição na mesa.

Induzindo racionalmente minhas emoções, transformava uma pequena frustração em potencial em uma razão para agradecer. Quando conseguia, valorizava o que tinha e me desvitimizava ao mesmo tempo.

Todavia, nem por isso o meu objetivo era o de me desprender de posses, tanto que as procurei. Também não almejava o poder de louvar a areia, mas simplesmente estar em uma melhor harmonia com o que tinha, sabendo que o que possuo pode e deve ser valorizado, e isso não está fixado ao objeto inanimado, mas sim é uma tarefa que cabe ao observador.

*Nos é passada a ideia de que o meio tem fundamental influência sobre o indivíduo, e de fato é verdade, não posso negar na situação que me encontro, mas posso acrescentar que o indivíduo tem diversas possibilidades para perceber o meio e, assim, ser influenciado por ele. Um belo passo a ser dado talvez seja ter maior controle sobre como vemos o que nos cerca.*

Enzo me cutucou a perna, depois me chamou, possivelmente pela terceira vez. – Hei! Júlio César. Acorde – .Falou com bom humor.

Eu não havia ouvido a porta se abrir.

– O Jota trouxe a nossa janta.

# Capítulo 18

Passados mais seis dias, acabamos por gozar de uma espantosa intimidade com o Jota. Tudo estava posto na mesa. Era sabido que a situação era muito mais forte que os fracos laços que havíamos criado, o que ajudou a desenvolver uma relação honesta entre as partes. Nós o mataríamos se pudéssemos; ele nos mataria se precisasse. Mal eu sabia que em uma semana tudo iria terminar.

Todos os dias conversávamos cerca de uma hora depois do almoço; caso ele não declinasse do papo, nós o fazíamos. Precisávamos antes de tudo trabalhar. Poucas vezes ele nos procurou fora do horário das refeições e, nessas ocasiões, as mesmas trancas que nos mantinham presos nos davam tempo para evitar o flagrante.

Foi no começo da tarde, depois de 55 dias de cativo, que o Jota veio nos trazer grandes notícias. Enzo estava em cima da cadeira trabalhando na escavação quando ouvimos os passos do Jota se aproximando pela sala. O som das trancas sendo abertas se seguiu. Suavemente Enzo desceu da cadeira e se juntou a mim.

Ficamos de pé esperando que a porta de madeira se abrisse. Concordamos que se interessar pela “porta que se abre” era a conduta mais coerente, tendo em vista a vida que levávamos. Chamávamos o que fazíamos de “esperar pelo dono”.

A porta se abriu com o Jota de gorro, sorrindo para a gente. Depois perguntou:

– Como estão os executivos hoje?

– À disposição, como sempre. – Brincou Enzo.

– Tenho ótimas notícias.

Enzo respondeu com o seu habitual bom humor. – O que foi? A polícia cercou a casa?

– Não tão boa assim. – Respondeu Jota sorrindo, contagiado pela brincadeira. – Sabe... – Falou para mim elogiando o humor do Enzo. – Você devia ser mais como o seu colega. – Comentou amigavelmente.

– Se eu pudesse, seria. – Respondi continuando o bom clima, mas focado nas novas notícias. – Mas que novidade você nos traz? – Falei já cogitando novas preocupações.

O Jota pegou uma cadeira e sentou-se em frente à porta gradeada.

– O cativo de vocês está chegando ao fim.

Tomei um leve susto e, sem saber o que pensar, olhei para o Enzo, que tampouco entendeu o que ouvira.

– O que aconteceu? – Perguntou Enzo. – Isso. O que houve? – Repeti apressado, mas ainda subestimando a informação.

Com um largo sorriso no rosto, Jota, sem saber, arrancaria todo o ar de dentro do meu peito.

– Vendemos todos os rubis e um terço dos diamantes. – Comentou pensando que nos contagiaria com a sua alegria, já que imaginava que as nossas expectativas giravam em torno das promessas feitas por eles. Infelizmente, quando ouvi aquilo, minha reação foi oposta e indisfarçável, já que a nossa morte tornava-se mais próxima e provável. Os meus músculos involuntariamente se enrijeceram e eu fiquei paralisado; entretanto, isso não impediu que o meu pensamento voasse por conta própria.

O Mathias estava andando com os seus próprios pés e rápido demais. O Enzo e eu precisávamos de no mínimo três semanas de escavação ou não passaríamos pelo buraco.

O desgraçado, dado o seu perfil e talento, poderia vender o restante dos diamantes a qualquer

momento, depois nos enterraria.

À medida que ia entendendo mais as implicações daquela notícia, fui perdendo os meus sentidos. Em pouco tempo, mal tinha certeza se ainda estava sentado. Meus olhos lacrimejavam e os meus músculos não se mexiam. Senti minha cabeça pesando para frente, mas eu não tinha certeza se estava me mexendo, nem conseguiria corrigir o movimento caso estivesse caindo. Eu precisava me recuperar.

– Carlos, você está bem? Carlos...

– O que está acontecendo, ele está bem, Enzo? – Perguntou Jota, levantando-se da sua cadeira.

– Carlos... Fala comigo.

Recebi leves tapas no rosto, depois senti o Enzo me segurando com firmeza na tentativa de me manter sentado. O Jota estava de pé atrás das grades perguntando o que estava acontecendo. Concentrei e me esforcei para retomar o controle sobre o meu corpo, e depois de um tempo ele me atendeu.

– Estou bem. – Falei baixo, ainda recobrando os sentidos. – Me deixa respirar um pouco. – Sentado, respirei profundamente algumas vezes.

– Está tudo bem, Carlos? – Perguntou Enzo.

– Está. – Mas não estava. Minha frustração alcançou o mais alto grau desde que havia chegado aqui. Eu desejava chorar desesperadamente. Sentia meu esforço e a minha esperança serem desdenhados e depois jogados fora. Também senti vontade de gritar e dizer para todos que o prometido era uma farsa. Que eu sabia e que nada me convenceria do contrário. Eu queria trazer para o meu desespero o Enzo e falar para o Jota o que eu simplesmente sabia. Esta era a minha vontade. Eu precisava extravasar tudo aquilo que há muito vinha me remoendo, mas consegui engolir as palavras, sem, no entanto, diminuir a minha ira, meu ódio por ter que fingir que acreditava no maldito Mathias. Eu queria berrar para todos que eles me matariam, mas que nem por um segundo me iludiram... Mas quem a minha insignificante raiva atingiria? Minha frustração serviria apenas para me afastar do Jota e contagiar o Enzo. Gastei minhas últimas energias para suprimir o que quer que aflorasse naquele momento. Nada de bom viria.

– Desculpa, Jota. Foi involuntária a minha reação. – Falei sem conseguir disfarçar o abatimento.

– Tudo está indo de vento em popa, Carlos. O seu plano está mostrando ser correto e ainda melhor do que o imaginado. O Mathias está acelerando as vendas porque está se sentindo seguro.

– Mas é arriscado apressar tanto assim. – Menti para justificar minha atitude e também por simples reflexo de mentir, já que a esta altura sabia que o Mathias não poderia mais ser freado por mim.

– Você acha?

– Não importa mais o que eu acho, importa? – Estava muito fraco para fazer rodeios.

– Acho que não. – O Jota respondeu com aparente simpatia e sinceridade.

Fui direto ao que interessava, porque gostaria que terminasse aquela conversa. – Você acha que o Mathias vai nos libertar?

Jota vacilou antes de responder.

– Vou ser muito verdadeiro com o que digo. Acredito que vocês foram excelentes no que lhes foi cobrado. Deixaram eu e o senhor Mathias extremamente satisfeitos. Sei que ele os admira e sei como costuma manter a palavra com quem foi útil e colaborativo. Então, sem dar garantias, já que sempre fomos muito honestos uns com os outros, acredito que sim.

– Quanto tempo?

– Acho que em uma ou duas semanas vocês se verão livres de nós.

Em uma ou duas semanas nós não conseguiríamos acabar o buraco, pensei comigo.

Lágrimas saíram dos meus olhos e eu pedi desculpas por isso. Quando me recuperei, lhe fiz uma pergunta.

– Você sabe quanto tempo depois da venda vocês nos libertarão?

– Parece que três dias depois ligaremos para a polícia e daremos o endereço daqui.

Foi demais ouvir aquilo e eu acabei perdendo totalmente o controle. Eu não era tão centrado como o Enzo. Pulei, me sacudi, falei sozinho e bati nas paredes. Entretanto, senti que os dois compreendiam perfeitamente os meus atos.

Comecei a andar dentro da cela de um lado para o outro, de vez em quando olhando para o teto, desejando que minha soltura pudesse ser verdade. A vontade de rever a minha família era forte demais para eu aceitar que não fosse atendida. Não depois de estar tão perto da fuga. Ainda perambulando pela cela, pedi ao Jota que me desse um tempo para me recuperar e ele me atendeu dizendo que voltaria depois.

Eu continuei caminhando e comecei a sentir todo o meu corpo formigar e alguns espasmos musculares no rosto e nas mãos. A ansiedade era enorme e mais uma vez o coração batia de raiva dentro do peito. Sabia que, se não fugíssemos, tínhamos alta probabilidade de sermos mortos pelo Mathias e nada me convenceria do contrário.

O Enzo me segurou firme pelos braços e a seguir me deitou na cama, onde minutos depois meu corpo exaurido se desligou.

# Capítulo 19

Quando acordei, uma hora mais tarde, a descarga de adrenalina que havia tido me fez sentir como que se estivesse parcialmente anestesiado e, ao mesmo tempo, o estresse que há meses vinha se acumulando parecia ter sido dissipado. Foi como se a ida ao fundo do poço tivesse cobrado até o último dos meus hormônios de “alerta ao perigo” e agora eu não mais os tivesse.

Estranhamente, me percebia sereno, e a minha morte, que até então não conseguia admitir, se tornou aceitável. Na bizarra situação em que me encontrava, aquela indiferença trouxe-me uma recarga de energia e constatei que estava mais disposto a ver o que viria do que propriamente preocupado.

É possível que estivesse saturado de desapontamentos a tal ponto que houvesse me dado o direito de não mais me importar. E a falta de alternativas servia para autenticar ainda mais aquele pensamento.

Claro que pensava na minha família, mas sentia que, com tudo o que fiz e agora, com tudo aquilo que tenho, naquele momento eu estava livre para não sofrer pelo que viria. Com isso minha aflição sumiu. Meu medo e minha raiva sumiram e, mesmo sabendo que aquela reação era transitória, gozava de certa tranquilidade.

Parecia que entendia os homens das primeiras fileiras nos campos de batalha que correm enérgicos em direção à morte. Pelo menos uma parte deles. Talvez não fosse só o ódio ao inimigo e o dever pátrio que os motivassem, mas a desistência aliada ao desgaste de continuar vivendo, que tomavam corpo junto à falta de opção e perspectiva. Porque se me largassem lá dentro do jeito que estou, minha vontade seria a de correr o mais rápido que conseguisse até o outro lado, enfiar uma espada no peito do inimigo e depois aceitar a minha morte.

Com a supressão das minhas emoções de autopreservação, contava com a minha razão predominantemente e tive condições de reagir à situação melhor do que podia esperar. Em uma hora meu corpo tinha descansado mais do que em uma noite inteira. Abri meus olhos, me espreguicei na cama e, plenamente lúcido, comuniquei ao Enzo que me sentia melhor.

Depois de me ouvir, perguntou: – E agora, meu amigo?

– Agora estamos à mercê do Mathias. – Falei uma frase temerosa, sentindo-me um pouco indiferente a ela. Enzo respondeu:

– Ainda não é certo que a última venda seja antes de um mês.

Levantei-me para depois sentar à frente dele.

– Mas é muito provável. – Respondi. – Ele tem no histórico duas vendas relativamente rápidas de esmeraldas e rubis. Já fez o contato com compradores de diamante e já efetuou um terço das vendas desta pedra. Pela lógica, a partir de agora, ele tem capacidade de vender tudo a qualquer momento. Só deve estar esperando por outro comprador ou mesmo já negociando com um.

Enzo assimilou o que eu dizia, depois abriu meus olhos para um ponto que eu não havia ainda notado.

– Carlos, a última vez que o Mathias lhe pediu conselho foi a respeito da venda dos rubis há quatro dias, não foi?

– Foi. – Até então, o Mathias já havia falado comigo ao telefone em muitas outras ocasiões, geralmente à noite.

– Pelo que está dizendo, parece que ele não precisa mais dos seus conselhos. Não concorda?

– De acordo com o que nos foi dito hoje... Concordo.

– Se o que pensamos dele é verdade, por que ele ainda nos mantém vivos?

Espantei-me com aquela simples verdade que há tão pouco tempo se tornara disponível para nós.

– De fato... Não sei. – Fui falando à medida que me vinham as ideias. – Talvez um assessoramento de última hora. Algum imprevisto... Mas a essa altura ele próprio sabe administrar imprevistos. Também tomou sozinho a iniciativa de contatar os negociantes de diamantes... O safado aprendeu rápido! Não sei, Enzo. Não sei por que ele nos mantém vivos. Talvez vá nos libertar ou... Esteja vindo nos matar. – Soltei um riso nervoso. – Ou tem outras prioridades no momento.

Enzo se pôs a pensar, depois compartilhou a sua esperança com admirável calma.

– Você já pensou seriamente que ele pode cumprir a sua palavra? Só pense com vontade uma vez nesta ideia, porque nossa chance de fuga diminuiu drasticamente. Sermos pegos cavando pode destruir a única chance que temos. Eu concordei com você que a fuga era a melhor escolha, mas a situação mudou. A fuga se tornou muito improvável, e o fato de sermos mantidos vivos, depois de perdermos a utilidade, é compatível com o acordo de sermos libertados, não é verdade? – Sorriu, parecendo de fato confuso. Depois completou. – Ou virei bobo depois de velho?

Eu pensei a respeito.

– Talvez seja o que nos resta. Virar bobos e torcer... A conclusão que você colocou pode estar correta. Só que para mim ela não condiz com o Mathias. Seria uma conduta alienígena no meio das tantas outras que conhecemos, mas vai saber... Tudo é possível, porque se me basear sobre o que penso do Mathias... Nós já devíamos estar mortos, mas é bom lembrar que tudo que supomos foi e ainda é passível de erro. Talvez tenhamos outra utilidade... De qualquer forma, não acho que devemos deixar de escavar o buraco. Vai que fiquemos aqui por um mês inteiro. Conseguimos ouvir um ruído a vinte metros, Enzo, não vai ser fácil nos pegar! E outra, se nos pegarem, vão pensar o quê? Se estiverem mesmo bem-intencionados, passarão da bela atitude de nos cuidarem dias a mais do que precisavam para a de nos executar porque nos flagraram lutando por nossas vidas? Não. – Enzo ouviu passivamente os meus argumentos, depois se uniu a mim.

– Você tem razão... Vamos continuar. Mas admito que estou botando um pouquinho de fé no Mathias.

– Se isso ajuda você... – Foi o máximo que consegui dizer. Infelizmente, em pouquíssimas coisas na vida depositava a minha fé. Ficamos em silêncio por pouco tempo, até ouvirmos alguém se aproximar da porta.

A informação, que viria a ser a mais valiosa já recebida por intermédio do Jota, havia sido atrasada pela minha descompostura anterior.

# Capítulo 20

Jota abriu a porta.

– E aí, meu amigo, está se sentindo melhor? – Falou solidariamente.

– Estou, a notícia me pegou de surpresa. Desculpa minha reação.

– Que é isso, Carlos! Não sei se não faria o mesmo... Mas e aí, conseguiu pensar melhor, ver o que lhes contei como uma notícia positiva?

– Consegui. O que quer que aconteça, quanto mais rápido melhor.

Jota sorriu sem jeito. Eu havia perdido a paciência em me polir.

– Desculpa, mas vou ter que concordar.

Enzo entrou na conversa. – Pelo que percebi, você realmente acredita na palavra do Mathias, não?

– Acredito. – Respondeu Jota.

Enzo continuou. – E eu acredito em você. – Eu também começara a acreditar no Jota desde o momento em que o Enzo me fez entender que o grupo não precisava mais da nossa ajuda. Sendo assim, o Jota não tinha razões para mentir, nem teria interesse em desenvolver um relacionamento com quem soubesse se tratar de futuros cadáveres. Minha preocupação era com o Mathias.

– E o Mathias? Você tem conversado com ele a respeito de nós? – Racionalmente o Enzo conduzia a conversa.

Jota se mostrou disposto ao diálogo e pegou uma cadeira para sentar. Antes de responder, optou por uma introdução contundente. – Olha, eu não quero perder o nosso tempo tentando convencer vocês de nada. Se querem me perguntar algo, espero que pelo menos já tenham entendido que eu não tenho razão nenhuma para mentir... Ou tenho? – Fitou-nos brevemente nos olhos para salientar o que dizia, mas pareceu fazer isso com o intuito de um amigo.

– Você não tem. Nós estávamos falando sobre isso antes de você chegar. O jogo acabou. Estarmos vivos já é para nós o maior indício da boa vontade de vocês. Mas, entenda, até que tenhamos posto nossos pés para fora daqui, as implicações da nossa soltura estarão sempre em pauta.

– Eu entendo... – Falou dando fim àquele assunto. – Então, respondendo a sua pergunta, Enzo. Conversei com o Mathias esta semana e ele me disse que em duas semanas estaremos saindo daqui. Perguntei se manteríamos o combinado a respeito de vocês e ele me respondeu que não tinha razões para não manter, mas que gostaria de falar novamente para lhes explicar o que devem contar à polícia e por que deveriam seguir à risca esta última ordem.

Aquilo fazia mais sentido do que simplesmente nos soltar. Poderíamos ajudá-los passando uma versão à polícia que os favorecesse. Era uma escolha em que se podia acreditar. Olhei para o Enzo com um pequeno sorriso no rosto. Nós tínhamos algo para se segurar!

– Vocês estão mais felizes? – Tudo estava muito à flor da pele aquele dia, e o Jota deve ter reparado que a informação tinha sido bem recebida.

– Também estou feliz por tudo isso estar acabando. – Falou apostando no sucesso. – Foi um ano e meio de muito planejamento e trabalho.

Enzo respondeu usando sua sempre confiável estabilidade. – Eu imagino... Sinceramente, espero que tudo acabe bem para vocês.

– E dará, Enzo. – Afirmou Jota. – Já deu certo para os outros, por que não daria certo para mim e

para o mentor de tudo isso? – Falou despreocupadamente, em parte como desabafo depois do final do jogo, em parte como uma necessidade de reforçar a sua própria confiança. O Enzo e eu nos olhamos e, como eu, ele estranhou o que o Jota havia dito, mas fui eu quem primeiro retrucou: – Não vamos enfiar os pés pelas mãos, veja se não se compromete nos respondendo, mas como assim, para os outros deu certo?

– Você sempre precavido, não é? – Fez uma pausa. – Não é segredo que tenhamos que sumir do mapa, ou é?

– Não sei o que a polícia sabe sobre vocês. – Respondi.

– Pois nem nós. – Rebateu.

– É verdade. Por favor, continue.

– Então... Na dúvida, todos nós temos que fugir do Estado e os primeiros já foram.

Perdi um tempo ainda estranhando a informação que acabara de ser confirmada. – E eles fugiram antes da venda dos diamantes? – Perguntei tentando imaginar alguma razão que pudesse explicar aquilo.

– Carlos... – Falou chamando a minha atenção.

– Desculpa, mas é de estranhar alguém sair no melhor da festa.

– Você não tem jeito, é desconfiado por natureza. Dividiremos o total quando nos reencontrarmos. Eu e o Mathias ficaremos com um percentual a mais pelo risco maior que assumimos. Mathias entendeu que era mais seguro ficar apenas quem fosse ainda necessário e decidiu que ficaríamos nós dois logo depois de você entregar os planos de venda para ele.

Sem filtrar informações falei conforme ia raciocinando. – Realmente lhe disse que quanto menos pessoas, melhor.

– Exatamente, quanto menos pessoas envolvidas na cidade, menor o risco. – Ouvia-lhe percebendo que o Mathias devia ter escolhido para ficar por último o mais crédulo e fiel dos seus discípulos.

– Sim... – Concordei contrariado. Talvez o medo houvesse me tornado finalmente paranoico. Contudo, desejei entender aquela situação no mínimo curiosa. Perguntei com receio do que poderia receber como resposta. – E o que garante que ninguém passe o outro para trás? – Eu via o Mathias como uma ameaça, enquanto o Jota o via como parceiro e mentor.

– É como uma empresa, Carlos. Eles sabem quantas pedras tínhamos; com notas e extratos bancários teremos que chegar a um valor coerente. Além de todos concordarem que é melhor ter uma pequena fortuna tranquilo do que uma fortuna maior, mas com um familiar atrás do outro morrendo.

– Justo...

Enzo entrou na conversa. – Você conhece a família do Mathias?

Jota titubeou. – Não, mas porque foi ele que nos procurou. De qualquer forma, todos conhecemos o seu rosto, sabemos onde encontrar suas digitais e pedaços da sua história. A polícia não precisaria mais do que um de nós para encontrá-lo. Somos todos lobos aqui, Enzo. Vocês não estão sugerindo que...

Tomei a dianteira da conversa. – Você sabe que sou desconfiado; é uma preocupação que surgiu. Mas também podemos estar apenas jogando conversa fora.

– Você não é de jogar conversa fora, Carlos. Pelo menos, não comigo... Já disse para vocês :o Mathias pode passar por cima da lei, mas isso não impede que ele crie relações de confiança. Estamos nessa juntos há um ano e meio, como disse antes, e já passaram muitas pessoas que seriam mais fáceis de descartar do que de pagar ou deixar viver. A costureira de que lhes falei é um exemplo. Além de deixá-la viva, ele pagou pelo serviço. Se eu não tivesse visto, não acreditaria. O gerente do banco...

– Não – !Gritamos juntos. Sempre imaginei que eles precisariam da colaboração do gerente para ter certeza de que não restasse nenhuma imagem de vídeo dos seus rostos e bem sabia que eles eram bons



em convencer pessoas.

– Nossa, já falei que não vou me comprometer. Mas que merda! – Protestou humoradamente do nosso sincronismo e medo. – Vocês dois têm que sair logo daqui; estão ficando paranoicos. – Rimos e me perguntei de novo se não era o caso. Depois, Jota continuou. – Por exemplo, vocês serão burros de arriscarem suas vidas depois de devolvermos elas para vocês?

– Não. – Respondemos juntos novamente.

– Então, nenhum de nós é. Também temos medo um do outro... E respeito. Outra coisa. Deixem que eu filtre o que devo falar. – Fez um intervalo para assimilarmos o que dizia. – Então, muita gente passou e quem colaborou se saiu bem. Eu mesmo, a mando do Mathias, gastei do dinheiro do assalto para conseguir documentos para que os outros fugissem.

O Enzo iria se mostrar alinhado com o que eu estava me questionando. – Desculpa lhe perguntar sobre isso, Jota, mas comecei a concordar que você tem pouco a se preocupar conosco. Então, posso?

– Diga. Espero que não seja outra preocupação.

– Também espero... Você já falou com eles depois da fuga?

Jota não vacilou. – Não, isso só aumentaria o risco. – Aquela situação curiosa acabava de ter um potencial mórbido.

Eu esperava que um grupo de bandidos tivesse uma equivalência de forças e utilidades que protegessem seus integrantes.

Talvez estivesse fantasiando, talvez minhas vontades estivessem enfraquecendo o meu discernimento, mas, independente de qual fosse a razão que estivesse me puxando para aquela possibilidade, o fato era que eu não conseguiria mais frear o meu impulso de ir a fundo nela, e parecia que o Enzo também não.

– De que forma aumentaria o risco? – Continuou Enzo.

– Vocês estão querendo que eu fique desconfiado, é isso?

– Não. Estamos tentando entender a sua situação. Caso nada mude, o máximo que perdemos é o nosso tempo. Então, de que forma aumentaria o risco se você falasse com os seus companheiros? – Insistiu Enzo, sendo abençoado por mim.

Jota pareceu pensativo e mais disposto para ver onde aquilo ia dar. – Caso ocorra algo de errado e tenhamos que sair às pressas, uma ligação pode denunciar o local para onde vamos.

Depois que se criou um pequeno silêncio, sugeri: – Escolha um telefone público ao acaso e ligue uma única vez.

Jota pareceu se abater com o que viria a nos dizer. – Também porque não tenho essa permissão. – Senti um frio passar pelo estômago. O susto do que podia ter acontecido primeiramente me assombrou, depois veio a abrir uma possibilidade.

O Mathias, sem dúvida, sabia manipular as pessoas e fazia isso com muita habilidade e astúcia, mas também se utilizava do medo. Talvez este medo acabasse por traí-lo.

O Jota nunca teve permissão para conversar conosco e presumivelmente nunca deve ter contado ao Mathias sobre isso. Então termos contato com aquelas informações era algo impossível de acontecer para Mathias, e aquilo se tornava uma grande vantagem no momento em que eu começava a cogitar a possibilidade de que o destino de nós três pudesse estar no mesmo barco. Nosso carcereiro finalizou a informação.

– O Mathias combinou com o grupo que qualquer ligação que não seja feita em determinada hora e dia da semana não deveria ser atendida.

Todos nós ficamos calados. Entendemos que as condições existentes condiziam com precauções adotadas para um bom andar da carruagem, mas também permitiam a abertura de uma nova hipótese.

Enzo, com seriedade e poucos rodeios, botou na mesa o que nós havíamos acabado de vislumbrar separadamente.

– Pense comigo, Jota. Vocês têm milhões nas mãos. Em um grupo de ladrões, desculpa a sinceridade, cada um é dono de um pedaço desse dinheiro. Tirando o Mathias, o homem que arquitetou tudo isso, você, pelo que poderíamos chamar de um capricho de planejamento, não pode ter a confirmação do paradeiro de todos os outros “sócios”. Eu lhe pergunto como um pedido de ajuda, porque eu mesmo não sei a resposta: mas é possível que um homem que planeja um assalto, que aceita com naturalidade causar a morte de inocentes e que sabemos ter formado um grupo com o único propósito de justamente ganhar dinheiro, é possível que este homem também aceite matar ladrões, peço desculpa de novo, para multiplicar o seu lucro?

Jota cada vez se mostrava mais tenso. Parecia estar procurando um lugar para as novas peças de um quebra-cabeça. Ainda assim, não conseguia imaginar o “mentor” de todos traindo seus seguidores. Já eu, além de desejar, com certeza conseguia imaginar. Jota quebrou o silêncio.

– Não acredito que estou tendo esta conversa com vocês ...É possível sim, mas por que então discutiria com o grupo a respeito da nossa maior porcentagem? Por que ele gastaria com documentos falsos e passagens? Fora que eu mesmo sou testemunha de que ele cumpriu com a palavra com as pessoas que passaram por nós até aqui.

Eu precisei jogar um copo de água fria na conversa para tentar nos manter mais tempo nela. – Tudo bem, Jota, só estamos estranhando o fato do grupo se dispersar antes do prêmio final... Até porque o Mathias aos seus olhos não é o mesmo que aos nossos; então você há de convir comigo que é natural que duvidemos dele, e você não ter contato com as pessoas que poderiam corroborar com a versão do Mathias só faz com que aumentemos as nossas dúvidas.

Antes de falar, ele continuou a se mostrar pensativo, como se estivesse vasculhando sua mente atrás de informações que o derrubassem do muro. Para mim, nós o termos colocado lá já me permitia aceitar melhor o que havíamos suposto. Infelizmente, sua procura esbarrou no que a nossa anteriormente já havia esbarrado.

– Então me digam: caso ele não planeje manter a palavra com ninguém, por que diabos vocês ainda estão vivos?

Enzo tinha me colocado a mesma questão anteriormente e eu não conseguia respondê-la. – O que acha, Enzo? – Perguntei.

– É o que não está batendo.

– Talvez seja porque os meus colegas estejam vivos e nós três estejamos no limite.

Eu sabia que tinha algo a mais e via que os olhos do Enzo concordavam comigo. Faltava os do Jota.

– Vamos descansar; daqui a pouco tempo, isso tudo vai ser passado. – Disse Jota, levantando-se da cadeira; depois fechou a porta.

Minha mente não me dava trégua, já que sentia que estava perto da resposta.

# Capítulo 21

Sabia da urgência de desmascarmos o Mathias, porque àquela altura já havia concluído o que ele tinha em mente para todos nós; só me faltavam algumas explicações.

Nós tentamos juntos procurá-las, mas foi em silêncio que o Enzo encontrou as respostas. No instante em que me expôs o que havia entendido, compreendemos cada vez mais as pretensões do Mathias e soubemos que o Jota viria para o nosso lado.

Duas horas depois do Jota ter fechado a porta, pedimos que a abrisse novamente.

Ele abriu uma brecha na porta e o Enzo conseguiu roubar toda a sua atenção.

– Jota, não lhe chamamos por nada. Carlos e eu pensamos muito a respeito sobre a conversa que tivemos com você e acreditamos ter achado respostas para as questões que levantou. – Enzo fez uma pequena pausa. – Tudo que alcançamos na vida foi fruto do nosso discernimento e julgamento e não o chamaríamos aqui para brincar de detetive. Então, espero receber toda a sua atenção. Espero que pegue uma cadeira e se sente na nossa frente, porque nós dois acreditamos que a conversa que teremos com você é a única possibilidade de salvar a vida de nós três. – Os olhos de Jota estavam atentos, enquanto que sua expressão tornava-se mais sóbria. Após ouvir tudo, saiu para pegar uma cadeira sem dizer uma palavra, depois, solidário, abriu a porta e sentou na nossa frente.

– Claro que o escuto, Enzo. O que foi?

– Vou falar tudo de uma vez e peço que me deixe acabar. – Como sempre, expôs o que pensava com tranquilidade, o que facilitava a compreensão.

– Perto do que se está almejando, o que significa gastar com documentos falsos? Pagar uma costureira ou um gerente? Nada. Não arranha o montante final, mas é muito útil para um fim e um fim apenas. Fazer com que o grupo testemunhe o perfil que ele queria vender a vocês. Sua motivação não foi moral, mas psicológica. O mesmo intuito teve quando defendeu uma porcentagem a mais para vocês dois. Pense. Ele sempre deteve todo o controle. Caso quisesse mais, não precisaria discutir para isso. Vai ficar claro à medida que você for abrindo os olhos para quem de fato é o Mathias. Um homem indiscutivelmente inteligente, calculista ao extremo, que só tem olhos para si e para o fruto deste roubo. Por um acaso do destino criamos uma amizade com o seu mais fiel escudeiro, mas que de burro não tem nada. Então, aproveito para lembrá-lo do seu perfil e pedir junto que faça um paralelo com o do Mathias. Pelo que sei, até aqui você nos mataria para ficar com o dinheiro, não mataria?

Admitiu sem constrangimento. – Infelizmente, sim.

– Você mataria o restante do grupo se o Mathias assim o quisesse?

Hesitou antes de responder. Entretanto, a força que despreendeu para ser honesto conosco e consigo mostrou-me que cada vez nos entendia mais. – Sim.

Enzo foi pontual. – Por que você acha que o Mathias não?

Sua própria resposta viria a ratificar as nossas suposições, e à medida que o Jota chegava ao final da frase, também entendia melhor o que o Enzo tentava lhe expor. – Pelas razões que há duas horas lhes falei.

Naquela conversa não havia espaço para trégua. Sempre com o tom de um amigo, Enzo prosseguiu.

– O Mathias só não pediu a sua ajuda para o assassinato deles porque assim você se questionaria sobre o seu. Você entende isso? – Jota não respondeu e o Enzo continuou. – Tudo ainda está no plano das

ideias, então queremos lhe dar mais razões do que as que temos.

– Concordo. – Falou um pouco apreensivo, referindo-se à falta de provas conclusivas.

– Você as terá quando pedir para fazer uma única ligação ao grupo. Seja discreto, ache uma boa justificativa e insista até o ponto que não gere suspeitas. Depois volte e nos conte a resposta que pensaremos em algo. Jota olhou algum tempo para o vazio, e Enzo e eu deixamos que o fizesse sem pressa. Relutante, falou baixo tentando se convencer. – Acho que farei isso.

Enzo, então, pôs na mesa a sua última carta. – Tem mais uma coisa... Sabe por que achamos que nós dois continuamos vivos, além, é claro, do Mathias continuar a posar de homem de palavra?

– Fale. – Respondeu com pouca energia.

– Por causa da nossa última função.

Cada vez mais o Jota parecia sem vida. – E qual seria?

– Manter você localizável e atarefado... – Enzo terminará o que havia se proposto a fazer. – Até o momento que convenha a ele descartar você.

# Capítulo 22

Ficamos cinco dias sem a resposta definitiva do Jota. Ele apenas dizia que ainda não tinha esgotado a possibilidade de dissuadir o Mathias a deixá-lo falar com o grupo. Disse que estava demorando justamente por ter nos dado ouvidos. Desse modo não queria chamar atenção do porquê de seu pedido. No quinto dia, depois de extrema agonia e ansiedade, recebemos o seu veredito.

O Jota sentou de frente à porta gradeada, parecendo um pouco consternado. Nós o acompanhamos ao sentar, aguardando as palavras do nosso destino.

– E aí? – Antecipou-se Enzo.

Jota lhe respondeu imediatamente. – Acredito em vocês.

– Verdade?

– Cem por cento. – Parecia desiludido ao falar. Seu mestre o traíra.

– O que você fez? – Perguntei a ele com forte esperança que estivesse convicto.

– Pedi para ligar e ele me disse para guardar o meu entusiasmo para daqui a oito dias, quando poderia falar com eles pessoalmente. Isso se repetiu discretamente nos últimos quatro dias. Insisti novamente hoje e ele me repreendeu dizendo que eu estava querendo pôr o plano em risco, que disciplina e sacrifício são grandes virtudes e que não deveria me desprender delas. Aquilo, somado ao que nós havíamos conversado, me deixou muito desconfiado. O que me fez decidir foi o que você falou por último, Enzo. Você me disse que estão ainda vivos porque servem como um exemplo do caráter do Mathias e também por me manterem aqui ocupado e localizável, não é?

– Exatamente, Jota. Acreditamos que servimos para isso e ainda para proteger o próprio Mathias de você. – Respondeu.

– Mas não me disseram por que era importante me manter vivo e eu também não lhes disse porque não estava convencido, mas agora estou.

– Fale, Jota. – Torcemos que sua informação corroborasse com as nossas.

Fez um breve silêncio. – Sou piloto. É assim que cruzaremos o Estado levando junto o dinheiro vivo que roubamos no assalto. Por isso também fui poupado.

O quê? Eu mal podia acreditar. Era bom demais ouvir aquilo! Nós estávamos certos. – Meu Deus! Em quantos dias ele lhe falou que vocês fugiriam? – Perguntei.

– Em três. Daqui a dois ele me disse que virá explicar para vocês o que deverão dizer à polícia. Depois disso, ele me encontrará na cidade. Se for o que estamos esperando, no final da manhã de sábado, daqui a dois dias, ele virá sozinho aqui para matá-los.

Enfatizei a ele. – Está tudo em nossas mãos, Jota.

– Já me dei conta disso, Carlos. Por isso também estou contando com vocês. Quero que pensemos juntos em uma saída. Só peço que me desculpem a franqueza, rapazes, mas vou fazer de tudo o que estiver ao meu alcance para sair daqui melhor do que entrei. Apostei o meu tempo, o meu suor e a minha pele nesta jogada; não saio dela de mãos vazias, nem com a polícia em meu encalço. Espero que me entendam.

Enzo entrou na conversa. – Com certeza, Jota. Carlos e eu pensamos todo o tempo em um plano que nos desse a liberdade e que garantisse a você uma boa vida.

– Então, estamos juntos. Prefiro falar a verdade e construirmos um plano que atenda a todos, do que aceitar o que irão me sugerir para poder tirar proveito. Admito que pensei na possibilidade de matar

o Mathias durante o voo. Não faço porque acredito que posso contar com vocês. Também por medo e porque não sou ganancioso ao ponto que o Mathias filho da puta é. Se eu levar a minha parte estou feliz. Oitenta por cento do dinheiro vivo que levamos no roubo está enterrado nesta propriedade; a maior parte do restante você nos fez gastar em mais pedras, lembra? Me ajudem a poder viver com isso que é mais do que o suficiente para mim. Sei que vocês são capazes de me ajudar.

– É o que nós estamos dispostos a fazer. Você pensou em alguma coisa? – Jota diminuiu seu ritmo de fala e expôs a nós a metade de um plano.

– Bem, há cinco dias, desde que se tornou possível eu ser apenas mais uma ferramenta para o cretino do Mathias, venho pensando em uma saída para mim. Acho que encontrei uma para nós três. Depende de vocês.

Enzo e eu nos olhamos e foi ele quem falou.

– Estamos dispostos, pode contar conosco.

Jota expôs o que havia planejado. – O que pensei está sujeito a mudanças; então, se quiserem propor algo diferente, me interrompam. Vou lhes explicar algo que para nós três considero fundamental. – Tomou fôlego para criar coragem. – O Mathias precisa ser morto ou nós nunca teremos paz nas nossas vidas... Acreditem. Ele conhece as nossas famílias e, pelo menos eu, não vou querer dormir pensando quando poderá ser o dia do acerto de contas. Vocês vão?

Enzo respondeu. – Nós pensamos sobre isso e, se precisar, aceitaremos o fato. – Não sabíamos se estávamos falando a verdade para o Jota, mas não havia pudor nem remorso em nossa conversa. Há muito tempo os limites haviam sido ultrapassados.

– Então, estamos de acordo... Me falem... Já pensaram o que dirão à polícia a respeito da fuga de vocês?

– Na verdade, pensamos. – Respondi.

– O que vão dizer?

– Diremos que conseguimos fugir da cela e no confronto acabamos por prender o Mathias ou, se assim for, matá-lo.

– E como dirão que fugiram?

Fiquei relutante em contar sobre o nosso buraco, mas que importância tinha isso agora? – Fugiríamos pela parede dos fundos. Há um mês nós a estamos desgastando para deixá-la oca.

– O quê? – Falou por não entender. – Como assim?

Tive que reafirmar a frase. – Uma parte desta parede está oca.

Mais uma vez não ficou satisfeito. – Não estou entendendo Carlos, como a parede está oca? Como fizeram isso?

– Usando a maçaneta do banheiro.

Falou em tom de brincadeira, subestimando-nos. – Esta merda é de alvenaria! O que um trinco pode fazer nela?

– Quase nada, mas fazendo quase nada todos os dias conseguimos sessenta por cento do que precisávamos. Se você nos der ferramentas melhores, podemos acabar o serviço em dez minutos.

– Não acredito... Posso ver?

– Vá pelos fundos e depois suba em uma cadeira, se estique e olhe para a base da janela.

Ele foi e voltou incrédulo. Sentou na sua cadeira e nos olhou tanto pasmo quanto admirado.

– Como é que pode... Cadê a maçaneta? – Mostramos para ele a maçaneta gasta e explicamos com orgulho indisfarçável como trabalhávamos.

– Inacreditável... Vocês dois não valem nada. – Fez um intervalo assombrado olhando a nossa “ferramenta”, depois olhou para o corredor, em direção à frente da casa. – Mathias, venha ver o que eles

fizeram. – Ao ouvi-lo os meus músculos se congelaram e suei frio. O Jota então voltou o olhar para nós.

– Vocês estão pálidos! – Falou isso e soltou a maior gargalhada que já o vi dar. Fiquei esperando ver o Mathias chegar à porta, mas ele não chegava. Olhei para o Enzo ainda assustado e juntos fomos entendendo do que se tratava. Nossas feições se tranquilizavam à medida que nos permitíamos sentir alívio. Do susto, passamos a acompanhar a sua risada. Demos um bom tempo para aquela distração, depois voltamos ao que interessava.

– Mas é isso. É assim que poderíamos fugir. – Falei.

Jota desdenhou com graça da sua imaginação.– Tinha pensado que poderiam falar à polícia que a cozinha tinha pegado fogo e na tentativa do carcereiro de retirá-los da cela vocês o haviam rendido.

– Podia ser também. – Achei mesmo uma boa ideia.

Jota voltou aos seus negócios. – Melhor a de vocês. Vou trazer um martelo e uma talhadeira. Estamos pensando juntos até aqui, mas o que vocês planejaram para mim?

Enzo explicou o que havíamos arquitetado, já que a maior parte havia sido sugerida por ele. Agradei o fato de que, sempre que precisei, pude contar com a coerência e a perspicácia dele. – Você não quer a polícia na sua cola. Nem nós queremos que se preocupe com isso ou, pior, que imagine que possamos ser tentados a ajudá-los. Foi aí que pensamos que podemos dizer desde o começo que você nunca existiu. Que todo o contato que tivemos com você, na verdade, foi com o Mathias. Matamos o integrante que matou todos os outros. Caso encerrado.

Continuei. – Quanto a nós, estamos tranquilos. Vou dizer que os ajudei. Não tenho por que esconder. Fui coagido, para dizer o mínimo. Quem não gostar... Digo em bom português, que se dane. – Todos rimos. Depois continuei: – Além do que, faço questão de ajudar a polícia a rastrear o dinheiro das joias.

– Melhor do que tinha pensado! Sumo da equação... Mas você tocou em um ponto que eu já iria tocar, Carlos. Quem me garante que vocês não irão querer me rastrear também? Porque, apesar de termos criado uma empatia entre nós, isso não desfaz o que lhes venho causando, nem mudou a minha disposição em lucrar com isso. Então, não posso pedir, nem muito menos contar com apenas a palavra de vocês. Espero que entendam: preciso de uma forte razão do porquê colaborariam comigo depois de estarem seguros com a polícia. Não estou certo?

– Você já tem esta razão. Nós estamos dispostos a nos tornar cúmplices do homicídio do Mathias. Estamos ajudando você a planejar e a executar um crime. Se isso não lhe dá um bom motivo, não sei mais o que pode dar.

Jota refletiu, mas pareceu fazer isso apenas para confirmar o que já acreditava. – Desculpa, mas não concordo com vocês. Vocês podem dizer que quem planejou e executou fui eu e que vocês apenas aceitaram os meus termos para sobreviver. Eu mesmo não tenho como dizer se isso não é verdade, ou tenho? Acredito que, por medo, vocês também queiram a morte do miserável, mas por que iam querer que eu viva bem depois do que lhes fiz? Vocês podem estar armando para cima de mim... Estou errado por cogitar isso? Também é sobre a minha vida que estamos falando. – Falou com a franqueza de costume; em seguida continuou. – Durante estes últimos dias me esforcei procurando uma razão para que vocês não desejassem que eu fosse encontrado, que os mantivesse fiéis ao que fosse combinado, e há dois dias uma ideia simples e inegável me ocorreu.

Estávamos nós três sentados um diante do outro com suor nas mãos e o nosso destino em pauta.

– Continue. – Falei apreensivo pelo que viria.

– Só espero que vocês tenham estômago para encarar, porque só assim poderei me proteger de vocês. – Fez uma longa pausa, como se precisasse de tempo para organizar o seu pensamento. – O que podemos fazer é o seguinte: Já que não vamos queimar a casa toda, eu poderei passar hoje e amanhã

limpando, de cima a baixo, todas as digitais que possa ter deixado. Assim, sumo com a minha presença daqui. Depois de amanhã, no sábado bem cedo, me despediria de vocês. – Interrompeu-se para fazer uma observação brincalhona. – Me despedirei de longe, não se animem.. E pela nova sugestão de fuga, lhes entregarei um martelo e uma talhadeira. – Jota suspirou, sabia que a informação a seguir seria difícil de digerir.

– Agora vem a razão que encontrei para confiar em vocês. O Mathias chegará poucas horas mais tarde. A partir daí vocês terão o livre-arbítrio. Façam o que quiserem com ele. Deixarei um revólver na sala. Este foi o jeito que encontrei de realmente mantê-los fiéis a mim. Estou pondo as minhas fichas no desejo de vocês em matá-lo. Assim, caso decidirem mesmo fazer isso, se não seguirem o combinado e contarem sobre a minha existência, poderão estar arriscando trocar suas alegações de legítima defesa por uma acusação de homicídio qualificado. Já que o sangue passa a apontar de fato para as suas mãos. Pensei nisso porque, depois de analisar bem a minha situação, entendi que tenho que ter mais medo de vocês e da polícia atrás de mim do que do Mathias. Pelos jornais saberei o que decidiram e poderei concluir se a polícia está ou não está atrás de mim.

Não consegui dizer nenhuma palavra. Já tinha entendido que aquela conversa estava encerrada, já que a mesma capacidade para conceber os argumentos que ele nos trouxe também se estenderia na hora de compreender que as suas razões eram dominantes sobre as nossas.

Não perderia saliva contestando o irrefutável. Ele nos deu tempo para assimilarmos, depois terminou.

– Desculpem, mas não vou permitir que vocês tenham as duas coisas. Ou é a morte do infeliz ou é a possibilidade de irem atrás de mim.

– Nós não queremos a sua prisão, Jota. – Eu mesmo não sabia se estava falando a verdade, mas ajudava a amaciar a relação entre nós.

– Eu até acredito, Carlos. Só que não tenho como ter certeza. – Foi a sua vez de ser gentil.

Enzo e eu mais uma vez ficamos calados naquela tarde. O Jota acreditava fortemente que a nossa vontade em não mais ter medo do Mathias falaria mais alto. Pelo menos a meu respeito, estava me dando o direito de ter o primeiro contato com a nova proposta.

– Bem, vou deixar vocês pensando. Tenho que limpar toda esta casa de cabo a rabo. Lembrem de dizer que sempre viram o Mathias de luvas, o que não deixa de ser verdade. Quanto ao que farão, a decisão é de vocês. Não estou pedindo nada mais do que vocês queriam me pedir.

Assim que o Jota nos deixou, começamos a pensar sobre o que nos era proposto. Estava claro para nós dois que as cartas já estavam na mesa; restava a nós decidir em qual mão apostar.



# Capítulo 23

Havíamos decidido. De manhã cedo, antes de deixar o cativeiro, Jota veio se despedir.

– Se um dia conseguirem, tentem me perdoar.

Respondi sem ao certo saber se estava mentindo. – Apesar dos pesares, não lhe guardamos nenhum mal, Jota. Boa sorte na sua jornada.

– Adianta perguntar qual a decisão de vocês?

– Você vai acreditar em nós? – Repliquei, fazendo-o pensar.

Jota não respondeu imediatamente; pela recente inversão de papéis, devia estar entendendo a desconfiança que nós sempre tivemos perante as suas respostas. – Na verdade, não. – Enfim respondeu. Depois sorriu autenticando a desconfiança mútua. Em seguida, por não termos tempo a perder, focou-se na sequência do que havíamos combinado.

– Depois de saírem, apaguem as digitais da talhadeira e do martelo e os coloquem na área de serviço onde estão guardadas as demais ferramentas. Deixei a arma na mesa da sala junto à chave das grades caso precisem retornar à cela após a saída. – Aquele homem mascarado, de que eu só conhecia os olhos, lábio e dentes, retirou suas luvas e depois nos perguntou: – Gostaria de cumprimentá-los como um homem e talvez também um amigo. Vocês não vão arriscar nada bobo, vão?

– Não se preocupe. – Respondi estendendo a minha mão. Enzo fez o mesmo em seguida.

Mesmo o Jota tendo feito o que fez, não guardava ressentimentos por ele. Desde o início ele nos tratou com decência.

Apesar da situação em que ele havia aceitado entrar e que até hoje não rejeitava, ele sempre foi generoso na comida e no tratamento.

Pudemos ainda, por acaso do destino, conhecê-lo melhor como pessoa. No processo fiquei admirado com a sua inteligência e o seu discernimento. Por isso não foi surpresa ao saber da sua formação como piloto. Acredito de verdade que, muito mais que a sua índole, o que o trouxe aqui foram as suas influências.

Fico imaginando se este rapaz, em vez de ter sido um aprendiz do Mathias, tivesse sido meu ou do Enzo.

Ao final, o seu exemplo me fez enxergar um descuido da minha parte em relação aos homens que estão ao alcance da minha influência. Fora a impessoalidade de palestras, nunca me propus a influenciá-los.

*Incoerentemente, quando é para trilhar o caminho do bem, na grande maioria das vezes, são escolhidos como aprendizes apenas os nossos filhos.*

Nossa última interação com o Jota, antes de recebermos as ferramentas, foi apenas um olhar. Um olhar feito por quem acreditava que o outro não precisava de palavras para acompanhar o seu pensamento. A história que havíamos passado juntos e o entendimento que um tinha do outro e da situação deixava explícito o que ainda faltava dizer.

Na troca de olhares recebemos um pedido de desculpas, o pesar pela situação e o conhecimento de que nada mais podia e precisava ser feito.

– Está aqui. – Disse Jota nos entregando as nossas ferramentas. Nós as pegamos e com o inclinar da cabeça nos despedimos dele.

Logo que ele saiu eu comecei a quebrar a parede.

– Olha o tamanho desta lasca, Enzo. – Joguei para ele um pedregulho de alguns centímetros.

Vinte minutos depois conseguimos concluir a escavação. Não fugiríamos por meio do nosso plano de fuga, mas ele havia salvo as nossas vidas, pois a esperança serviu como um pilar sobre o qual pudemos nos manter equilibrados e lúcidos.

Ficamos olhando o buraco que nos levaria à saída da cela e, no dia dos olhares, tivemos um que não há dinheiro no mundo que pague. Nos abraçamos sentindo-nos, depois de muito tempo, novamente livres... Fortes... Invencíveis!

Daí então nos deparamos com um pequeno problema, o buraco estava a quase dois metros de altura se visto de dentro do cômodo, se visto de fora tinha mais uns quarenta centímetros.

Subimos na mesa e cheguei à conclusão que por ser mais forte e ágil devia ser o primeiro a passar. Os pés deveriam entrar antes para eu poder “cair” de pé do outro lado. O Enzo me ajudou permitindo que o meu corpo ficasse horizontalizado enquanto passava as pernas. Era mais difícil do que parecia e pude prever que alguns arranhões seriam o preço mínimo para sair dali. Ao avançar pela “passagem”, a minha barriga começou a ser esfolada pela parede, então minha luta mudou de passar pelo buraco para impedir que a gravidade me arrancasse rápido demais dele. Usei toda a minha força para deslizar devagar sobre o interior da parede áspera, mas não agüentei até o final e meu tórax raspou rapidamente no cimento, o que naquela altura pouco me importou.

Ao cair no chão sem nenhuma torção ou osso quebrado pensei que tudo daria certo a partir daquele momento.

Antes de vislumbrar a liberdade, estendi meus braços para pegar o Enzo que entrara no buraco com a cabeça primeiro. Fui amortecendo a descida dele até que chegasse ao chão.

Após estarmos os dois de pé, admirando nossa nova realidade e localização, comecei a passar por uma overdose de simples, mas fenomenais, recordações.

Caminhar pela grama tanto me admirou como me confortou. Meus pés descalços, acostumado ao concreto, sentiam milhares de detalhes agradáveis naquela grama macia tão distante do chão frio e duro a que estava acostumado.

Onde andava, o sol cobria a pele, e o meu campo de visão era amplo. Diferente do ar poluído pelo monóxido de carbono que exalávamos, o ar dali era refrescante. Foi extraordinário! O mundo mostrava o quanto era grande, e o horizonte não mais era filtrado por uma pequena e mal posicionada janela.

Descobri com entusiasmo as continuações à esquerda e à direita da vista que até então eu tinha. Olhei para cima e vi o céu azul grandioso e me encantei por ele com ainda mais admiração daquela que tinha pelos céus estrelados que via de dentro da cela... Desta vez, eu podia deixar a alegria crescer.

Era estranho perceber meu corpo saindo livremente pelos arredores da casa e depois pelas suas peças. Sentia-me um contraventor por estar caminhando além das fronteiras que foram impostas para mim. Um passo depois do outro, sentia como se estivesse atravessando divisas.

A pouco mais de dois meses estávamos lá, depois do primeiro dia, nunca mais havia pisado naqueles cômodos. Eu estava a poucos metros daquele local há tanto tempo e mesmo assim o via com tanta curiosidade.

Enzo e eu estávamos eufóricos e “agradecemos” por onde andávamos a liberdade e a oportunidade de virar a mesa. Contudo, não esquecemos do compromisso com a nossa família e com a situação. Estávamos no caminho certo, mas precisávamos de seriedade para concluí-lo.

Guardamos então a talhadeira e o martelo, chaveamos a cela e colocamos a chave em uma gaveta da cozinha. Encarreguei-me de limpar as digitais desses objetos. Depois de uma hora conseguimos também nos acalmar e nos focar. Deixamos de lado o que conquistamos para nos concentrar cem por

cento no que precisávamos ainda conquistar. Dessa forma, começamos a montar guarda.

Duas horas e meia mais tarde, no final da manhã, oscilando entre raiva e medo, ouvimos um carro estacionar na frente da casa. O Enzo ficou com a arma e eu com um cano de ferro que encontramos na área de ferramentas.

# Capítulo 24

A porta da frente dava para uma sala à direita que dispunha de dois sofás; ao lado deste cômodo, à esquerda, mas ainda na frente da casa, havia uma sala de jantar com quatro cadeiras, uma mesa miúda e uma escrivaninha. Os dois ambientes eram divididos por uma parede que ia da frente até a metade desses cômodos. Nos encontrávamos na sala de jantar esperando que o Mathias ultrapassasse a divisória de parede para rendê-lo.

Havíamos trancado todas as saídas do fundo e nós, dentro da casa, provavelmente a três ou quatro metros do carro, ouvimos perfeitamente quando a porta do veículo se abriu e depois fechou.

Uma forte queimação no estômago acompanhou os passos daquele homem. Ele poderia estar armado; então, depois de ouvirmos entrar e fechar a porta da casa ainda permanecemos parados.

O barulho dos seus passos pela sala ficaram gravados na minha memória e, assim que sua silhueta apareceu, Enzo, que estava com o revólver, avançou até ele.

– Não se mexa que estou armado... Vire e olhe para mim. – O homem virou vagorosamente para o Enzo, que continuou falando nervosamente.

– Levante as mãos e escute com atenção. Estou pronto para atirar, então não faça nenhuma besteira. Só queremos fugir daqui e, assim que sairmos, deixaremos uma faca para que você possa se libertar.

Enzo continuou. – Não iremos denunciá-lo, mas levaremos o carro. Você decide: é isso ou morrer aqui. O homem balançou a cabeça em sinal de colaboração. Ele levantou as mãos e permaneceu imóvel. Foi assustador olhar para o seu rosto sem o gorro, com uma expressão de perplexidade, que denunciava o seu choque.

Os olhos fundos e negros e a boca com lábios finos não me deixavam dúvidas de que aquele sujeito se tratava do Mathias. Agora eu podia enxergá-lo de verdade e, para minha surpresa, ele me pareceu bem-apegoado, tanto quanto comum. Não chamava atenção em nenhum traço. Parecia um homem honesto, talvez um executivo, de cabelos e barba impecáveis. Olhar o seu cuidado consigo e me ver barbudo com as roupas lavadas a sabão começando a se tornarem trapos e com calos salientes por todas as mãos devido ao esforço de raspar tijolo e cimento cada vez mais profundos no “buraco” me deixou mais irritado com ele.

Larguei o cano e o revistei minuciosamente. Encontrei uma arma presa no cinto, um celular no bolso e a chave do carro no outro.

Pus o celular no chão, fiquei com a arma presa ao meu cinto e levei o cano de ferro para a sala de jantar a dois metros de distância.

– Venha comigo. – Disse Enzo, conduzindo-o para a sala. Eu os acompanhei carregando uma cadeira.

– Sente-se. – Eu disse.

Fiquei admirado com o momento e pensando no quão perto da morte nós havíamos chegado.

– Oi, Mathias. – Falei nervosamente sentado em outra cadeira a dois metros dele, enquanto o Enzo permanecia a três metros apontando a arma.

– Oi, Carlos. – A confirmação da sua voz, mesmo não sendo mais necessária, foi reconfortante, pois até que enfim pudemos pôr um rosto naquela voz. O Mathias continuou. – E agora, o que planejam fazer?

– Adivinhe. – Eu disse.

Não existia escolha sem risco. Nós havíamos levantado as questões que a prisão dele implicaria e cada vez mais nos sentimos seduzidos em viver em um mundo onde estas questões não existissem.

Eu tinha plena ciência de que estava diante da única oportunidade de tirar o Mathias por completo da minha vida e que esta oportunidade ocuparia uma breve janela de tempo. Minhas questões não eram a respeito do que era correto fazer. Não ligava para o correto naquela altura dos acontecimentos.

A minha primeira questão foi se existia uma real necessidade em matá-lo. É possível que ele consiga um *habeas corpus*? Corro risco com ele na cadeia ou caso saia dela? Ou ao matá-lo estarei assumindo um risco maior com a polícia podendo concluir que houve planejamento em sua morte? Mas qual seria o interesse da polícia nisso? Qual seria a atenção dada a esta possibilidade? Acredito que mínima.

Filtrando as consequências das minhas duas alternativas, fui percebendo que seria melhor eu lidar com a morte do Mathias do que com a aflição de mantê-lo vivo. Sinceramente, não queria viver com aquelas questões, e de coração sentia que tinha o direito de me defender sem censuras daquele homem.

À medida que ficava mais claro para mim que a situação me propiciava cobertura, fui me permitindo aceitar a alternativa criminosa de matá-lo.

Fora a minha esposa, não desejo contar ou explicar para mais ninguém o que irei fazer. Outro não me daria tempo necessário, nem a disposição em me entender.

*Quantas pessoas ainda, quando a situação lhes pede para julgar, costumam se colocar em um pedestal de virtudes tão alto que sobra pouca habilidade para se colocar no lugar do outro?* Posso dizer que dois meses de cativo destroem qualquer um, mas que entendimento receberei de volta? Um olhar e um pensamento que presumem compreensão? Essas mesmas pessoas, quando me escutarem, ouvirão este punhado de palavras ditas em alguns segundos e será preciso muita boa-vontade para realmente entender que aqueles segundos guardam um pesadelo de dois meses que pareceu não ter fim.

Procurei uma forma da Isabela entender não só a minha história, mas o sentimento em si e, hoje em dia, com mundos tão diferentes, lhe diria para se imaginar no pior engarrafamento de carros em que já estive e acrescentar a ele um compromisso muito importante que a cada checagem no relógio sente ainda mais que irá perdê-lo. Cinco minutos parecem vinte, e um sentimento misturado de frustração, angústia e sufocamento vão se acumulando. Faça uma força e imagine o estresse de quatro horas de engarrafamento no trânsito, agora aumente a intensidade por dez e estenda este sentimento por mais de sessenta dias.

A apreensão não passa, apenas oscila. O que faz hoje em dia eu entender dois meses não apenas como duas palavras, mas como uma imensa extensão de tempo.

Eu estava com raiva e só vê-lo me fazia lembrar tudo o que ele tinha me feito. Pensava na sua prepotência e indiferença ao que para mim representava tudo. Aquele homem havia me tirado da minha família, me colocado em uma cela e me trancafiado nela. Dois meses sob o seu perturbador domínio!

Ele pouco ligava privar definitivamente uma esposa e filhos de um marido e pai. Subjugou-me como não se deve fazer nem com um cachorro. Tirou minha liberdade e hoje viria tirar a minha vida.

Vendo retrospectivamente, percebo que desejava matá-lo. Esta é a pura e simples verdade e, apesar de posteriormente vir a questionar o que fiz, nunca me arrependi. Naquele momento, tirar a sua vida parecia certo e aquelas eram as emoções que me acompanhavam. O que fiz no dia nunca fez com que duvidasse do meu caráter, nem da minha dignidade. Eu tinha sido posto no meu limite emocional por aquele homem e nesta condição veio a minha resposta.

# Capítulo 25

– Vocês estão pensando em me entregar para a polícia? – Disse Mathias de maneira calma, ainda sentado e vigiado.

Rapidamente eu suprimi a resposta do Enzo e respondi no seu lugar. – Estamos.

O Mathias, com uma arma apontada para a sua cabeça, conseguia ainda ser prepotente. – Vocês estarão cometendo um erro.

– Por quê? – Perguntei. Nós precisávamos conferir se ele ainda tinha algum trunfo na manga.

– Porque se em uma hora eu não ligar para o meu grupo, metade do grupo virá aqui. A outra metade, não tardará muito, se encarregará de procurar por suas famílias. Olhe, Carlos...

Eu simplesmente não aguentei ouvir aquilo. Seu blefe desavisado envolvendo a minha família me fez explodir. Enquanto ele acabava de falar o meu nome me levantei e um segundo depois lhe infligi com o cano de ferro um golpe forte em seu ombro.

Depois falei. – Olha para mim, seu desgraçado. Você não está mais no comando. Não temos mais medo de você. – Os olhos do Mathias me encararam, mas eles não tinham mais a soberba que costumavam ter.

Eu fiquei parado, esperando que se recuperasse.

Assim que se reergueu, procurou a cadeira para sentar e logo, mesmo com a dificuldade causada pela dor, tentou assumir ou negociar o controle.

– Vocês estão cometendo o erro das suas vidas. Me escute, Enzo, você pode trazer a razão ainda para cá. Nada lhes farei se pararem por aqui. Eu entendo a raiva que sentem de mim, mas ela só os prejudicará mais. Não comprometam as suas famílias – Deixamos o Mathias falar. Nós dois precisávamos viver o momento em que tínhamos controle sobre ele.

– Enzo. – Continuou Mathias. – Vocês ainda têm chance. Voltem para as suas famílias. Eu já ganhei o que tinha que ganhar e hoje só vim libertá-los.

– Por que a arma, Mathias? – Perguntou Enzo.

O Mathias seria morto por nós, mas ainda sim o sentimos importante em nossas vidas e falávamos com ele como se fosse uma forma de assimilarmos melhor a situação. Precisávamos olhar para ele e o encararmos como homem, não como chefe ou dono. Depois de o poder virar de lado, tínhamos a necessidade de saber se era só isso que determinava o domínio. Nós precisávamos ver o nosso carrasco sem sua foice ao lado.

O Mathias continuava mantendo a compostura e falava como se ainda detivesse controle sobre a situação. Ele também havia se acostumado a nos cotar como cordeiros e intelectualmente devia se considerar superior a nós, já que fazia apenas cinco minutos que as suas ações perdiam para as nossas.

– Eu estou sempre armado, Enzo... – Fez um silêncio; depois continuou. – Vocês esperam o que com isso? São homens que conseguem planejar o futuro, não são? Imaginar-se no futuro? E como vocês acham que vão viver se me mandarem para a prisão? Caso isso ocorra, o meu grupo perde todo o lucro das joias, já que precisam de mim para receber o dinheiro. O que vocês acham que eles vão fazer se qualquer coisa acontecer comigo?

– O seu grupo, Mathias? – Perguntou Enzo com uma voz firme e saturada de ser subjugada.

– Sim. Vocês sabem o poder dele, não sabem? Acreditem, eu posso ser cruel às vezes, mas tenho palavra. Me soltem e ficamos quites. Não posso julgá-los pelo que estão fazendo. Eu já disse que faria o

mesmo. O que não faria é comprometer toda a minha vida por um momento de raiva. – Pela primeira vez sentia a sua voz acolhedora, mas isso não tinha mais o poder de surtir efeito.

– O que vai acontecer conosco caso o matemos? – Perguntou Enzo, para o espanto do Mathias.

– Vocês e as suas famílias morrerão.

– Quem fará isso? – Perguntei incisivamente.

– O meu grupo.

Eu continuei. – O mesmo que matará a minha família caso eles não recebam uma ligação sua em uma hora?

– Exatamente. – Peguei do chão o seu celular.

– Me diga o número que você quer que eu ligue, depois lhe entrego o telefone. Você ainda pode nos provar que é apenas frio.

O Mathias ficou me olhando, provavelmente procurando uma saída. Falei antes que ele falasse.

– Pense bem no que vai dizer, não somos mais seus bobos.

– Não funciona assim. – Declinou Mathias e aguardou alguma pergunta, o que me desestabilizou.

– Se você falar mais uma vez uma frase incompleta eu vou bater com o cano na sua cabeça, seu miserável filho da mãe. – Depois de falar, sem pensar direito, bati com força com o cano em seu braço.

– Seu desgraçado! – Xingou desta vez Mathias. – Eu só posso ligar de um orelhão. Se eu ligar deste número eles não atendem e ainda por cima isso será interpretado com um sinal de alerta.

– Então vamos alertá-los. Ponha o número no celular. – O abatimento do Mathias não se resumia ao físico. Ele sabia que o havíamos colocado na parede e seria difícil sair de lá.

– Torça para existir o número que você vai me dar e que ainda nenhuma pessoa o atenda. – Era o momento de descobrir se a suposição da morte do restante do grupo estava certa.

Mathias demorou para decidir o que fazer. Parecia procurar por uma saída, mas, sem encontrá-la, precisou arriscar alto e manter a confiança.

– Olhe para mim, Enzo, ligue para esse número, me libertem e sigam depois com as suas vidas. – Blefou Mathias pela última vez.

– Não se preocupe conosco, Mathias. – Revidou Enzo.

O Mathias ficou em silêncio. Olhei para o celular e vi o número que o Jota já nos avisara ser seu. Mathias parecia sem saída, pois sabia que conhecíamos a voz do Jota, então falar com ele não indicaria a existência de um grupo. Liguei de qualquer forma, avisei-lhe que estava desligado e que precisava de outro número. Mathias respondeu que não havia outro. Insisti e ele não cedeu. Eu me abaixei para ficar na sua altura e falei olhando fixamente para os seus olhos.

– O jogo acabou, Mathias. Olhe para mim. Vamos matar você, seu miserável. Olhe para nós e veja o que fez conosco. – Meu rosto, corpo e mãos não eram mais os mesmos, tampouco o espírito.

O Enzo, mesmo que de forma mais discreta, começava a acompanhar o descontrole do momento e falou nitidamente abalado: – Nós vamos matar você, seu infeliz. – Depois pôs fim ao nosso cativeiro. – Bata na altura do tórax e na cabeça, Carlos. – Precisávamos simular a luta.

O Mathias ficou sem reação, olhando para um e o outro, não acreditando nem entendendo o que estava acontecendo e, antes que ele se suicidasse indo para cima de um de nós, bati nele no mesmo braço de antes, na cabeça e no peito. Ele estava sem forças no chão e eu, com as mãos tremendo, com horror nos olhos e com as forças que me sobraram, levantei-o, e, no breve momento que ele ficou de pé o soltei, e o Enzo, como tínhamos combinado, atirou de raspão no seu braço, no meio do peito e na cabeça.

O seu corpo mole caiu no chão e no silêncio que se seguiu eu senti uma mistura de culpa, medo e alívio.

# Capítulo 26

Saímos com o carro do Mathias e depois de uns quinhentos metros percorridos encontramos uma casa.

Um homem do campo nos atendeu. Sem entender a nossa euforia, o agricultor nos orientou como chegar à cidade mais perto. Não tenho ideia da distância e do tempo, mas assim que chegamos em uma pequena cidadezinha, procuramos pela polícia.

A certeza de que sobreviveríamos ao que tinha nos acontecido tinha acabado de se instalar e a nossa alegria preencheu toda a minúscula delegacia.

Roubamos imediatamente a atenção dos dois policiais que faziam plantão naquele sábado. Logo chegaríamos mais quatro.

Explicamos o que tinha acontecido conosco dos 62 dias para cá. Os policiais mal acreditavam e retribuía com força o abraço que tanto nos alimentava. Eu, como já era de costume, comecei a chorar e a falar com o teto como se ele fosse a minha esposa e filhos. Só quando entendi claramente que estávamos seguros pedi por um telefone.

Logo em seguida nos forneceram celulares, Enzo ligou para o seu filho e eu pude fazer o telefonema mais feliz da minha vida. Chamou três vezes até a minha esposa atender.

– Quem fala? – Isabela falou na outra linha.

– Sou eu. – Falei alto. – Sou eu, meu amor. Estou vivo!

– O quê? – Falou incrédula. O marido que ela pensava estar morto estava do outro lado da linha.

– É o seu marido. É o Carlos. Eu estou em uma delegacia a salvo. Eu fui sequestrado e fugi do cativeiro há meia hora. Estou a salvo!

– Meu Deus do céu. Carlos? É você! É você, meu amor. Obrigado meu Deus. – Seu choro se misturou com o meu, e foram os nossos gritos que faziam acreditar que o inacreditável estava acontecendo.

Ouvir a sua voz de novo foi algo difícil de explicar. Ela pensava que eu estava morto e, muitas vezes, duvidei que a veria novamente. Parecia que dois mundos incomunicáveis haviam se unido para que nós pudéssemos nos reencontrar. Soube na hora do que falavam as pessoas que julgavam terem tido uma experiência divina. Nós, em todos os aspectos emocionais, estávamos no céu.

Eu continuava a falar com ela já no carro da polícia, que andava de sirene ligada costurando o trânsito. Só quando entrei no meu condomínio foi que lhe pedi que desligasse o telefone, porque em dois minutos estaria em seus braços.

Isabela, quando viu o carro chegar, saiu correndo em nossa direção. Saltei da porta traseira mesmo antes de o carro parar. Foi a maior explosão de alegria que senti na vida. Eu sonhava com aquele momento todos os dias e ele foi ainda mais grandioso do que imaginava. Minha gratidão era imensa, e o meu reconhecimento pela sorte que havia tido era total. Meus filhos já estavam nas minhas pernas e eu os coloquei em meus braços. Nos juntamos em um único abraço e, depois de muito tempo e da aglomeração de alguns vizinhos, caminhamos em direção a casa. Antes de entrar, olhei para o lado e vi o Enzo entrando na sua casa abraçado a um policial.

– Enzo. – Gritei para ele.

– Sim. – Falou e me abriu um sorriso iluminado.

– Nos falamos depois. – Ele balançou a cabeça e rimos um para o outro por sermos testemunhas



de que estávamos vivendo o nosso maior sonho.

Não demorou muito, o delegado responsável pelo caso bateu na minha porta e me disse que era com grande satisfação que falava comigo. Depois do festejo pela situação ele se colocou a minha disposição e me pediu que, assim que me sentisse em condições para falar sobre o ocorrido, eu poderia ligar para ele. Respondi que rapidamente já poderia lhe contar algumas coisas e que em um ou dois dias estaria à disposição para um testemunho mais aprofundado. Assim, fiz-lhe um resumo do que havia se passado desde o assalto ao banco. Respondi algumas perguntas e ele, mesmo devendo ter ficado espantado com os acontecimentos, respeitou minha necessidade primordial de ficar com a família.

Inacreditavelmente eu estava sentado na minha sala. O lugar tinha ares de inalcançável para mim e o meu espanto era contínuo. Minha esposa estava ajoelhada na minha frente e não parava de agradecer, me olhar, tocar na minha barba, rir e chorar.

Os meus filhos se alternavam entre observar a reação dos seus pais, me abraçar, chorar e rirem junto conosco. Ficamos assim por muito tempo, depois todos me acompanharam quando fui fazer a barba.

Em seguida fomos para a cozinha para beber e comer algo. Minha esposa foi me respondendo o que tinha acontecido com ela, com os nossos filhos, amigos, empregados e com a própria empresa. O Lucas e a Laura pensavam que eu estava em uma viagem, mas sentiram todos os dias a depressão da sua mãe. Do resto das pessoas próximas de mim veio muito apoio. E os negócios, que mal me importavam no momento, não haviam sido prejudicados graças a alguns funcionários de confiança e da força da minha mulher. Por enquanto a minha curiosidade havia sido saciada; já a da Isabela teria que aguardar um pouco mais. Não conversaríamos sobre o acontecido na frente dos nossos filhos.

Fomos para a sala e eu brinquei com o Lucas e a Laura. Apertei-os, joguei para cima, andei com eles sobre os meus ombros e tive a melhor e mais intensa experiência que já havia tido com eles. Pelas onze horas todos fomos deitar no meu quarto e não demorou muito para os dois, meus incríveis e encantadores filhos, dormirem nas suas camas. Isabela e eu saímos de fininho e fomos para a cozinha, onde teríamos uma longa conversa regada a chá e bolachas com requeijão.

# Capítulo 27

N a cozinha, sentamos ao lado da mesa, um de frente para o outro.

Conversávamos baixo, e sem pressa fui contando à Isabela o que havia ocorrido. Era interrompido a todo tempo por ela não conter a vontade de me dizer o quanto era bom me ter ali, e, claro, eu respondia com igual empolgação, depois me detinha a lhe deixar a par dos fatos. Tomei o cuidado de lhe contar toda a história cronologicamente, sem me afobar para chegar ao desfecho. Assim, quando lhe contei em que situação estávamos, ela pôde entender o porquê.

– Meu amor, que horror! – Falou com apreensão, pela terceira vez. Em contrapartida, mostrava-se totalmente compreensiva com a nossa decisão. – A polícia não pode desconfiar de algo?

– Tem como desconfiar de algo assim? – Falei baixo segurando suas mãos. Parte de mim acreditava que não, a outra precisava do discernimento da Isabela.

– Acho que não. – Falou insegura.

– Não há pistas, e mesmo que tenha passado despercebido alguma, é difícil de imaginar o que de fato ocorreu.

Ela ficou um pouco pensativa e se mostrou afinada comigo quando começou a questionar as minhas suposições. Ela estava filtrando a história com o ponto de vista do observador, o que até então me faltava.

– Caso o Jota seja pego, ele não pode comprometê-los?

– Pode, mas se tornará cúmplice de um assassinato, o que até então ele não é. E qual seria o seu interesse?

– Eu estou pensando, amor... Quem já tem uma acusação de sequestro teria medo da de cúmplice de assassinato? – Minha esposa, sendo advogada, fazia eu entender que o que falava não se tratava de uma pergunta. Então a deixei continuar. – Tornar-se testemunha de acusação sobre o que aconteceu pode ajudar a diminuir a pena dele, não pode? – Como sempre, ela me conduzia com delicadeza ao seu pensamento. Porém, todas aquelas informações lhe eram muito recentes, mas, com a inteligência que usufruía, logo compreenderia com maior clareza o que o Jota, o Enzo e eu havíamos conjecturado. Era maravilhoso poder contar com Isabela caso fosse necessário.

– Por isso nós nunca o acusaremos de sequestro ou de qualquer outro tipo de envolvimento. – Isabela fez um olhar de compreensão. – E no improvável caso de alguém que não existe ser pego e preferir ser burro, coisa que ele não é, conto com a credibilidade minha e do Enzo, além da ajuda jurídica sua e dos seus colegas.

Ela continuou tirando as suas dúvidas e com cada uma foi ficando mais segura. Foi importante para mim, já que também servia para eu consolidar a história em minha mente e me tornar mais consciente dela.

Depois de muitas perguntas e respostas, nós dois nos demos por satisfeitos e aceitamos as nossas mentiras como verdades. Nossa história era plausível e de fato, se surgisse outra versão, ela não contaria com testemunhas melhores do que o Enzo e eu.

Passada a conversa, nós nos levantamos e nos abraçamos por um longo tempo. A Isabela havia aceitado a decisão que eu tinha tomado a respeito do Mathias e me mostrou que entendeu, não apenas as minhas razões emocionais e familiares, mas a responsabilidade do próprio Mathias sobre o seu destino. Receber o seu apoio e compreensão era fundamental para mim e me ajudaria a aceitar melhor o que fiz.

Estar no meio dos seus braços era reconfortante e acolhedor. Depois desse período de privação para ambos, precisávamos do carinho e da força do outro e, naquele abraço, percebíamos a força que tínhamos como casal.

Nós nos beijávamos com muito carinho e vontade, e eu sentia que o nosso amor estava tomando o espaço das nossas carências.

Eu conseguia acompanhar o sentimento de preenchimento e de satisfação crescendo dentro de nós. Suavemente a levantei do chão para que ela pudesse envolver suas pernas em mim. Apertava-a forte contra o meu peito. Eu precisava senti-la. Com delicadeza a levei ao quarto dos hóspedes, fechando a porta depois de nós.

# Capítulo 28

O homem que fui antes de passar por esta experiência jamais acreditaria no que havia sido capaz de fazer e de sentir. Talvez até desejar.

Um ano se passou e a vivência que tive e as consequências dela serviram para que me conhecesse melhor. Durante dois meses fui triste e esperançoso; submisso e dominador; paciente e ansioso.

Na verdade, percebi ser muitos tipos de pessoa em diferentes momentos da vida. Depois que o pior passou, mergulhei neste pensamento e notei as minhas mudanças também em detrimento ao local e às pessoas, o que me surpreendeu muito. Entender este comportamento viria a ser um dos maiores ganhos desta experiência.

Não posso falar pelos outros, mas quantos têm a mesma personalidade em casa, no trabalho ou com amigos? Quantas mais existem? Qual delas é a verdadeira?

Fui perceber que desde pequeno todos adaptamos constantemente a personalidade, alguns com habilidade, outros não. O processo não é de um dia para o outro e será um aprendizado à base da tentativa e erro. E isso não se resumirá ao colégio, nem acabará na infância.

*Tais mudanças de comportamento são possíveis porque estamos aprendendo a intercalar as nossas personalidades desde que nascemos.* Uma criança de dois anos já não se comporta com a mãe do mesmo modo que com o pai.

Tamanha é a complexidade social e emocional do ser humano que me parece necessário que diversas personalidades coexistam e se alternem, mesmo, é claro, que haja uma ou mais predominantes. Pensei isso porque durante 62 dias experimentei emoções e características dramaticamente diferentes daquelas que estava acostumado a ter, e o meu retorno à liberdade me fez perceber que as mudanças de comportamento não eram restritas ao cativado, nem particulares a minha pessoa.

Claro que nas questões do homem não há regra. Também noto que há indivíduos que variam a sua personalidade muito menos que outras. Uma pessoa inflexível ou com características extremamente fortes é mais fácil ser percebida de forma semelhante por diferentes grupos. Com pessoas extremamente tímidas ou extrovertidas, é natural que na maioria dos grupos a que pertençam demonstrem tal atitude. Contudo, uma personalidade é composta por muitas características e a maioria delas está sujeita a mudanças, por vezes até antagônicas. *Timidez, resgatando o exemplo, é uma característica que depende, frequentemente, do grupo em que a pessoa está.*

Além da flexibilidade das nossas características, entendi ainda que *as diferentes personalidades que um indivíduo tem se desenvolvem independentemente para cada relacionamento, situação e função.* O homem que fui com o Mathias existiu apenas para o Mathias.

Em relação à família e aos demais, identifiquei que existe um desenvolvimento paralelo da personalidade para o convívio com as pessoas que julgamos ter uma ligação incondicional conosco, como pais, filhos e, equivocadamente, marido e esposa, e outro com as pessoas com que julgamos ter uma ligação condicional, como amigos e colegas de trabalho. Infelizmente, a maioria dos ensinamentos que obtive na vida se dedicavam apenas ao segundo grupo.

*Entendi que relações que nos proporcionam grande intimidade e uma sensação de permanência muitas vezes permitem que, selecionemos o pior da nossa personalidade. Enquanto que sabemos que, se fizéssemos o mesmo em outras relações, estas seriam desfeitas.*

Valeu eu ter entendido que a minha personalidade reage e se adapta ao meio e às pessoas, porque eu estava, como muitos ainda estão, acostumado a deixar esta tarefa ser controlada pelo inconsciente. Porém, ao acreditar que a minha personalidade não é fixa, pude, após o cativeiro, de forma intencional, melhorá-la.

Notei que quando as pessoas se conhecem a maioria delas já faz isso: conseguem selecionar o seu melhor. O problema é que muitas vezes a nossa motivação é a conquista e não a consolidação. Mostramos o melhor por interesse, não por carinho e consideração ao outro.

Todavia, a vida me ensinou que para manter qualidade em um relacionamento é preciso que a consideração ao outro realmente exista; caso contrário, a tendência é esquecer de fingirmos tê-la. Foi fácil para mim, porque quando voltei a ser livre fiquei maravilhado com os outros e dei valor a muitas coisas que antes não prendiam a minha atenção. Ainda vi as dificuldades das pessoas e tentei aceitá-las, entendê-las e respeitá-las. Melhor que ninguém eu sei, não somos perfeitos! E, para gostarmos de alguém, aprendi que devemos procurar nele características admiráveis, não necessariamente grandiosas. Todos temos muitas delas.

Ganhei mais ao entender que tratar alguém bem, interessar-se e admirá-lo verdadeiramente faz com que o outro, ao reagir a nós, selecione inconscientemente os melhores traços da sua personalidade. *Reciprocidade é um senso de justiça instintivo e predominante.* Isso acabará com qualquer decepção? Definitivamente não, mas no processo será criado um carinho recíproco que ajuda a aceitar melhor os erros e defeitos de ambos. *Relevamos com surpreendente facilidade pequenos e médios erros daqueles que admiramos e com quem desenvolvemos uma prazerosa amizade.*

Por aprender que todos têm características maravilhosas para oferecer, não tiro mais conclusões precipitadas antes de conhecer bem um indivíduo mesmo que tenha ouvido algo negativo dele. Porque, independente de como ele foi com o outro, comigo ele selecionará uma personalidade específica a minha pessoa baseada no relacionamento que nasce, e, sendo o mais honesto que eu possa ser, *não interessa como uma pessoa é com as outras; interessa-nos verdadeiramente como é conosco. Para nós, esta será a sua verdadeira personalidade e nós a enxergaremos como se fosse a única.*

Vivi um breve e maravilhoso momento de felicidade com a minha família e com a valorização do meu mundo após a morte do Mathias. Ele me privou de quase tudo durante dois meses, mas também acabou por me proporcionar uma nova visão da vida. Eu ganhei com a experiência e não posso nem quero apagá-la. Contudo, poucos meses mais tarde de sair do cativeiro, descobriria da pior forma possível que a sua morte havia sido um terrível erro e o que me parecia simples e resolvido acabou por se mostrar complexo e perigoso.

# Capítulo 29

Não tínhamos dormido nem cinco horas quando, na manhã do dia seguinte à fuga do cativo, domingo, após passar 62 dias lá, a minha irmã bateu na porta. Mal deu tempo de vê-la antes que ela pulasse em meus braços; em seguida o meu cunhado, um dos meus melhores amigos, me deu um forte abraço.

Eu passei a manhã inteira de domingo recebendo pessoas e, antes das onze horas, todos os meus funcionários que conhecia e que trabalhavam no Estado estavam lá. Meus primos, tios, amigos, vizinhos, padre e padeiro estavam no jardim dos fundos. Eu parecia um político no dia em que descobre que se elegeu.

As pessoas choravam. Gente que eu amava, gente de quem eu gostava e gente que mal conhecia. Quem quisesse chorar, chorava.

Pela perplexidade que a minha pessoa causava dado a notícia anterior da minha provável morte, alguns, mais religiosos, falavam em milagre. Mal sabiam eles que não tinha santo na história que pudesse sugerir-lo.

Às dez horas da manhã, salgadinhos, docinhos e refrigerantes começaram a chegar aos montes. Minha esposa, sempre ao meu lado, foi que me obrigou a comer, já que no estado de graça em que estava a comida não me seduzia. No entanto, não passou despercebido o meu reencontro com o queijo e os demais alimentos.

Ver aquelas pessoas, da mais próxima, como a minha irmã, à mais distante, como a segurança de uma das minhas lojas, parecia para mim também um milagre. Parecia que aquilo não estava certo, que não devia estar acontecendo.

Lembrava-me do chão gelado da cela, dos meus muitos pedidos silenciosos e de tantos momentos acompanhados pela descrença. E agora eu olhava ao redor, e a imagem daquelas pessoas em minha volta se traduzia como a materialização das minhas preces.

De vez em quando eu sentava em uma das cadeiras do jardim para descansar um pouco com a família e as pessoas pareciam proteger a privacidade do momento. Sentado ali eu segurava os meus dois filhos no colo enquanto a minha esposa permanecia eufórica de alegria ao meu lado. Senti a proteção de todos sobre os sentimentos da minha família. Era uma daquelas conversas silenciosas que dizem mais do que mil palavras. Eu estava sendo agraciado pela melhor experiência em uma comunidade: a fraternidade.

Já havia contado o que tinha acontecido mais de dez vezes e, tirando os últimos dias, que eu esconderia de todos exceto minha esposa, parecia que compartilhar o que havia vivido me fazia bem.

*Saber que mais pessoas tomavam conhecimento do que havia passado diminuía a solidão da experiência.* Contudo, eu sentia necessidade de falar mais. Eu estava trancado com inúmeras reflexões que aquela singular experiência havia me proporcionado e até um dia atrás não tinha certeza se morreria com elas. De qualquer forma eu precisava agradecer a todos o carinho que estava recebendo; então senti que seria justo comigo e com eles se me dispusesse a compartilhar um pouco do que havia vivido.

Chamei Isabela, que continuava sentada ao meu lado com o Lucas em seu colo. – Estou com vontade de dizer algumas palavras. Você acha uma boa ideia?

No mesmo instante ela sorriu e delicadamente me respondeu: – Tenho certeza de que eles irão gostar. – Depois me piscou e aguardou pela minha iniciativa. Eu a peguei pela mão e, com todos os olhos

de acolhimento sobre nós, acompanhados dos nossos filhos, nos dirigimos até o final do jardim, onde umas cinquenta pessoas queridas puderam se dispor a nossa frente.

Falei baixo aos que estavam mais próximos que queria dizer algumas palavras. Em segundos o meu pedido se espalhou e um silêncio absoluto se fez. Falei com calma e com um verdadeiro carinho a todos. Chegara o momento.

– Bem, meus amigos, passei 62 dias desejando ardentemente poder ver e falar com vocês. Para mim, este dia não é apenas feliz, mas também é tanto extraordinário quanto espantoso. Porque todos nós estamos compartilhando uma ocasião que nunca vivemos. Não estamos em um aniversário ou em um casamento, e, graças a Deus, não se trata de um velório. A experiência que encontro mais próxima é a de um nascimento. Porque para vocês eu voltei à vida e, para mim, me sinto renascido. A vantagem que tenho é que cheguei a esta nova vida com a lembrança da anterior, mas lhes afirmo, com uma visão completamente diferente... Depois dessa experiência tenho claro o que realmente é importante para mim. Foi fácil de identificar porque simplesmente foi o que me fez mais falta... Nunca senti falta dos carros que estão na garagem, nem da casa de veraneio pela qual pensava ser apaixonado. Não tive saudades de nenhum *status* que podia pensar que possuía... Sempre me considerei um homem simples, mas me dei conta de que passei a vida tentando ser importante. Passei a vida atrás do reconhecimento dos meus iguais e da sensação de prestígio... – Enquanto falava não conseguia segurar a emoção, mas continuei. – Abduquei de momentos impagáveis com a família por isso e, quando senti que poderia perder as pessoas que mais amava, foi difícil perdoar as minhas negligências. Não estou dizendo que o reconhecimento social não vale nada, nem vou virar louco e começar a rasgar dinheiro. O que digo é que ficou claro para mim que o peso da mulher que está ao meu lado e dos meus dois filhos é muito maior do que todas as outras coisas que a vida pode me oferecer. Não tenho o intuito de viver só para eles a partir de agora... Não faria isso com a Isabela – .Minha tentativa de ser leve foi acolhida com um gostoso rampante de risadas. Aquela era a minha chance e, olhando todos os rostos de curiosidade e acolhimento, soube que poderia ter calma na exposição dos meus pensamentos.

– Na verdade, quero desfrutar a vida com ainda maior intensidade, maior deslumbramento, porque descobri que poder desfrutá-la, dada a fragilidade do ser humano, é um grande privilégio, mas nunca esquecerei que o principal da vida está nas pessoas a minha volta e que, comparado a elas, o resto me serve apenas como uma maravilhosa e rica distração. – Parei um pouco pensando se deveria ou não expor o jogo mental que queria ter feito mais vezes na vida; decidi contá-lo.

– Gostaria, então, de lhes oferecer um pouco do sentimento do meu revigorado ponto de vista pedindo-lhes que façam um pequeno jogo comigo. Um jogo que para mim foi real, mas que vocês só conseguirão aproveitá-lo se estiverem dispostos de verdade a encará-lo... É sabido que a melhor forma de valorizarmos alguma coisa é quando ficamos sem ela. E é isso que vou lhes propor que façam... Uma simulação mental. Como temporariamente só tenho olhos para a família, pedirei que me acompanhem nesta caminhada. Peço assim que imaginem a perda do que para todos – lembrem disso ou não – é mais importante: a vida das pessoas que amam. O que quero é que imaginem alguém que amem muito, e que ainda esteja vivo, morto. – Esperei por um pequeno tempo em que a surpresa dava lugar à curiosidade e à lembrança para os que já perderam alguém amado viesse à tona, ajudando-os na simulação caso conseguissem focar nos vivos. Mais triste do que lembrar dos que perdemos é não olharmos para os que ainda temos conosco. Devagar continuei o jogo.

– Façam uma história envolvendo o fato. Pensem em alguém que hoje vocês tenham disponíveis a um telefonema de distância. – Estava me expondo e me arriscando além do normal, porque ser mal interpretado me causaria menos dor do que guardar aquelas verdades apenas comigo.

Continuei com calma.

– Criem uma história que leve à perda desta pessoa. É possível induzir o nosso cérebro a sentir aquilo que criamos mesmo que apenas em nossa mente, como quando fazemos em uma história que nos é contada. O cérebro é mais fácil de iludir do que acreditamos. Até fantoches, se bem conduzidos, podem nos levar à alegria ou à tristeza, não é verdade? – Pensando que alguns estavam me acompanhando e acreditando que, depois do que passei, todos respeitariam o meu desabafo, fui ao ponto, pois não conseguiria outro dia. – Então, aos que mentalizaram uma pessoa amada, pedirei agora que pensem nela sendo tirada de vocês. – Novamente parei e o sentimento tanto vivido nos últimos meses voltou forte ao peito. – Pensem em um afastamento abrupto, trágico ou não. – Eu simplesmente não conseguia parar mesmo que passasse por louco. – Pensem na dor dela que vocês não podem abrandar. No sofrimento solitário longe de vocês. Pensem no telefonema que lhes informa o ocorrido. Pensem no seu corpo em um caixão...

– *O que vocês gostariam de ter dito a ela? O que vocês gostariam de ter feito a ela? Um abraço forte? Mil deles? Uma conversa em que vocês realmente estivessem interessados e escutando?* Fechem os olhos e mergulhem nestes pensamentos, e sensações e sugestões do que fazer lhes serão dadas. – Permitti que passasse alguns segundos.

– Então, quando acharem que já foi suficiente, abram os olhos e vejam o quão importante esta pessoa é para vocês. O que quer que tenham tido vontade de fazer, façam. Não deixem para amanhã, nem esperem que a vida lhes dê tempo. Pois ela não dará. Sempre teremos tarefas paralelas acontecendo em nossas vidas. É-nos pedido então habilidade para atendê-las sem perder o foco sobre a nossa família... – Senti que podia seguir em frente.

– *Sei que enxergar com clareza a extensão do sentimento que guardamos por eles é um alicerce poderoso para criar uma nova atitude perante os que amamos.* Uma atitude de valorização, interesse e carinho.

– Acreditem, quando achei que perderia a minha família, a maior vontade era querer ter lhes dado mais amor... Mais afeto. – Precisei parar para segurar a emoção.

– Fiquem com este jogo, inventem outras perdas e tentem tornar a valorização do que vocês têm um exercício. Se conduzirem esta ferramenta no sentido de verem o que há de maravilhoso todos os dias a nossa volta, asseguro-lhes, vocês e quem os cercam terão uma vida muito mais rica e mais bela. – Eram simples palavras para os que me escutavam, ainda que tenham me oferecido toda atenção, mas para mim aquelas palavras continham uma lição que nunca esqueceria. Falar sobre aquilo havia nitidamente me emocionado, mas eu precisava terminar.

– Desculpem-me dar a liberdade de lhes falar tão intimamente e não pensem que tenho a presunção de conhecê-los tão bem; o que digo, digo por que no cativeiro senti imensa vontade de ter ouvido antes. Não quero negar a vocês algo que desejei tanto conhecer antes e que, para a minha paz, fez tanta falta...

– *Acredito hoje que saber valorizar o que se tem é uma das prerrogativas da felicidade.* – Fiz um grande esforço para compartilhar a minha experiência e foi libertador fazê-lo.

– Agradeço do fundo do coração por vocês terem vindo me ver hoje e sou extremamente grato pelo carinho que deram e dão a mim e a minha família.

Ao final do discurso, os meus olhos se encheram de lágrimas. – Muito obrigado.

Na resposta dos meus amigos não veio nenhuma palavra, mas uma reconfortante salva de palmas.

Isabela e eu estávamos cansados, e pouco depois das dezesseis horas, após muitos e deliciosos abraços, as nossas visitas foram embora.

Era domingo e devíamos decidir como encararíamos a segunda.



Entendemos que antes de voltar para a empresa eu deveria direcionar a minha atenção à polícia e ao caso.

# Capítulo 30

Ainda, no meio das visitas que recebi domingo, fui visitar o Enzo. Eu o tinha convidado para ir a minha casa, mas por não conhecer ninguém ele acreditava que teria mais que oferecer atenção aos outros do que propriamente se sentir reconfortado e sentia que não tinha energia para isso. Concordei com ele sabendo que a mesma experiência que vivi com meus amigos ele teria com os seus na sua cidade.

Quando me abriu a porta, nós dois reagimos ao outro com um largo e franco sorriso. Enzo, com o seu humor, salientou o fato de termos nos livrado da barba.

– Em que posso ajudá-lo? – Falou, me fazendo rir.

– E aí, meu amigo? – Disse ao Enzo, dando-lhe um forte abraço em seguida.

– Melhor que nunca. A casa está cheia, não é? Veio fugir deles?

– Um pouco. Vim saber como você está.

– Entre dois minutinhos, tem café pronto. – Sentamos na sala com os cafés em mãos.

– O que achou do café? – Disse ele, entusiasmado pela bebida.

– Um pouco forte para o meu gosto. – Brinquei com os giros que o mundo dá. – Mas e aí, o que você fará, Enzo?

– Em uma hora vou para a minha cidade. Um mês depois do assalto e da nossa suposta morte o meu filho voltou para lá. – Isabela havia me contado sobre o comprometimento do filho do Enzo em nos encontrar, demorou para aceitar que não havia mais pistas que ajudassem para este fim.

Com pesar ouvi a notícia, mas não teria coragem de tentar dissuadi-lo a ficar. – Que pena, meu amigo! Perderei o meu melhor vizinho. – Falei humoradamente como Enzo faria.

– Mas não a nossa amizade, Carlos. Quero que, depois que tudo isso acalmar, você vá me visitar. A cidade é bem menor que esta, mas tem o seu encanto. Daqui a quatro dias eu volto para dar o meu depoimento. Podemos jantar juntos, o que acha?

– Acho maravilhoso. Imagina nós dois diante de um cardápio –.Sorrisimos de pura alegria.

– Vai ser engraçado... E o seu depoimento. Está seguro? – Combinamos de nunca falarmos sobre a verdade, apenas sobre a nossa versão.

– Lembro de cada detalhe. E você? – Perguntei.

– Nunca vou esquecer. Quando dará o seu depoimento?

– Já segunda-feira.

A conversa continuou por mais alguns minutos e nos despedimos com a promessa de logo nos reencontrarmos.

Na segunda-feira encontrei o Senhor Ernesto, o delegado responsável pelo caso. Ele e mais três policiais foram na minha casa colher o depoimento. Estavam admirados com o ocorrido e logo me falaram sobre as novas notícias. Estávamos todos sentados na sala de jantar.

– Senhor Carlos, antes que comecemos o testemunho, quero lhe comunicar que os corpos do restante do grupo já foram encontrados.

Cogitava que nunca encontrassem. Perguntei surpreso, não só pelo fato, mas pela rapidez. – Sério? Onde?

– Em um matagal na chácara vizinha. Encontramos seis corpos de homens na casa dos vinte a trinta anos. A data de óbito é compatível com o dia em que vocês entregaram o planejamento de vendas ao “Mathias”, no caso, ao Miguel. Devem ter morrido assim que deixaram de ser úteis. Vocês dois têm

muita sorte. Estavam lidando com um homem extremamente frio e calculista. – Ouvir a confirmação definitiva das nossas suposições, mesmo eu tendo acreditado tanto nelas, me proporcionou alívio.

– Como eles morreram?

– Estrangulados. Como eles não têm outras lesões a não ser no pescoço, é conclusivo que não houve luta. Amostras de tecido do fígado e outros órgãos de cada um estão sendo levados para o laboratório para saber se eles estavam sob o efeito de alguma droga quando foram mortos.

– Foram dopados...

– Acreditamos que sim. A hipótese é que alguém de confiança lhes forneceu bebidas com algum tipo de sonífero, depois foi só laçar o pescoço com um cinto e puxar. Esta última atitude já foi confirmada.

– Minha nossa!

– De fato. Agradecemos aos céus vocês dois estarem vivos.

O que iniciávamos não era apenas um depoimento, mas uma colaboração que me era pedida e eu a forneceria com tranquilidade. Por essa razão, minha esposa pôde estar presente.

Eles me pediram que não censurasse o que eu presumia que eles já soubessem; então contei-lhes primeiramente como foi conduzido o assalto ao banco. *“Um dos policiais fardado falou aos seguranças: (...) – não façam movimentos bruscos. (...) – Vocês não precisam morrer. – Os seguranças, como nós, não compreendiam o que estava acontecendo. Até que o ‘policial’ falou: – Isto é um assalto. Ninguém se move ou seremos obrigados a atirar. – Neste momento todo o grupo baixou os gorros sobre o rosto. Na rua, havia apenas uma meia dúzia de curiosos que testemunharam a agitação. Infelizmente, a única reação que tiveram foi aplaudir a nossa prisão.”*

Depois, falei-lhes sobre a primeira conversa em que o Mathias se confirmou como chefe do bando e nos explicou nossas futuras funções. Eu, como articulador das vendas das pedras, e o Enzo, como minha única companhia. Alguém para evitar que eu perdesse a sanidade e começasse a falar com as paredes. Também servia como mais uma possibilidade de poder, porque, diferente de mim, o Enzo poderia ser morto e eles deixavam claro isso com a intenção que nós colaborássemos. Graças a Deus, nunca precisei ouvir a ameaça que viria depois desta.

Ao contrário da conversa com os meus amigos, não me detive às privações e experiências que tive; não era para isso que eles estavam ali. Contei-lhes como descobrimos a maçaneta e como a usamos desde então. Expus toda a minha colaboração em relação às vendas das pedras e terminei contando como conseguimos passar pela abertura que formamos na parede e surpreender a única pessoa do bando com que tínhamos contato fazia dois meses.

Ao fim da conversa, falei-lhes que estava à inteira disposição e recebi o cumprimento acolhedor daqueles homens. Naturalmente, teríamos outras conversas, mas tanto Isabela como eu saímos satisfeitos com as minhas respostas diante de tantas perguntas. Também quis saber como poderia falar com os donos das joias que eu, infelizmente, havia prejudicado.

Uma semana mais tarde, depois de muitos deleites com a minha família, depois do jantar com o Enzo e da constatação de que as nossas versões haviam se encaixado perfeitamente, tive a oportunidade de conversar com os sócios donos das joias. Me apresentei aos três senhores e fui calorosamente recebido.

– Nós sabemos quem é o senhor. Viveu uma grande provação durante 62 dias e saiu vivo para contar. A que devemos a honra? – Disse um senhor grisalho, com modos e roupas de cavalheiro.

– Os senhores não sabem como são doces estas palavras... Vim aqui para lhes dizer que tenho inúmeras informações que podem ajudá-los e que é isso que gostaria de fazer.

Apesar do meu intuito ser o de ajudar no rastreamento do dinheiro das joias, naquele dia nada

disso faria. Para minha surpresa, eles estavam mais interessados no que nós vivemos do que propriamente no dinheiro. Mesmo assim, antes de nos despedirmos, já havia sido chamado, por pedido meu, o homem do seguro responsável pela procura das pedras. Então ele me foi apresentado.

O senhor Kaiser e eu passamos dois dias refazendo as instruções que eu havia passado ao Mathias. Ele se encarregou de procurar pela abertura de empresas, compras e vendas de determinadas quantidades e tipos de joias, e depois de duas semanas encontrou a empresa de Mathias.

Neste momento sua equipe passou de quatro pessoas para dezesseis e, para a minha frustração, apenas uma semana mais tarde, veio uma lastimável conclusão: eles esbarraram em uma última conta e depois dela não foram mais capazes de passar.

Infelizmente, dois dias antes da sua morte, o Mathias havia conseguido apagar o seu rastro bancário.

# Capítulo 31

A frustração por não conseguir ajudar a rastrear o dinheiro das pedras ainda permanece dentro de mim, mas como isso está além das minhas habilidades, estou conseguindo deixar de lado e seguindo em frente.

Estes dois meses após o cativoiro foram usados, mais do que para qualquer outra coisa, para avaliar e redirecionar a minha vida. Infelizmente uma breve calmaria antes da maior das tempestades.

Minha esposa e eu sempre gozamos de muita intimidade, carinho e respeito. Antes do cativoiro não estávamos em crise. Vivíamos felizes e satisfeitos um com o outro. Então, quando percebo as mudanças em minha forma de ver o mundo, não se trata de uma virada de vida, mas sim de um ajuste. Não fui salvo pela experiência que tive, mas orientado.

É interessante, porque percebi que, mesmo diante de tudo que tinha :abundância financeira, prestígio e uma linda família, continuava em uma busca cega por reconhecimento. Mas de quem? Por quê? Discretamente, esta busca exercia certo controle sobre mim sem eu perceber. Ditava comportamentos que não fariam sentido, caso entendesse que ir atrás de prestígio não fosse mais uma prioridade... Talvez nunca devesse ter sido.

Na vida, eu, como quase todos, fui instigado, motivado e cobrado para vencer financeiramente. Então, é isso que, quando cresci, naturalmente ganhou a minha atenção. Eu não sabia ainda que, *emocionalmente, o valor do dinheiro vem do reconhecimento que gera, e é ele que todos nós buscamos.* Não o dinheiro em si, mas, pela mais forte das associações, o dinheiro ganha imensa importância. Desse modo, acredito que a conquista do reconhecimento dos outros é o maior responsável pela busca do sucesso financeiro, esportivo ou intelectual.

Nascemos em uma sociedade com determinados valores, mas, caso ela primasse pela habilidade de equilibrar pratos, acredite-se ou não, este seria o trabalho mais desejado.

Quando ser esportista ou ator não era bem visto, muito menos pessoas desejavam estas profissões para si. No caminho inverso, enquanto a Igreja tinha mais prestígio e poder, famílias sonhavam em um dos filhos seguir por este caminho, mesmo que isso significasse abdicar de netos.

O que dá para se concluir é que o desejo não está nas atividades, mas na repercussão destas entre os nossos iguais, entre o nosso nicho de interesse, seja religioso, esportivo, seja cultural. São as pessoas que nos interessam! Sabemos que alcançando reconhecimento social teremos um tratamento amistoso e agradável dos outros. Teremos mais oportunidades em diversas áreas e, quanto maior ele for, mais será feita a nossa vontade em determinar as pessoas que nos cercam e o modo como nos relacionamos com elas. Isso é verdade e não posso nem devo ignorar.

*Reconhecimento gera interesse e admiração e isso atrai as pessoas. Buscá-lo, então, nas ciências, no esporte, nas finanças ou na beleza é compreensível, aconselhável e racional.*

Contudo, muitos são os que durante a busca por vitórias esquecem que o que a iniciou foi o desejo por bons relacionamentos. Mas isso acontece e o indivíduo não é louco por cometer esse engano! Já que ainda que falhemos com as pessoas, caso alcancemos conquistas sociais, seremos sempre associados ao sucesso. Isso trará novas pessoas sem necessariamente ter nos ensinado a agir melhor com elas. E é claro que tudo isso nos confunde.

Se refletirmos, quando se decreta que uma pessoa obteve sucesso na vida, honestamente, estamos nos referindo a quê? A um sucesso universal?

Muitas das pessoas que julgamos terem vencido os obstáculos da vida, na verdade venceram com grande talento e perseverança um ou dois obstáculos. Vemos homens que construíram um império, mas que não conseguem controlar o seu peso ou viver bem com a sua esposa e filhos. Cantores que têm o mundo aos seus pés, mas, tirado o microfone, se resumem a alcoólatras. Esta lista não tem fim e todos eles compartilham entre si o talento e a determinação em vencer. Eles têm a capacidade de ultrapassar obstáculos e se esmerar em razão de um objetivo. Contudo, permitem que o reconhecimento das suas conquistas ofusque interesses ainda maiores, como a saúde e o amor. *Confundidos pela sociedade, acabam se tornando vítimas do seu talento.* São vencedores? Com certeza são, mas por vezes deixam de conquistar a maior razão de uma vida: os seus afetos!

Talvez, caso minha rotina não tivesse sido temporariamente interrompida, não houvesse direcionado a minha atenção no sentido de desfrutar mais as pessoas e ainda estivesse em uma busca automática por mais prestígio.

É claro que não penso que cada ação minha foi dirigida ao reconhecimento social, no meu caso ainda, no setor financeiro. Quando estou com os meus filhos, o meu foco é lhes agradar. Quando assisto ao meu time, é torcer. O que chamou a minha atenção foram tantas atitudes, tantas horas extras, riscos e projetos que assumi, companhias e jantares que aceitei com a intenção velada de alcançar mais importância. Percebi que ela não tem valor se não houver equivalente empenho afetivo com as pessoas. Ela perde o sentido, mas ninguém me instigou, motivou e cobrou nessa direção. Tive algum êxito nos meus relacionamentos por erros e acertos próprios, e agora decidi que nesta área afetiva devo fazer o mesmo que fui instigado a fazer na profissional: me desenvolver e mergulhar de cabeça.

Saber sobre o gosto por ser reconhecido me alertou para evitar ser escravizado por ele e sobre a minha incoerência com as prioridades da vida, mas de forma alguma me fez deixar de apreciá-lo. Conscientizei-me, sim, da sua onipresença e da quase unanimidade de seu apreço. A sociedade reconhece a ascensão profissional. Eu deveria, com mais frequência, reconhecer virtudes, princípios, caráter e comportamentos de amigos, filhos, irmã e esposa.

Apesar de ser um marido apaixonado pela minha mulher, omiti por muitas vezes de lhe dizer o porquê disso. Risquei essa omissão do meu mapa.

Gosto da suavidade com que ela coloca as suas opiniões, da alegria que passa quando ri para mim, a acho perspicaz, uma mãe que prima pelo amor e pela educação aos filhos muito mais do que pela proteção – algo que ela me ensinou; a acho trabalhadora – virtude fundamental; é inteligente, amorosa... E elegantemente *sexy*.

São mil elogios que fui percebendo e admirando na medida em que fui dando a devida atenção que a mulher que mais amo no mundo merece. Em seguida, faltava-lhe dizer. E foi o que fiz. Não uma vez, mas com frequência. Não de forma solta, mas quando fosse pertinente. Não muitos, mas verdadeiros.

Ela merece o reconhecimento pela mulher que é e eu o dou com todo meu amor e consciência. Dou a ela o que descobri ser uma necessidade humana, mas lhe faço com sinceridade, e não apenas pela satisfação que gera.

O elogio é o reconhecimento interpessoal e é algo que todos apreciam e desejam, mas com honestidade, porque quando o recebemos sem ela, nós o abominamos, pior, o consideramos inútil e desprezível. Não quer dizer que uma pessoa com muitos déficits não esteja à altura de um elogio; na verdade, é a que mais precisa de um e, para encontrá-lo, só basta o nosso interesse em procurá-lo. Fiz isso com os meus filhos – os elogios mais fáceis de dar; com os meus funcionários e com os meus amigos. Rapidamente comecei a ver quantas qualidades as pessoas que estavam em minha volta tinham e, por consequência, comecei a gostar mais dos outros. Meu ganho foi que a minha esposa se tornou e me fez ainda mais feliz, os meus funcionários se mostraram mais dedicados e meus amigos se fizeram mais

próximos.

Por vezes, cedia à irritação enquanto que as pessoas a minha volta me pediam por compreensão. *Fazia críticas enquanto o maior crescimento dos outros se dá no elogio.* Nós instintivamente nos defendemos da crítica, justificando-a, repulsando-a! Por outro lado, desejaremos sempre sustentar e agir à altura de um elogio. Coisas que deveriam ter me ensinado, fatos a que eu podia ter dado maior atenção e nunca mais esquecido! Sempre me considereei um bom homem, mas até então não tinha dado importância ao quanto melhor eu podia ser.

No começo da tarde de sábado a Isabela e eu admirávamos os nossos filhos brincando no jardim, enquanto aguardávamos um casal de amigos.

Assim que chegaram, nós quatro nos sentamos na sala. Eles estavam na casa dos setenta e haviam chegado lá com vigor e elegância. Ele era um amigo e empresário que possuía todo o meu respeito e que, em parte, havia inspirado muitos dos meus passos como profissional.

Há dois anos não nos víamos, pois ele havia mudado o centro dos seus negócios para outra cidade, mas quando soube que eu estava vivo, assim que pôde, veio me prestar uma agradável visita. Mal sabia ele que sua visita seria muito mais valiosa do que imaginava, pois iluminaria minha ignorância, algo que tinha o poder de literalmente salvar a minha vida.

# Capítulo 32

O casal Servieri, tão fã da conversa regada a café quanto nós, nos fez companhia à tarde. Dispomo-nos em uma roda de cadeiras na sala, que era separada do jardim e das crianças por portas de vidro. Com as xícaras na mão e entusiasmo na voz, começamos as trocas de novidades. Evidentemente, eu detinha a maior delas, mas educada e prudentemente eles prorrogaram o esperado interesse de se aprofundar no assunto. Quando a oportunidade chegou, fui atencioso e lhes contei sobre a experiência.

Eu já estava acostumado a falar a respeito e, até certo ponto, gostava de fazê-lo. Quase como regra, as pessoas respeitavam a minha vontade de entrar ou não em detalhes. Com o casal Servieri, a minha disposição era do tamanho da deles.

Raramente alguém ouvia a versão completa, pois geralmente eu não tinha tempo nem paciência suficientes. Mesmo que tivesse, tampouco me arriscaria a me tornar inconveniente. Naquela ocasião, nenhuma das alternativas era o caso.

Com a segunda xícara de café servida pela Isabela, lhes contei a minha experiência do início ao curto e fantasioso final. Quando me esquecia de algo no meio da história, Isa assumia o trecho; era bom sinal, mostrava-me que ela ainda não estava cansada do assunto; na verdade, nem eu. A conversa foi se estendendo e tomando outras formas. Divagamos sobre a morte, sobre os que deixamos. Como o mundo responde – ou não responde. Falamos sobre os jovens do bando. Sua perícia e frieza e, em uma das nossas colocações, veio algo que me ficaria gravado na cabeça por algumas horas.

O Celso Servieri estava surpreso com o planejamento do grupo, com sua capacidade de organização, determinação e comprometimento. Todas qualidades observadas antes. Ele fez eu acompanhar a extensão da ação do grupo e me levou para muito além do que eu havia vivenciado. Conjecturamos sobre as ações de bastidores do bando anteriores ao assalto. Eu já tinha feito isso com o Enzo no cativeiro e, posteriormente, com o delegado, mas foi a sequência de informações e observações da conversa, talvez somadas ao tempo, que acabou por levar luz para algo que tinha passado despercebido. Mergulhado na capacidade intelectual do Mathias, seguiram-se as observações do Celso.

– Você vê, Carlos. O Mathias foi um planejador fantástico, tinha um grupo fiel ao seu dispor, executou noventa e nove por cento do planejado com perfeição e uma maçaneta com dois homens cautelosos e determinados arrancaram dele a vitória. – Ao final da frase nós rimos a favor da justiça e sua esposa, por instinto, fitou o olhar nas minhas mãos, que por muito tempo carregarão indícios do nosso esforço.

– Teve o que mereceu! – Comentou autenticando a sua morte e nós quatro, desta vez sem riso, encostamos levemente as xícaras. – Felizmente, aquele não foi o seu último comentário e, em tom mais baixo, foi humano ao observar algo lamentável. – Um homem brilhante que conduziu todos ao fracasso.

Eu ri levemente e repeti comigo: Um homem brilhante que conduziu todos ao fracasso.

Aquela frase simplesmente fixou-se nos meus pensamentos e por algum tempo não sabia o porquê.

O cérebro é algo fantástico e misterioso. É sabido que nele existem diversas “gavetas” distintas umas das outras com intermináveis informações cada. É tamanho o número de informação que a mente detém, que acontece de muitas das novas ideias e invenções de que se tem conhecimento não terem precisado de novos dados para serem concebidas, mas, sim, surgirem da reorganização destes por ocasião de determinado evento. Outras vezes, uma nova informação ou ponto de observação pode gerar



uma reação espontânea no cérebro que busque diferentes informações, guardadas em diferentes “gavetas”, fazendo com que todas se liguem para criar uma nova descoberta. Isso aconteceria comigo após três horas do casal Servieri ter nos deixado.

# Capítulo 33

– Carlos, o que você tem? Desde que os Servieri foram embora você está agitado. Aconteceu alguma coisa?

– Não, Isa. Eu apenas estou pensando sozinho. Você me faria o favor de preparar um dos seus sanduíches? – Ela me olhou desconfiada, mas entendeu o meu pedido.

– Claro. – Eu queria um tempo para pensar sozinho. Antes de explicar a ela sobre o que estava me incomodando eu precisava organizar na cabeça as felpas de pensamento que estavam me rodeando.

As palavras do Celso Servieri, por alguma razão, não saíam da minha mente: “*Um homem brilhante que conduziu todos ao fracasso*”. Homem brilhante... Todos ao fracasso. Eu sabia que a afirmação não era exatamente verdade. Eu havia ajudado a planejar e a executar o sucesso de um deles, mas e daí?

Em um instante a palavra *brilhante* se juntou ao *sucesso de um deles* e um assombroso pensamento me veio à cabeça.

Como havia acontecido antes, meu corpo sem movimento deixava toda a minha atenção e energia para o pensamento. E o meu pensamento foi longe. À medida que a ideia foi ficando clara, um frio conhecido passou pela minha espinha. Eu já estava familiarizado com a sensação. Era um impulso causado por profundo medo. Minha mente nesta hora ligava espontaneamente diversos e espaçados acontecimentos.

Imediatamente voltei ao primeiro dia, quando o Mathias tomou a dianteira e ditou as regras. O Jota, apenas outro até então, veio ao final da conversa e, pelas ordens do Mathias, aplicou-nos um choque. Lembro-me de ouvir baixo as suas desculpas. Ele ganhou certa simpatia já no primeiro dia, de um jeito inesperado, mas efetivo.

Não demonstrou interesse em nos conhecer até o momento em que expus ao Mathias o meu plano, no entanto sempre nos tratou com respeito e nos alimentou com generosidade. Discretamente, e sem gerar as nossas suspeitas, ele estava nos cativando. – Os meus pensamentos à frente faziam a minha barriga doer enquanto a luz e a alegria que eu havia recebido depois da fuga rapidamente se apagavam. Olhei para a minha esposa preparando o meu sanduíche, não mais compartilhando da sua paz e segurança.

“*Demorou para conversarmos com o Jota, mas a partir do momento em que tivemos a primeira conversa só aumentamos os laços entre nós três.*” Sua admiração pelo meu plano, a franqueza das suas convicções, o interesse pelas nossas conversas, tudo planejado? Ele interveio a nosso favor para o ganho da mesa e das duas cadeiras! “*Pode ser, mas tenho que falar com o senhor Mathias antes.*”

Eu mal podia acreditar! A sua imagem era uma bela e conveniente farsa? Será?

Comecei a me lembrar do dia em que ele trouxe a informação de que o Mathias havia avançado na venda das joias. “*Tenho ótimas notícias... O cativo de vocês está chegando ao fim... Vendemos todos os rubis e um terço dos diamantes.*” Aquilo me desestabilizou, me pôs em alerta e com uma sensação de aflição e urgência. Isso durou até ele mesmo me acalmar. Era ele quem nos passava o perfil do Mathias e ele o defendia com fidelidade e dedicação. “*O Mathias pode passar por cima da lei, mas isso não impede que ele crie relações de confiança.*” No entanto, logo depois, nos desestabilizou novamente deixando escapar a fuga do restante do bando. “*Sinceramente, espero que tudo acabe bem para vocês. – E dará, Enzo. Já deu certo para os outros, por que não daria certo para mim e para o*

*mentor de tudo isso?” Deixando escapar?*

Paralisado no meu sofá, com a visão embaçada e com o rosto formigando, tive dificuldade de largar a xícara de café na mesa de centro.

Em seguida, por questionamentos que levantamos, nos contou da proibição da comunicação com o restante do grupo. No desenrolar da conversa, o Enzo e eu concluímos, baseados em todas as informações, que o Mathias os havia matado. No entanto, o Jota ainda fez com que nos esmerássemos para tentar convencê-lo. “– *É possível, sim, mas por que então discutiria com o grupo a respeito da nossa maior porcentagem? Por que ele gastaria com documentos falsos e passagens?*” Ele deixou claro para nós o que ainda faltava e nos deu tempo para tentar entender. Foi exatamente o que fizemos.

Mesmo assim esperamos cinco dias para receber a sua concordância. Cinco dias! Nesses dias o Enzo e eu articulamos um plano para que os três saíssem bem e vivos. Evidentemente, esta era a única forma de sermos ouvidos pelo Jota. Nós articulamos? Ou ele? O que nós dois planejamos e fugia dos trilhos do Jota, ele astutamente nos conduzia de volta. Nós matamos o Mathias! Não ele. “*O Mathias chegará poucas horas mais tarde. A partir daí vocês terão o livre-arbítrio. Façam o que quiserem com ele. Eu deixarei um revólver na sala.*” Falou depois de nos lembrar o quanto Mathias era perigoso, sabendo que nós dois entendíamos as implicações disso melhor do que ninguém. Matamos o único homem que sabia que o Jota existia!

– Meu Deus...

Nosso testemunho para a polícia contou com absoluta idoneidade e legitimidade e apagou o Jota do bando. A polícia, posteriormente, se encarregou de achar com facilidade os outros seis integrantes.

Esperamos cinco dias pelo convencimento do maldito. Aceitamos as suas modificações no plano que, de fato, contavam com coerência, mas que não vieram antes dele nos ter avisado que a nossa morte aconteceria em breve. “– *Se for o que estamos esperando, no final da manhã de sábado, daqui a dois dias, ele virá sozinho aqui para matá--los.*” Com total controle sobre nós, ele nos induzia emocional e racionalmente.

Desde o início o Mathias conversava conosco, não apenas com a companhia do Jota, mas com a sua supervisão. O Jota foi o único a ficar a sós conosco. O Mathias falava o que o Jota lhe mandava falar. O Mathias se mostrava ser o que para o Jota era conveniente. O pedido do Jota para termos cadeira e mesa foi para si próprio. Ele não era um mero carcereiro e piloto.

O mentor intelectual que articulou e que efetuou noventa e nove por cento de um complexo plano, que geraria um lucro estrondoso, não se deixou trair pelo seu discípulo mais fiel, mas guardou o Mathias para concluir o último um por cento. O líder não foi morto por mim e pelo Enzo. Foi protegido!

Meu Deus...

O Jota era o mentor do grupo.

# Capítulo 34

**E**u mal percebi minha esposa chegando com o sanduíche na sala.

– Carlos, chega! Me diga o que você tem. – Ela largou com displicência o sanduíche na mesa, puxou uma cadeira até a minha frente, sentou e pegou com carinho as minhas mãos.

– Fale comigo, Carlos. – Eu a olhei, provavelmente com um olhar de terror, e aquilo serviu para deter toda a sua atenção.

– Isabela, você não vai acreditar no que me dei conta. – Eu não poderia lhe explicar da mesma forma que pensei, em uma enxurrada de pensamentos. Pinteí todo o quadro antes de lhe pedir que invertesse muito do que até então sabia.

– Você acha isso possível, Carlos? – Me perguntou após ter ouvido todos os fatos que haviam me lançado a firmar aquele pensamento.

– Eu não posso ter certeza, Isabela, mas, assim que me veio esta ideia, a outra se enfraqueceu. Além de eu ter a impressão que hoje consigo identificar, em diferentes situações, intenções futuras por trás de pequenas sutilezas nas ações do Jota, intenções que nos direcionavam ao resultado que tivemos, mas que só me ficaram claras hoje. É um tipo de percepção que sem o conhecimento que agora tenho me passou em branco, mas que somado aos fatos que lhe disse antes, comecei a acreditar com força nesta possibilidade. Você consegue me entender?

– Consigo, mais do que você imagina. – Falou honestamente, parecendo procurar onde estava em sua memória o que a fazia compreender. – Foi a sensação que tive quando você fez a minha festa surpresa de quarenta anos. Eu caí como uma pata na festa, mas depois que entendi do que se tratava, os fatos se encaixaram, ficaram claros como o dia.

– Que bom que você me entendeu! – Depois de dez minutos de conversa pude lhe dar um abraço que me reconfortou. *Ele vinha do sentimento de alívio e de agradecimento que só a experiência de ter um pensamento complexo perfeitamente compreendido pode gerar.*

Aliviado, pude admitir para mim mesmo que, desde o momento do estalo, já estava convencido. – Não houve acaso ou sorte; tudo convergiu desde o início para o resultado que tivemos. Ou estou louco?

– Eu acredito. – Repetiu ela caso eu ainda precisasse ouvir a sua autenticação.

E eu precisava... Com a cabeça baixa, olhando para o tapete, desta vez o meu alívio se mostrou em um pequeno suspiro.

Minha esposa agora trataria de mim. – Carlos, eu não quero nunca mais que você pergunte se é louco. Nunca mais pergunte isso, ok? Louco seria se tivesse acreditado nas promessas do Mathias. – Bem lembrou ela! Depois autenticou a nossa nova descoberta ao se corrigir. – Mathias, que agora acreditamos falar pelas instruções do Jota... Meu Deus! – Deixou escapar uma amarga risada; infelizmente não haveria espaço para rir quando chegássemos na parte das implicações desta nova descoberta.

Eu desfrutei do momento da nossa comunhão de julgamento. Contudo, havíamos concluído apenas a metade da conversa. Esperei que a Isabela questionasse sobre as implicações. Logo em seguida, ela o fez.

– A nossa situação muda por causa disso? – Perguntou ela, parecendo procurar pelas respostas. Eu já a tinha achado, mas havia suprimido temporariamente para que não me atrapalhasse durante a etapa que havíamos acabado de vencer juntos. Eu estava tão convencido que não conseguia torcer pela pequena possibilidade da Isabela encontrar argumentos que me fizessem achar infundadas as minhas subseqüentes

conclusões.

– Acho que muda. – Respondi sem disfarçar o meu abatimento, dando espaço em seguida ao silêncio, o que diria mais que palavras. Demorou instantes até ela deduzir que o motivo da minha expressão inicial de terror não se encontrava no que nós já havíamos conversado, mas sim no que estaria por vir.

– Em que sentido? – Perguntou ela novamente.

– Pense comigo, Isa. O Jota, no mínimo há um ano e meio, talvez dois, talvez mais, vem se dedicando ao que para ele é um grande projeto. E pelo valor que lucrou, é o projeto da sua vida. Para realizá-lo, matou no mínimo sete pessoas. Sete pessoas que com certeza conviveram consideravelmente com ele. Como bem sei, riram e criaram laços de fraternidade, esperança e sonhos. Este homem matou a todos! Incluindo o Mathias, pelas minhas mãos e as do Enzo. Sabemos do cuidado que levou para planejar diversas e complexas tarefas, talvez muitas com alternativas paralelas e ajustes durante o percurso, e ele conseguiu cumprir friamente tudo o que havia determinado muito antes de tudo começar. – Fiz mais uma pausa para que ela digerisse as informações. – Você está reconhecendo o perfil do Mathias nas minhas palavras? Lembra do medo que o Enzo e eu tínhamos de mantê-lo vivo caso ele encontrasse alguma razão futura na nossa morte? O perfil do Mathias pertence com ainda maior grandeza ao Jota. E ele está vivo! Então, se acho que a nossa situação muda, lhe afirmo, muda com toda certeza.

Isabela me poupou do desfecho, dando sinal de ter entendido onde estávamos metidos. – E nós dois, o Enzo e talvez o seu filho, somos as únicas pessoas que sabem que ele está vivo.

Desabafei desolado. – Exatamente.

Isabela perguntou abatida. – O que você acha que pode acontecer? – Eu desejava não mais ter que pensar, mas isso não era ainda uma opção. – Você acha que ele pode tentar nos matar?

– Não sei o que se passa na cabeça desse filho da mãe. Não sei se ele imagina que o que descobri hoje poderia acontecer e que, com medo que ele me atacasse, por prevenção, o poderia delatar à polícia.

– Você não pensou isso antes no cativado, nem após com o delegado, por que algum dia pensaria?

– Porque de fato aconteceu, neste estalo que tive depois da conversa com os Servieris. – Não sabíamos se lamentávamos o fato ou o agradecíamos. Ficamos por um tempo em silêncio situando-nos quão fundo na merda nós nos encontrávamos.

– Diga o que você está pensando. – Falou Isabela, quebrando a nossa solidão intelectual.

– Estou achando que podemos estar vivendo uma ilusão. Estamos dentro da nossa casa, há mais de dois meses, totalmente tranquilos; então, a impressão que tenho é que nada vai mudar, mas já sabemos que é possível que ele planeje matar talvez o Enzo e eu, ou até mesmo você e o filho do Enzo. Podemos ter o luxo de apostar de que nada vai nos acontecer tendo o Lucas e a Laura? Nós dois já vivemos sob a influência direta do Jota. Sabemos que coisas horríveis podem acontecer e que de fato acontecem. Vamos esperar o Jota decidir o que faz conosco?

– O que você sugere?

– Tomarmos providências.

– Falar com a polícia? – Isabela perguntou apreensiva.

– Talvez depois, mas a primeira coisa a se fazer é falar com o Enzo sobre isso, para decidirmos que posição tomar. Se decidirmos por falar com a polícia, o Enzo e eu temos que contar as mesmas coisas. Talvez precisemos inventar outras mentiras, talvez não.

Agora o suspiro veio da Isabela, mas não foi de alívio. – Nossa vida vai mudar completamente... Tem chance do Jota continuar sendo o Jota?

– Para mim não, mas vamos ver o que o Enzo acha. Só não te prende a essa possibilidade. – Falei isso e fiz uma pausa para abraçá-la. Sentir o seu medo e fragilidade me fez desejar abrandar a nossa situação, mas eu não atenderia a este desejo. Também não me daria ao direito de ser orgulhoso assumindo sozinho o confronto contra o Jota. Eu precisava das ideias e do discernimento da Isabela e de tudo mais que ela estivesse disposta a ajudar. Ela era forte e entenderia logo que eu precisava de toda a sua força. Os nossos filhos precisavam da nossa conscientização sobre os fatos, da união, disposição e inteligência do casal e, conhecendo a minha esposa, eles a teriam. Entretanto, nada seria suficiente se primeiro não fôssemos honestos sobre onde nos encontrávamos e quão fundo estávamos dispostos a ir. Por ora, minha esposa precisava daquele abraço; eu estava lá para isso.

# Capítulo 35

A Isabela e eu estávamos em silêncio no carro, dirigindo-nos à casa do Enzo, a seis horas de distância. Partimos após ter passado quatro horas da descoberta e, depois de considerarmos as questões que levantamos, decidimos não perder mais tempo. Entramos no jogo com dois meses de atraso. Deixamos as crianças com os pais dela, com a desculpa de que passaríamos a noite e o domingo na casa da Serra.

Chegaríamos no meio da madrugada na cidade do Enzo. Em poucos dias poderemos estar entrando em contato com a polícia e talvez possa ser melhor não mencionar este encontro incomum com Enzo, então também dormiríamos em um motel para evitar o cadastro dos nossos nomes. Pela manhã lhe faríamos uma desagradável visita.

Como parceiros, havíamos decidido que não entraríamos em uma discussão de probabilidades; já havíamos entendido que aquilo era possível e isso já era o suficiente. Então, até a situação estar resolvida, agiríamos como se fosse certa a intenção do Jota em nos matar. Assim, assumimos o compromisso de não censurar nenhuma ação que objetivasse a nossa segurança. Não seríamos omissos, não teríamos relutância em sermos precavidos, não cometeríamos o engano de subestimar o Jota.

Essa decisão havia servido inclusive para eu me armar. Na minha jaqueta repousava uma 9 milímetros com quinze balas. Nunca a havia utilizado e provavelmente ela era uma falsa sensação de segurança, mas, mesmo que não fosse usada, tinha a sua função psicológica.

Como estávamos cegos sobre quais precauções o Jota poderia ter tomado, nossa decisão de sermos atentos e cautelosos, visto com quem estávamos lidando, já havia sido incorporada. Desse modo, pela possibilidade que ele houvesse grampeado os nossos telefones no intuito de detectar o momento da “descoberta” caso eu ou o Enzo a tivéssemos, achamos prudente não avisar ao Enzo sobre a nossa visita. Comunicar a ele que cruzaríamos o Estado imediatamente para encontrá-lo pela manhã com certeza chamaria atenção, além de levantar perguntas pelo telefone das quais eu teria que me esquivar.

Acreditávamos que ele não ia querer que a nossa morte levantasse suspeita da existência de algum remanescente vingativo do grupo; então imaginamos que não seria com armas a sua ação. Eu não duvido que o cretino tivesse a capacidade de ler um livro inteiro de anestesia ou farmacologia pensando em como nos matar. Nossa morte, como a minha anterior captura, lhe valia uma fortuna. Então, daqui para frente, até com a comida nós teríamos cuidado.

O mundo realmente havia mudado para nós, mas isso não duraria muito tempo.

Nenhuma ação poderia anteceder uma consulta ao Enzo, mas basicamente nossas opções se resumiam em duas. Relataríamos para a polícia sobre uma ligação anônima de ameaça, cujo teor identificava um dos primeiros integrantes com que tivemos contato, ou venderíamos tudo e nos mudaríamos de Estado. Imaginamos que isso serviria de recado ao Jota. Nas duas opções existiam riscos e eu não conseguia ainda tender para nenhuma delas. Contava com a interação de mais duas mentes para procurar por uma solução.

A Isabela e eu nos sentíamos esgotados e, em dado momento, olhamos um para o outro. Estávamos no meio de uma estrada vazia e nos comunicamos com um leve sorriso que guardava a sugestão de que tudo daria certo. Eu peguei em sua mão e voltamos a olhar para frente. Havíamos vencido inúmeros desafios em nossa vida. Apostamos forte quando abrimos a nossa primeira empresa e com afinco a mantivemos e prosperamos. Há cinco anos passamos pela iminência do nosso próprio

divórcio, e foi com determinação, compromisso e força de vontade que reestruturamos o casamento e nos fortalecemos como casal.

Aquele era o nosso desafio mais perigoso, mas estava longe de ser o primeiro.



# Capítulo 36

A cordamos, como o programado, com o serviço de quarto do motel trazendo o nosso café. Era de manhã cedo e havíamos dormido apenas cinco horas. Em vinte minutos já estávamos no carro e, com a informação precisa de um taxista, encontramos a rua do Enzo.

Estacionamos a uma quadra da sua casa pela intenção de esconder da polícia essa visita incomum ao Enzo, pois explicá-la nos prejudicaria caso optássemos por informá-los sobre remanescentes do grupo. Por coincidência, assim que saímos do carro vimos o Enzo com uma sacola com pães chegando em casa.

– Enzo! – O chamei em voz alta e sorri esperando que ele estranhasse a minha imagem. De fato, ele se surpreendeu. – Sou eu, meu amigo. – Eu disse andando em sua direção e ele respondeu começando a soltar o sorriso.

– Assustei você? – Falei-lhe dando um abraço e ele me respondeu sem conseguir disfarçar a preocupação. – Assustou sim, o que houve? – Falou dirigindo-se à Isabela e em seguida lhe dando um beijo no rosto. – Está tudo bem com vocês?

Isabela olhou para mim. Eu não queria ter aquela conversa na rua, então a posterguei. – De certa forma não. Viemos para conversar contigo, desculpa não ter lhe avisado, a circunstância não deixou.

– Que é isso, Carlos, você é sempre bem-vindo, mas o que aconteceu? Vocês parecem abatidos.

– Podemos entrar? A conversa vai ser um pouco longa.

– Claro. – Sorriu sem jeito e com ternura convidou-nos para tomar um café.

– Vamos tomar o café da manhã juntos. Um por todos os que não tomamos, Carlos. – Ele tinha saído para comprar uns pães frescos e pediu que fôssemos com ele comprar alguns mais. – Me acompanhem à padaria para termos pães suficientes. É um bom passeio.

– Obrigado, Enzo. Nós acabamos de comer, mas um cafezinho a gente aceita. – Fazer muito rodeio agindo como se nada tivesse acontecido faria eu me sentir ridículo. Mudei um pouco o tom de visita e me apoiando na intimidade de um bom amigo encurtei o tempo de sala. – Enzo, viajamos seis horas para vir aqui falar com você. O assunto é importante.

O Enzo entendeu imediatamente o meu tom, já o tinha ouvido antes. – Vamos entrar, meus amigos.

Enzo soube que algo realmente sério havia acontecido e, assim que abriu a porta de sua casa, nos mostrou que nós teríamos toda a sua atenção.

– Me contem na cozinha o que aconteceu, venham. – Falou, entendendo que algo definitivamente estava errado. Fiquei triste em ter que o levar mais uma vez para um mundo cercado de medos e incertezas. Após fechar a porta ele tomou a frente para nos levar à cozinha, que ficava aos fundos. – É por aqui. – Falou, comprometido com a prioridade da nossa notícia.

À medida que andava pelo ambiente o ia admirando. Isabela foi mais educada que eu. – É muito linda a sua sala. – Comentou. – Foi você quem decorou?

Enzo respondeu ansioso. – Foi sim. – Nós o havíamos deixado preocupado. – Por favor, venham. Depois lhes mostro toda a casa.

Continuei a segui-lo pelo corredor de passagem que ficava à esquerda da sala. Andávamos em direção à cozinha e eu olhava encantado o lugar. Aquela era a sua casa! Os ambientes onde se passaram tantas histórias que havia ouvido.

Observava tudo com certa admiração, achando o local familiar, ao mesmo tempo em que corrigia algumas imagens que havia criado. Já no meio da sala, com o Enzo um passo a minha frente me conduzindo à cozinha, eu, temporariamente entorpecido pela curiosidade, me deparei com um porta-retratos que parecia se tratar do Enzo junto ao seu filho. Ele se encontrava sobre uma escrivaninha do lado direito da sala. Não contive o impulso de ver o filho do Enzo, de que tantas vezes ouvira falar. Até então só Isabela tinha tido o prazer de conhecê-lo, já que ele havia voltado para esta cidade um mês depois do nosso sequestro, que na época, mesmo sem ter achado os corpos, foi encarado por todos como a nossa, mais do que provável, morte.

A curiosidade me fez desviar da cozinha, cruzar com naturalidade a sala e pegar o porta-retratos com as minhas mãos.

– Não conheci o seu filho. – Disse-lhe sorrindo. O Enzo, vendo-me do outro lado da sala, parou, mas não respondeu ao meu sorriso.

Eu estava com o porta-retratos em mãos, a Isabela estava no lugar onde eu havia me desviado do caminho para a cozinha e o Enzo estava a três metros a sua frente. Juntos, formávamos um triângulo.

Depois de cinco segundos olhando para o porta-retratos, senti um calafrio e o coração disparar. O medo, junto à adrenalina liberada, fez eu reagir mesmo antes de conseguir entender. Por instinto e reflexo, saquei a minha arma. Algo estava definitivamente errado.

– Fique parado. – Falei energicamente apontando a arma para o meu amigo Enzo. Não se mexa, senão juro que atiro.

– Que é isso, Carlos! O que você está fazendo?

– Não se mexe, senão eu atiro. – Berrei, e por Deus eu falava a verdade.

Minha esposa estava atônita, mas me obedeceu assim que me ouviu.

– Isabela, vem para trás de mim agora. – Minha voz não refletia o quanto eu estava confuso; ao contrário, estava recheada de convicção e firmeza. Pois estas eram necessárias. Minhas palavras ressoavam pela casa e eram condizentes à minha intenção de assumir imediatamente o controle do local.

Eu não podia acreditar. Novamente os pesadelos cresciam diante dos meus olhos. O que vi havia feito eu reagir por impulso, e no meio daquele pico de adrenalina me deparei com uma porta. Ela se situava aos fundos e na metade direita da sala. Levava à parte íntima da casa.

Acabara de me dar conta de que o Jota podia estar dentro da residência e que, se ele tivesse se escondido em algum lugar quando ouviu a nossa chegada, este lugar seria depois daquela porta. Olhando para ela, senti um medo maior ainda dos que eu recentemente havia sentido. Pareceu que o dia se fechou e escureceu-se em volta daquela tranquila porta. Falei para Isabela uma única frase que provavelmente a deixou tão confusa quanto eu, mas bastou para ela sair do seu posto de observadora em choque para a de colaboradora leal. Mesmo com o medo que deve ter sentido, agiria prontamente ao que lhe dissesse fazer. Então, com o pensamento no que tinha que ser feito, pedi que ela fosse na cozinha procurar por uma corda e uma faca. Ela me olhou novamente com um rosto dividido pela dúvida e pelo respeito a minha orientação.

Minha atenção nunca se descuidou daquela maldita porta. Porém, depois da Isabela se dirigir à cozinha, eu, ainda temperado pelo medo, pela pressa e pela raiva, me dirigi ao Enzo, que seguramente lamentava tudo aquilo, subjuguéi-o e lhe infligi três coronhadas na cabeça, o que o fez ficar estendido no sofá.

Isabela voltou com imensos sacos pretos de lixo e uma faca grande de cozinha. Ficou apavorada ao ver o que eu tinha feito. No entanto, as minhas perguntas eram mais importantes que as dela.

– O que é isso, Isabela? – Falei olhando para os sacos.

– É só o que achei. – Falou assustada, depois me explicou. – Se esticar e torcer o saco, ele vira

uma corda.

Nos afastamos um pouco do Enzo.

Realmente, assim que torcemos o saco, ele se tornou uma resistente corda.

– Deita no chão.

– Escute, Carlos... – Foi o que ele falou até eu o interromper asperamente.

– Fique quieto, Enzo, pelo amor de Deus, você acha que vai me dissuadir a fazer algo? Por Deus, não fale até eu lhe mandar falar. Agora deita no chão de bruços e coloque os braços para trás. – Enzo me atendeu e só posso imaginar o desespero que ele começava a sentir. Isabela pegou a arma e eu amarrei com força os seus punhos, depois, com outro saco, amarrei os seus antebraços. Fiz isso enquanto ela oscilava a mira da arma entre a cabeça do Enzo e o vão da porta. Tudo foi amarrado muito forte e justo. Aquela era uma tarefa que não podia ser malfeita. Quando terminei, Isabela me devolveu a arma e ouviu a minha triste instrução.

– Enfie esta faca no pescoço dele se ele tentar se levantar. Você consegue?

– Consigo... – Falou convicta. – O que está acontecendo, Carlos?

– Você consegue? – Perguntei de novo com mais força para o Enzo e ela própria se convencerem.

– Com absoluta certeza, eu consigo. – Eu lhe dei a chave do carro e sussurrei em seu ouvido o que havia visto naquele porta-retratos mais as instruções do que fazer.

– Isabela, se você ouvir algum tiro, não perca tempo com o Enzo, apenas saia pela porta da frente e a tranque depois de você, pegue o carro e assim que estiver distante ligue para a polícia e avise que tem bandidos e feridos nesta casa. Eu já volto.

– Vamos embora, meu amor, por favor. Vamos chamar a polícia.

Segurei com firmeza a sua nuca, trazendo o seu rosto para perto de mim, em uma atitude de amor e urgência. O medo não me dava tempo, nem deixava espaço para sutileza. – Você já sabe o que fazer. Eu já volto.

Peguei uma cadeira e quebrei um espelho de uma das paredes da sala. Com um pedaço dele fui até a porta que levava aos quartos e o usei para ver além dela.

Nas primeiras vezes em que utilizei o espelho, não consegui focar o olhar no pequeno espaço e, na mesma velocidade com que o colocava para dentro do corredor, o tirava de volta. Com isso, fiquei atordoado esperando que o Jota me surpreendesse. O meu dedo no gatilho, por milagre, não se contraiu.

Eu continuei a pôr o espelho para ver o que se escondia do outro lado. Fiz isso até conseguir e verifiquei que o corredor estava vazio, mas continha nele mais quatro portas.

Já caminhando pelo corredor, preferi usar a visão direta para verificar a primeira das portas que se estendem em fileira para os fundos. Era um escritório e ele estava vazio. O meu medo era quase incontrolável; mesmo assim, a minha vontade de viver e de proteger Isabela me levava adiante.

A segunda e a terceira portas eram um banheiro e um quarto e eles também estavam vazios. A última porta estava fechada e eu precisei empurrá-la. Ela era a única perpendicular ao corredor; assim, não tinha onde me esconder. Quando a abri, pareceu que eu podia sentir a presença do Jota no outro lado, mas felizmente eu estava enganado. Usei novamente o espelho para ver o restante do quarto. Novamente nada. Abri os armários do quarto e no último deles pensei no Jota, escondendo-se no armário do primeiro quarto e agora, com a minha presença aqui, eu havia possibilitado que ele rendesse a minha esposa na sala.

– Isabela, está tudo bem? – Gritei em aflição e desespero.

– Está, Carlos, está tudo bem. – Fui momentaneamente aliviado pelo tom da sua voz.

Voltei em todos os quartos e abri todos os compartimentos sem nada achar. Fui para a cozinha e

entrei no jardim dos fundos, não tinha mais lugar para se esconder naquela casa e o estresse começou lentamente a baixar.

Fui para a sala e sentei no sofá para recuperar o fôlego e ao mesmo tempo assimilei o fato de que eu continuava vivo e que, pela primeira vez desde o início do cativeiro, possuía um poder de verdade.

Isabela, sentada ao meu lado, com a faca tremendo em sua mão, ainda teve forças para confirmar comigo o que tinha ouvido minutos antes.

– Carlos, você tem certeza?

Eu tinha absoluta certeza. Havia reconhecido naquele porta-retratos uma imagem que por dois meses foi constante no cativeiro mesmo que sempre atrás de um gorro.

– Sim, Isabela. O filho do Enzo tem os olhos, a boca e o sorriso do Jota!

# Capítulo 37

Depois de toda a agitação que acabara de ocorrer, nós três ficamos em silêncio. Ver o Enzo calado era condizente com o que eu tinha entendido.

O esgotamento físico e psicológico, por diferentes razões, havia chegado a todos.

Eu estava sentado ao lado da minha esposa e de frente para ele. Curiosamente, todos nós nos comportamos de maneira similar. Não mais ofegantes, detínhamos o olhar fixo para o nada, assimilando mentalmente o ocorrido.

Da minha parte, as minhas mãos suavam e a minha cabeça dava voltas tentando decodificar a situação bizarra que me havia sido apresentada há poucos minutos.

Inicialmente, reagi como alguém que pega sua esposa “na cama” com o seu próprio irmão. Imediatamente sabe que algo está terrivelmente errado, fora de contexto, mas a compreensão é temporariamente suspensa pelo choque. Uma negação causada pelo testemunho do absurdo, do inconcebível.

Todavia, o bloqueio estava passando e, à medida que o estresse foi chegando a um nível psicologicamente administrável, fui readquirindo a capacidade de assimilar e compreender aquele novo fato.

O Enzo era comparsa do Jota! Pelo jeito, pai. Eles planejaram juntos o roubo, o sequestro e os assassinatos... Minha mente, depois da repulsa inicial, agora acelerava pelo interesse na apuração dos fatos.

Alugar uma casa e se tornar meu vizinho foi o jeito escolhido, dentre muitos outros, para se aproximar de mim. Esperou seis meses para dar o bote! Era óbvio que lidava bem com a sensação de espera.

Lembrei-me de quando o conheci. *“Na festa anual do condomínio veio até mim em um momento elogiar a minha esposa e dizer que tinha se encantado pelos meus filhos. O que mais poderia querer ouvir?”*

A história passava em *flashes* contínuos na minha mente. Não era o conteúdo de uma prova que eu precisava lembrar; eram fatos relevantes e cicatrizados na minha vida.

A ligação do falso gerente dizendo para eu ir ao banco encontrá-lo... O Enzo criara a situação porque precisava de mim lá. Pediu carona para que não fosse encarado como coincidência os dois estarem no banco.

O choque que levamos foi aplicado pelo seu filho! O choque que apenas eu levei! *“A força foi tremenda. Caí sentindo todos os meus músculos se contraírem. Minha cabeça bateu com força no chão frio de cimento e, enquanto ainda me retorcia e sentia a saliva escorrendo pelo canto da boca, ouvi o berro do Enzo e o seu corpo caindo ao meu lado.”*

O Jota, como filho de um dos sequestrados, pôde acompanhar toda a investigação da polícia! Estes traziam a novidade para, nas palavras da minha mulher, o sempre interessado filho do Enzo! *“ – Em uma hora vou para a minha cidade. Um mês depois do assalto e da nossa suposta morte o meu filho voltou para lá. – Isabela havia me contado sobre o comprometimento do filho do Enzo em nos encontrar, demorou para aceitar que não havia mais pistas que ajudassem para este fim.”*

Durante um mês ele pôde conhecer os passos em primeira mão da polícia. Podia mudar o cativo de lugar se precisasse, podia se adaptar diante das atividades dos investigadores. Constatada a

falta de progresso deles, pôde, com justificativa, tirar o seu time de campo e “voltar para a sua cidade”. Na verdade, ficar mais no cativado e criar laços comigo. *“Avançando no plano de fuga, a hora da janta guardava o início de uma relação mais próxima com o Guardiã, talvez até de amizade, se assim me atrevesse a chamar.”*

Na outra ponta estava o Enzo, o meu amigo, o meu cúmplice, tendo conhecimento dos meus pensamentos, das minhas estratégias. Vibrou quando soube por mim que entendia que deveria cooperar; desta vez, não precisou interferir. *“Entendo que é de meu interesse colaborar com o senhor. – Falei a verdade ao Mathias. Faria o que ele mandasse. Orgulho e princípios, já há oito horas, entendia ser privilégio das pessoas livres.”*

E de alguma forma delatou a minha tentativa de retardar as vendas; na verdade, delatava qualquer mentira minha. *“– Vai demorar mais de dois meses para fugirmos pelo buraco. – Lembrou Enzo, e eu lhe respondi com bom humor: – Então, a venda das joias vai ter que demorar mais do que isso. – Enzo e eu rimos baixo, desfrutando do pequeno poder que detínhamos.”*

Por isso eles foram tão confiantes em avançar nas vendas sem a minha instrução. Eles me conduziam juntos, me manipulavam juntos. *“Antes de entregar o plano de vendas a Mathias, o Enzo e eu o revisamos.”*

Que susto ele deve ter levado quando me viu por aqui! O Carlos descobriu sobre o Jota? Deve ter se perguntado. Quão perto ele está de me descobrir? Ele insistiria com as desculpas para eu não entrar em sua casa correndo o risco de levantar suspeitas para si ou entrava em casa apostando que teria tempo para retirar o porta-retratos e, como brinde, nos subjugar em seguida?

Minha morte era provável, já que conhecer eventualmente o seu filho era possível. O Enzo contava com a segurança de que, caso eu descobrisse sobre o Jota, ligaria antes para ele. Em qualquer mudança nos planos, devido às mentiras que falamos à polícia, antes precisaria consultá-lo.

Talvez eu estivesse condenado à morte e, mesmo sendo tão apegado a detalhes e obstinado a salvar a minha família – o que possibilitou esta nova realidade –, se hoje não tivesse sorte, a Isabela e eu faríamos uma viagem de seis horas para nos encontrarmos com a morte.

Olhei novamente para o Enzo, que parecia não tomar conhecimento dos pequenos sangramentos na sua cabeça, nem de mais nada a sua volta. Parecia imerso no seu mundo, disposto, provavelmente, a só emergir dele se encontrasse uma saída satisfatória. Do outro lado da sala, eu continuava tentando entender quem ele era.

Dois meses da sua vida não eram nada comparado ao tempo gasto neste golpe, nem a imensa vantagem estratégica que criava. Disciplina e autocontrole, disse o Jota dando a autoria ao Mathias, são grandes virtudes. Bem, eles realmente possuíam o que pregavam.

O Enzo havia me contado da sua casa, do seu filho, da sua falecida esposa. Nunca se contradisse. As suas histórias tinham coerência e coesão. Ele me falou realmente sobre si. Não deu chances de se enrolar com mentiras.

Todo o tempo eu estava na companhia do meu maior inimigo!

O grupo devia ver o Enzo também como vítima do sequestro. O Mathias, provavelmente, nunca soube que um dos que o rendeu e depois viria a matá-lo era, na verdade, seu chefe.

Ao olhar para o Enzo, era difícil não reconhecê-lo como amigo e entender que aquela pessoa na minha frente junto com o seu filho era o arquiteto de tudo o que eu tinha passado.

O Jota havia contado sempre com ele durante as suas induções, sobretudo, quando me levou a crer que o Mathias havia matado os outros do bando. *“– Enzo falou usando sua sempre confiável estabilidade. – Sinceramente, Jota, espero que tudo acabe bem para vocês. – E dará, Enzo. Já deu certo para os outros, por que não daria certo para mim e para o mentor de tudo isso? O Enzo e eu nos*

*olhamos estranhando o que o Jota havia dito.”* Meu colega de cárcere era uma garantia caso alguma leitura das entrelinhas me passasse.

*“Jota, você já falou com eles depois da fuga?”* Depois de muito eu insistir respondeu que não tinha esta permissão. *“Enzo, com serenidade, mas poucos rodeios, botou na mesa o que nós havíamos acabado de vislumbrar. – Pense comigo, Jota... é possível que um homem que planeja um assalto, que aceita com naturalidade causar a morte de inocentes e que sabemos ter formado um grupo com o único propósito de justamente ganhar dinheiro ,é possível que este homem também aceite matar ladrões, peço desculpa de novo, para multiplicar o seu lucro?”* Uma condução gentil que fez eu sentir que por algumas vezes pilotava o barco. Nunca tive essa chance .Amigo e inimigo jogavam juntos contra mim com sincronia de anos de convivência e muitos meses de planejamento.

O Jota me fez acompanhar as razões de por que acreditava ainda na palavra do Mathias para que eu encontrasse as respostas para refutá-lo. Sem perder mais tempo, Enzo as achou para mim. *“Eu sentia a urgência de desmascarmos o Mathias, mas foi em silêncio que o Enzo encontrou as respostas. Ele, então pôs na mesa a nossa última cartada. – Sabe por que achamos que nós dois continuamos vivos, além, é claro, do Mathias posar de homem de palavra?(...) – Por causa da nossa última função, Jota... Manter você localizável e atarefado... – Enzo terminará o que havia se proposto fazer. Até o momento que lhe convenha descartar você.”* Na verdade, o momento que chegara era o de descartar Mathias. *“Infelizmente, dois dias antes da sua morte, o Mathias havia conseguido apagar o seu rastro bancário.”*

O Mathias morreria de qualquer maneira durante a sua rendição ou por decisão nossa ou por um “acidente” criado pelo Enzo, que estava com a arma. Não precisou parecer acidental, eu consenti.

Posso ainda ter sido poupado provisoriamente para não gerar suspeitas sobre o único sobrevivente e para eles poderem contar com a idoneidade que eu representava. Corroboramos um o testemunho do outro.

# Capítulo 38

Só olhar para o Enzo me dava uma profunda raiva, repulsa e ódio. Também sentia vergonha de mim. Porque realmente gostava dele como amigo e ainda o admirava em muitos aspectos como indivíduo.

Estava na verdade furioso por perder a sua amizade. Desejava que ele tivesse aberto o jogo comigo depois de tudo ter acabado. Que tivesse feito eu entender que estava seguro e que era melhor para nós dois que eu não o delatasse. Eu lhe daria um abraço, perdoaria a morte dos que anteriormente aceitaram a minha e seguiria com a minha vida.

Foi um homem que, se tivesse me dado a sua amizade, e por ela se arriscado na intenção de poupar a minha vida, eu teria lhe dado a minha palavra e a colocaria acima da justiça, de uma empresa e do Estado. Se o medo fosse grande demais, então que ele fugisse com todo aquele dinheiro, mas que no seu coração não conseguisse tirar a vida do amigo que ele tinha feito, não tirasse o pai e o marido da família que ele conheceu tão bem pelas minhas próprias palavras.

Parece-me que nada do que eu fiz ou sou criou nele vontade suficiente para mudar o seu plano para me preservar. Eu me envergonhava por ainda gostar dele, pela falta que a sua amizade me faria e pelo homem que eu estava me vendo ser.

Ainda sentado naquele sofá, olhando para o nada, como de costume nos momentos de estresse o meu pensamento andava depressa, o que permitiu que, junto com ele, os meus sentimentos evoluíssem e se transformassem. A minha vergonha e a decepção ansiavam e, até certo ponto, facilitavam a necessidade de eu refazer a visão do Enzo que até então possuía.

Ele não era o que eu achava ser, ele não era quem eu desejava que fosse. Ele era o que era. Um homem que não se importava com ninguém e que talvez ainda planejava em pouco tempo tirar a minha vida. Simples assim. Todo o tempo que conviveu comigo no cativeiro ele aceitava que eu poderia, eventualmente, ser morto por eles. Viver bem com isso é que diz realmente quem o Enzo é, e nada apaga este fato.

Por orgulho próprio e por responsabilidade com a minha família, eu não podia deixar que o seu olhar, por ora entristecido e inofensivo, somado ao convívio que tivemos, escondessem de mim o seu verdadeiro ser.

Que expressão ele teria no rosto se eu tivesse passado reto por aquela fotografia e agora ele, e não eu, estivesse no poder? Esta imagem é que devo imaginar. Mesmo nunca tendo visto o Enzo como um agressor, preciso entender que isso é exatamente o que ele é. E do pior tipo.

Falei depois de levantar a minha cabeça para olhá-lo e retirei os dois dos seus mundos internos. – Você está ferrado, sabe disso?

Respondeu abatido. – Eu sei.

– O seu filho também está.

Ele não respondeu; apenas abaixou novamente a cabeça, mas a minha raiva me fez continuar.

– Eu vou esperá-lo aqui. Sei que ele saiu, mas volta. Tem roupas dele em um dos quartos. A partir de agora vocês estão sob o meu controle. Eu vou amordaçá-lo e vamos esperar juntos pelo seu filho. Se você não colaborar sabe que eu bato na sua cabeça até você apagar, não sabe? – A hora da análise, pureza, amor e autoconhecimento estava temporariamente suspensa. É bom tentar entender melhor as pessoas e o mundo em volta, mas paciência e respiração profunda, quando nos encontramos no meio de um incêndio, podem nos levar à morte. Eu assumiria a responsabilidade da situação e defenderia



com todas as minhas forças a minha família.

Ele continuou em silêncio, com um ar distante de quem acaba de ver o seu mundo desmoronar.

Ao contrário do que até então pensava, aquela era a primeira vez em que eu o vi realmente enfrentando uma situação difícil.

Eu o tinha como um exemplo de força mental. Um homem que tinha a capacidade de manter o raciocínio equilibrado diante de uma enorme pressão psicológica. Contudo, relembrar as qualidades que anteriormente eu atribuía ao Enzo me ajudava a reeditá-las.

Ele não apresentou nenhuma resistência quando o amordacei e o levei para o quarto. O seu abatimento era a sua única expressão. Lá, fiz ele sentar em uma cadeira robusta de madeira que eu havia pegado da sala. Depois, Isabela e eu amarramos todos os seus membros e o seu tronco à cadeira. Dali ele não sairia.

Não eram ainda nove horas da manhã e fomos para a sala discutir o que faríamos com ele ou com os dois, caso o Jota viesse.

Ao mesmo tempo, montávamos guarda esperando a chegada ou não do Jota, ou melhor, Roberto, filho do Enzo.

Isabela levou uma cadeira para perto da janela e eu a acompanhei, sentando a sua frente. Revezaríamos de meia em meia hora a vigília.

Entendemos que em um domingo, se ele morasse com o Enzo – o que achávamos que era provável –, ele eventualmente voltaria. Valia a pena esperá-lo.

Isabela havia encontrado luvas de lavar louça na cozinha. Nós dois as colocamos, mas apenas eu vasculhei a casa. Ela ficou vigiando a rua enquanto eu comecei a tarefa. A hipótese de simularmos um roubo já havia passado pela minha cabeça.

Quando entrei no escritório fui abrindo todas as gavetas. Parecia que nenhum trabalho era feito naquele lugar, porém duas cadeiras estavam dispostas na mesa. Eles possivelmente trabalharam ali apesar de não ter nenhum vestígio disso. Passei para o quarto do Jota e encontrei caros ternos no seu armário. Quando cheguei no quarto do Enzo, seu abatimento era indisfarçável e, admito, fiquei satisfeito por isso.

– Oi, Enzo. – Disse de passagem, antes de começar a abrir todos os seus armários. Novamente roupas e ternos finíssimos que sempre achei um desperdício de dinheiro comprar. – Esse terno vale a tristeza dos meus filhos, Enzo? – Falei, tanto chateado como irritado. Continuei a mexer em tudo e na parte inferior do armário, onde deveria ter sapatos, encontrei um grande cofre, que, pela extrema ansiedade anterior e por estar procurando uma pessoa, havia me passado despercebido. – Olha isso... – Falei surpreso com o tamanho do cofre.

Era um cofre de meio metro de largura por um de altura, mas estava deitado.

Deixei a questão do cofre para depois e fui olhar as gavetas da sala. Para minha surpresa, o destino guardava as suas ironias.

– Olha onde achei a arma! – Falei para Isabela, que estava com o olho pregado na rua.

Ela sorriu e voltou a olhar para a janela. – A arma podia estar em qualquer lugar dentro da parte íntima da casa, mas estava na gaveta da escrivaninha onde repousava o retrato dos dois. Um lugar que, junto com os sacos plásticos, a cozinha e a maçaneta dos armários, continham as nossas digitais, e eu passaria a próxima hora as apagando. Dependendo do que aconteceria, ainda nos faltava queimar os sacos plásticos. Minha próxima providência foi entregar a minha arma a Isabela e ficar com a deles.

Disse Isabela com uma voz frágil e sem tirar os olhos da rua. – Já acabou, Carlos? Temos que conversar.

– Já. – Respondi e fui sentar a sua frente.

– O que você está pensando? – Ela perguntou, naturalmente apreensiva.

Entramos no assunto e, à medida que conversávamos, estranhei nós dois discutirmos sobre as nossas alternativas de forma tão livre e sincera. Existia medo, pesar e nervosismo na nossa conversa, mas não havia Deus, justiça ou hipocrisia. Errado ou não, aquilo estava de acordo com as nossas consciências. As agressões que havíamos sofrido durante dois meses, além da possível intenção na nossa futura morte, tinham ultrapassado em muitas vezes o nosso limite de tolerância e de medo aceitável.

Caso o Jota fosse capturado por nós, a opção de matar os dois, apesar de não quista, estava aberta. Pensamos também na opção de chamarmos o delegado do caso até aqui depois de termos pegado também o Jota e lhe contar uma nova versão dos fatos. Levantamos a alternativa de dizer que eu fora ameaçado para colaborar com eles e que decidi dar um basta nisso hoje. Um dos problemas era se a minha versão pareceria verdadeira, já que eles sabiam que eu já fui capaz de mentir uma vez.

Caso capturássemos o Jota, o esboço das alternativas já havia nascido; faltava-nos pensar na possibilidade de ele não vir. Antes de entrarmos nessa seara, Isabela viu um carro embicar na garagem.

– É agora. – Isabela falou tensa. Eu fui para a parede esquerda da sala, ao lado da porta que dava para a garagem.

Ouvimos juntos o portão elétrico sendo acionado, a porta se abrir, e ele caminhando para contornar o carro. Lembrei de como pegamos o Mathias e pensei que, se existisse carma, o Jota o teria na mesma vida.

Assim que pôs o corpo para dentro da sala eu tentei rendê-lo.

– Parado, Jota. – Ele se virou junto ao primeiro som das minhas palavras e, assim que me viu, o seu corpo se enrijeceu e fez isso tão rápido que ele se desequilibrou durante o meu avanço, ao ponto de cair no chão. Eu o rendi em seguida.

Isabela, com mais cordas e plásticos torcidos, me ajudou a proceder da mesma maneira como tínhamos feito com o Enzo, só que o Jota foi posto no seu próprio quarto.

Agora, com a situação sob controle e podendo confrontar respostas, eu podia dar início a um punhado de perguntas, tendo, pela primeira vez, a chance de entender em que situação nós realmente estávamos.

# Capítulo 39

Com os dois nos seus respectivos quartos, a Isabela e eu nos encontramos na sala. Nos abraçamos e eu senti tanto apreensão como alegria. Choramos pela nossa sorte de estarmos vivos e termos ainda um ao outro.

Isabela suavemente desfez o abraço; estava ciente de que tínhamos muito ainda a fazer. Sabendo que os dois não tinham nenhuma chance de se desamarrarem, sentamos no sofá para discutirmos o que faríamos.

A conversa foi se desenrolando e ficou claro para nós que, caso decidíssemos pela prisão dos dois, deveríamos manter as mentiras que o Enzo e eu havíamos contado à polícia, como o Mathias sendo o único carcereiro, mas acrescentando que eu sempre tive dúvidas se a morte dele havia ocorrido por razão da luta de nós três ou se tratava de uma execução realizada pelo Enzo. Diria que havia me permitido, por afeto ao Enzo, me dar o benefício da dúvida, mas depois da conversa com os Servieris um estalo me ocorreu e me pareceram claras as induções sutis que o Jota e o Enzo haviam usado para me manipular. Sem o alarde da polícia, vim armado para confrontar o Enzo e, com ele, fingi estar certo da minha suposição. O seu filho Roberto, que eu ainda não conhecia, acabou sendo rendido pela força das circunstâncias.

Desse modo, eu não me desmentiria e continuaria com uma história que já estava sedimentada na minha mente e que pegava emprestada a consistência de muitas verdades.

A Isabela e eu continuamos a aperfeiçoar a nossa história até o ponto em que ficamos satisfeitos com ela. Estávamos convencidos de que entregá-los à polícia era uma opção. Uma das ressalvas era o nosso sistema judiciário, que poderia negar a prisão preventiva deles caso eu perdesse valor como testemunha, e daí sabe lá o que poderia acontecer.

A outra opção era a morte dos dois. A aflição com eles estaria terminada, mas corríamos o risco de sermos descobertos.

Apesar da nossa atitude de falar sobre o assunto, eu não me sentia capaz de matar nenhum deles. Eu tinha dificuldade de vê-los como uma ameaça e sentia o Enzo ainda como amigo, além de eu já ter o peso da morte do Mathias nas minhas costas. Entretanto, qualquer das opções que nós venhamos a escolher, as nossas escolhas repercutirão em nossos filhos, e isso para mim me dá forças para enfrentar o que sozinho não conseguiria.

Na possibilidade das suas mortes, seria melhor se a polícia não descobrisse que eles, ao invés de vítimas, eram os criminosos. Caso eles descubram, há uma pequena chance de a polícia cogitar que as suas mortes foram uma retaliação minha. É improvável, mas possível. Ainda, todo o cativeiro seria questionado.

É melhor se o motivo da morte deles fosse interpretado com um ladrão que não aceitou a possibilidade de ser reconhecido ou mesmo por uma retaliação de remanescentes do grupo pela morte do Mathias. Na última suposição, eu teria que por um ou dois anos conviver com proteção policial ou providenciar uma particular para ser coerente ao medo de tal remanescente estar também atrás de mim. Ainda, em qualquer das duas alternativas, teríamos que voltar para cá assim que soubéssemos da notícia de suas mortes. Desse modo, se encontrassem um cabelo ou digital nossa, isso não nos incriminaria. Acredito que por motivos de proteção eu seria avisado imediatamente.

Com as implicações concluídas, Isabela me surpreendeu ao colocar em minhas mãos a decisão.

Ela falou com a voz engasgada e com lágrimas de preocupação nos olhos.

– Carlos, você os conhece melhor do que eu. Foi você que foi sequestrado, manipulado e subjugado por eles. Eu o amo e confio plenamente no seu julgamento. Então, vou ficar aqui na sala, você vai fechar a porta daquele corredor e fazer o que pensa ser o melhor para a nossa família. Eu vou apoiar qualquer decisão que você tome e aceito livremente qualquer das nossas duas opções. Quero que você saiba disso.

Eu acabara de ganhar o livre-arbítrio dela e esperaria as respostas que viriam deles para saber o que fazer.

Fiquei em silêncio pensando em como conduziria as perguntas, depois dei um beijo na Isabela, peguei uma cadeira e me dirigi ao quarto do Enzo, fechando a porta do corredor atrás de mim.

# Capítulo 40

Quando entrei no quarto, o Enzo levantou a cabeça com o mesmo ar abatido. Eu estava com a faca da cozinha e cortei o plástico que amordaçava a sua boca.

– Obrigado. – Foi a única coisa que disse. Ele não diria mais nada antes de tentar entender o que eu sabia e de tomar conhecimento a quantas andava o meu humor. Sentado a sua frente, daria as cartas do jogo pela primeira vez.

– Enzo, o que quer que façamos será rapidamente conduzido. Farei perguntas diretas e quero respostas verdadeiras e claras. Se você continuar tentando me enganar, o risco será seu. Torça para eu não sentir a minha inteligência desrespeitada. Estou lutando pela minha vida agora, estou furioso com você e posso vir a matá-lo, mas você não é como o Mathias para mim. Eu o conheço e, mesmo diante do que fez, não consigo deixar de vê-lo como amigo. Conheço a sua história e a história do Jota com cinco, dez e vinte anos, já que ele é o seu filho. Vamos tentar achar algo que seja bom para todos. Então, quero que, antes que comecemos esta conversa, você esteja bem consciente de que tenho total controle sobre as suas vidas. Caso esteja enganado, agora é a hora de tentar me convencer do contrário. – Fiz uma pausa para ver se ele se arriscaria. Felizmente não tentou. – Também quero lhe garantir que prefiro não matá-los, mas que caso, a partir de agora, eu não tenha todas as informações, estou realmente disposto a fazê-lo. Imagino que você me compreenda. – O Enzo fez sinal de concordância com a cabeça. Era surreal tratá-lo da forma como o estava tratando, mas havia sido ele mesmo quem me levava a isso. – Vou começar com as perguntas, quero que me responda imediatamente e saiba que todas elas serão feitas ao seu filho depois. Mentir é aumentar a probabilidade de morrer, Enzo, acredite em mim. E tanto mentir como não responder será corrigido com pauladas. Sei que, quanto mais lhe bater, pior será a minha situação caso você viva, ficando conseqüentemente mais improvável que entremos em um acordo ao final desta nossa conversa. Você me entendeu, Enzo?

– Sim e lhe responderei tudo, mas gostaria que ao final você me escutasse, tudo bem? – Falou meu amigo de quem eu ainda gostava.

– Tudo bem. Precisamos realmente conversar e, se encontrarmos uma razão que garanta o bem-estar da minha família, os deixarei viver, mas para termos chances de chegar lá é fundamental que você seja totalmente honesto.

– Obrigado, Carlos. Pode me fazer as perguntas que você quiser que vou lhe responder.

# Capítulo 41

Antes de começar, fui buscar na cozinha algo para bater nele caso precisasse. Eu não podia ter marcas nas mãos. Pesado, só achei uma panela de ferro e, junto com uma faca na cintura e usando luvas de cozinha amarela, passei pela sala em direção ao quarto do Enzo.

– Para que a panela, Carlos? – Perguntou a Isabela sentada ansiosa na sala.

– Não achei um bastão. – Ela compreendeu e voltou ao seu estado solitário de ansiedade.

Eu entrei no quarto e sentei a sua frente. Deixei a panela de ferro e a faca ao lado e lhe fiz a primeira pergunta.

– Enzo, qual é a senha do cofre?

Ele não menosprezou os avisos e imediatamente respondeu. – Três voltas para a direita... – Eu me ajoelhei, abri o armário e comecei a seguir as suas instruções.

Quando o cofre abriu, me deparei com uma quantidade de dinheiro vivo que nunca tinha visto antes. Fui transferindo-o para o chão.

Aquilo me preocupou, porque se viesse a simular o roubo por ter decidido matá-los, que é a minha última opção, evidentemente, depois de ter amarrado os donos da casa, o ladrão conseguiria a senha do cofre; assim, quando a polícia chegasse, ele teria que estar vazio.

Feliz ou infelizmente, nós não poderíamos ficar com o dinheiro. Caso a Isabela e eu nos tornemos suspeitos e a polícia encontre tal dinheiro em nossa posse, as digitais do Enzo e do Jota nas notas ou o próprio rastreamento delas nos deixaria em maus lençóis. Também não poderíamos devolvê-lo, já que isso abriria questões indesejadas. Então, teríamos que doar o dinheiro anonimamente a diversas instituições cuidando para não deixarmos impressões no dinheiro. Por um lado, não ficarmos com ele me faria bem, já que, se tiver que decidir por essa opção, nunca terei a menor dúvida de que agi por medo e defesa. Se junto existir raiva, com isso consigo conviver. Todavia, era mais fácil não ter que administrar na consciência qualquer ganho financeiro.

Ao final da tarefa, percebi que não havia nenhum papel de banco no cofre.

– Onde vocês guardam o dinheiro das joias?

Enzo respondeu colaborativamente. – Em um paraíso fiscal. Temos os números das contas nos nossos celulares. – Falou antecipando a minha próxima pergunta. Peguei o celular do seu bolso e ele me indicou os números das contas que estavam como números de telefone de diversas pessoas. – Sabe que vou conferir estes números com o seu filho, não sabe?

– Sei.

– Entende que, quando falar com ele, não vai saber o caminho que tomei com as minhas perguntas a você, nem o quanto fui incisivo, então pode responder de cara algo que você pensa que não teria por que ele me contar, compreende?

– Compreendo. – Enzo sabia que eu poderia tornar o seu destino igual ao do Mathias.

– Tem mais alguma informação em algum lugar que fale sobre o dinheiro? Lembre-se que esta pergunta é fundamental e, mesmo que o Jota confirme a sua resposta, ela será feita repetidamente e, infelizmente, será acompanhada pela violência. É melhor que quando ele decida falar sejam exatamente as informações que você me disse.

– No meu escritório tem um *chip* de telefone igual ao meu, contendo as mesmas informações que lhe passei. É o único objeto em qualquer lugar que nos liga ao banco. – Parecia verdade o que falava,

mas ele ainda precisava falar muito mais.

– Quantos anos demoraram arquitetando esse roubo?

– Dois. – Falou baixo.

– Quantos roubos já fizeram? – Por nos conhecermos tão bem e saber o quanto eu tinha sofrido até ali ele entendia o quanto indignado devia estar, assim evitava ao máximo me tirar do sério.

– Não chamamos de roubo; chamamos de golpe, pois o roubo é apenas uma parte e com este foram cinco. O último de nós dois.

– Quantas pessoas mataram?

– Neste golpe?

– Em todos e neste.

– Antes deste, foram duas. E neste foram oito.

– Quem é a oitava?

Tentou soar com um certo arrependimento na voz, mas foi tão discreto o fingimento que não senti a minha inteligência menosprezada. – Foi o contador que levou o dinheiro ao paraíso fiscal.

Ouvir aquilo me chateou mais do que a morte dos outros sete. – Vocês não têm pena das pessoas?

– Carlos, nós já conversamos sobre isso, mas não pude lhe dar o pensamento completo e verdadeiro.

– Chegou a hora...

– Lembra quando tive que me operar por ter um aneurisma cerebral? Lembra que a minha esposa morreu dois anos mais tarde?

– Lembro. – Viria um desabafo condizente com alguém amargurado e revoltado com a vida. O modo como sabia que ele havia lidado com tais sentimentos me dava pistas de quanto aquilo o deveria ter atormentado. Até que enfim eu tomaria conhecimento dos acontecimentos primordiais que levariam ao meu sequestro.

– Ela morreu e fiquei com um filho de sete anos para criar e ainda lhe explicar um dia depois do outro que a sua mãe não voltaria mais. Tinha uma situação financeira confortável antes do tempo e do dinheiro gasto por causa do meu aneurisma. Tinha uma família feliz. – Dava para ver o quanto era difícil para ele estar falando aquilo. – Mas minha ausência na empresa antes da operação e durante o período de recuperação, mais a conta do hospital me tiraram quase tudo. Inclusive as pessoas. Minha mulher sofreu muito com isso. E ela morreu sem eu ter conseguido me reerguer. Ela acompanhou a luta pela minha vida, mas se ressentiu quando percebeu que ninguém realmente se importava. Ainda assim, as pessoas disfarçavam interesse, mas depois de abrirmos falência elas realmente começaram a nos evitar. Ela morreu com esse sentimento preso na garganta, Carlos. – Seus olhos se encheram de lágrimas e, apesar de já ter sido enganado antes, os sentimentos me pareciam reais. – Não odeio as pessoas por isso, mas deixei de me importar com elas. Só me importo comigo e com o meu filho. Se você queria a verdade, esta é ela – Percebi com maior clareza o quanto aquele assunto o machucava, mas o tempo de poder apoiá-lo havia sido terminantemente interrompido.

– Sinto pela sua mulher, Enzo. – Eu não tinha mais interesse em trocar ideias com ele, então não fiz mais nenhum comentário. Apenas pensei o quanto é comum acreditarmos nas distorções que nos trazem benefícios. A maioria das pessoas, e nisso se incluem também os criminosos, acha compreensíveis e justificáveis as suas más ações, mas, em suma, o Enzo fez os outros pagarem pela sua imensa tristeza, inclusive seu filho, que perdeu a possibilidade de ser digno e ter uma vida honesta e respeitável, mas, enfim, o que me restava agora era proteger os meus e continuar com as perguntas.

– E no cativado, como você falava com o Jota? – Antes que respondesse perdi a linha de

raciocínio. – Meu Deus Enzo, o Jota é seu filho! Que merda é essa!? – Estava difícil de digerir a nova realidade. Ele balançou discretamente a cabeça admitindo que percebia o quanto era sinistro o que fizera. Esforcei-me para retomar o foco, mas não consegui omitir a minha irritação. – Então, como falava com ele? – Enzo colaborou.

– Na parede dos fundos do banheiro, dentro do box, há um azulejo falso; nós conversávamos por ali. – Não demorou para imaginar as incontáveis conversas que os dois devem ter travado. – “O Enzo, com 62 anos, aguentava muito bem os exercícios, mas geralmente era o primeiro a cansar e entrar no banho, para ele, um bom lugar para meditar.”

– Qual deles? – Era irrelevante agora, mas aquele azulejo viria a fazer parte do meu imaginário caso deixasse a informação passar.

– Sentado no chão do box, ficava na altura da minha cabeça.

– Como assim?

– Era um bloco... Um cubo de cimento com um azulejo no lado do banheiro e uma trava do outro, pela área de serviço. Quando aberto, conversávamos sentados, olhando diretamente um para o outro. – Sem eu precisar intervir, continuou a explicar. – Na hora do almoço ou da janta, quando o Roberto entregava a comida, tínhamos um código caso precisássemos conversar. Desse modo, quando fosse tomar banho, que normalmente acontecia por volta dos mesmos horários, batia no azulejo, ele o destravava e o empurrava até eu pegá-lo e soltá-lo no chão.

Respirei, absorvi as informações e dei prosseguimento ao que me interessava. – Como vocês pensaram nesse roubo? – Enzo levava a sério minhas ameaças e permanecia respondendo com clareza as perguntas.

– O meu filho, há dois anos e meio, começou a trabalhar em uma das lojas da empresa de joias que roubamos no banco. Antes de ele entrar no emprego, a ideia era aprender como funcionava o sistema de segurança dessa loja para que isso nos ajudasse a roubar uma filial. Todavia, era do conhecimento de alguns funcionários que eles guardavam grandes quantidades de joias em três bancos. Um deles situado na nossa capital. Assim, mudamos de objetivos.

– Mudaram de objetivos?

– Sim. Pela oportunidade. Esse golpe seria grande o suficiente para nunca mais precisarmos fazer outro.

– Como acharam o Mathias? – Eu só sabia da ficha policial dele.

– Você ainda o chama de Mathias? – Falou com cuidado. – Quer dizer o Miguel... Ele era o mais frio e inteligente dentre eles. Pensava ser o segundo no comando. Nós o encontramos como encontramos todos os outros. Era um ex-detento. O Roberto foi voluntário em um trabalho de ajuda a recolocar ex-presidiários de volta à sociedade.

O Enzo, de um jeito ou de outro, sempre conseguia me tirar algumas risadas. Contagiado, ele começou a rir discretamente depois da informação ter perdido a graça. – O que houve, Enzo?

– Estou rindo de mim. Estou rindo por me lembrar dessa fase de recrutamento, da seleção de pessoas. Lembrar da deles fez me lembrar da sua... Quer saber?

– Claro.

– Começou em um congresso de vendedores de artigos de luxo. Eu procurava pessoas que tinham conhecimento de joias e que de preferência morassem em uma das três capitais onde os bancos estavam presentes. Você estava em um debate que durou duas horas com mais seis homens e chamou a minha atenção a sua clareza e rapidez para expor e entender diversas situações. Foi o que pensei sobre você e me pareceu que os outros seis também pensavam.

– Foi na feira da ALJOIAS?



– Exatamente. Depois de pesquisar a sua vida e da sua empresa, tomei a minha decisão. Uma das suas contas ser no banco exclusivo para clientes “distintos” que viríamos a assaltar criou uma adaptação bem-vinda no nosso plano, facilitando a parte do sequestro. – Enzo sorriu zombando de si. – Por ser crucial, fui tão exigente na seleção do “consultor de vendas” que talvez seja exatamente isso que venha cavar a minha cova. – Fez-se um silêncio, onde nós dois lamentávamos a situação.

– Isso ainda não foi decidido, Enzo... Vou conferir as respostas com o seu filho e conversamos depois. Só preciso que me responda com sinceridade uma última pergunta... Como você pretendia me matar?

Enzo pareceu surpreso na hora e respondeu com energia. – Por que você acha isso, Carlos? Eu nunca pensei em matá-lo. Nunca lhe faria mal.

– Para com isso, Enzo. Você matou sete homens que foram amigos do seu filho. Dois antes deles. Não me mataria?

– Todos eram bandidos, Carlos. Você não é.

– O contador era bandido?

– Não, mas não o conhecia, nem se tornou meu amigo.

– E a questão de um dia eu ver a foto do Jota.

– Como? Uma das primeiras precauções feitas pelo Roberto foi impedir fotos da família na imprensa. Quando voltamos ele já estava aqui na cidade e continuamos a pedir que preservassem a privacidade da família. Você é quem é o “Astro”, Carlos. É quem aparece para dar entrevistas e falar da experiência, não duvido até que escreva a respeito no futuro. Diferente de mim, que preciso e sempre quis ficar na sombra. Se a minha imagem foi pouco divulgada, imagina a do meu filho. Nós somos golpistas. Não colocamos as nossas fotos na internet e, caso você viesse me visitar, o Roberto inventaria uma viagem. Qual a dificuldade disso? – Fez uma pausa esperando que eu compreendesse. – Quantas visitas aconteceriam? Duas, Três? Nas visitas que fizesse a você iria sozinho; ao longo do tempo, o nosso contato se enfraqueceria. E outra coisa, as pessoas ligam antes de visitar as outras. Até agora não entendi por que você apareceu sem avisar.

– Descobri o papel do Jota.

– Não imaginei que isso pudesse ocorrer.

– Mentira, Enzo, você imaginou. Pode não ter imaginado que eu não lhe falaria por telefone quando descobrisse. Não imaginou que os fatos poderiam se desenrolar como aconteceram. Não minta para mim, Enzo. – Com tudo que falei sobre não mentir, talvez ele imaginasse que por essa mentira valesse se arriscar ou talvez falasse a verdade.

– Carlos, não sei como você deduziu o real envolvimento do Roberto, mas não imaginei que isso fosse possível, lhe juro.

– E um dia eu ver a foto dele.

– É difícil de acreditar, Enzo.

– Carlos, eu nunca faria nenhum mal a você. – Falou o Enzo que conhecia.

Saí satisfeito com todas as respostas; só me restava dúvida em uma. A mais importante e que me gerava mais medo. Fui ao quarto do Jota, sabendo que as perguntas desta vez teriam que ser feitas com o auxílio da violência. Restou a ele a tarefa de afirmar uma resposta duvidosa com toda a energia do seu ser; o seu problema era que para conseguir sustentar a sua palavra, ou ele terá que falar a verdade, ou terá que ter uma capacidade extrema em deduzir o que o seu pai disse ou deixou de dizer.

Como o Enzo, o Jota estava extremamente abatido quando entrei para falar com ele. Afinal, depois de tanto esforço o dinheiro lhe fugia das mãos e a sua vida estava em risco. Pus a cadeira a sua frente, repeti o que disse ao seu pai e iniciei as perguntas. Suas respostas estavam conferindo até lhe

perguntar se havia mais alguma prova nesta casa ou em algum outro lugar que os ligasse ao crime.

– Não temos mais nada, Carlos. A única informação que temos sobre as contas no banco está nos nossos celulares.

Havia começado as minhas perguntas com o Enzo sem saber bem ao certo aonde elas iam me levar, mas qualquer que fosse o caminho, precisava ter, tanto quanto possível, confiança nas informações que colhia. Saber sobre qualquer objeto que possa levar a polícia a descobri-los como criminosos era importante. Eu tinha dentro de mim a raiva que aquela tarefa começava a pedir; então foi fácil soltá-la quando ele me mentiu.

– Vou lhe dar mais uma chance.

– Não temos mais nada, Carlos, lhe garanto.

– Você acha que estou blefando, Jota. Você se enganou. – O Jota estava sentado e amarrado na minha frente e eu não podia me esquivar daquela tarefa. Enquanto o amordaçava, ele mostrou, pela primeira vez desde o seu rendimento, um verdadeiro sentimento de temor. Ele pediu que não fizesse. Pouco antes de amordaçá-lo, ele admitiu:

– Temos uma cópia dos números da conta em um *chip* no escritório.

Antes de ter tentado oferecer uma divisão de lucros comigo – o que eu nunca aceitaria – já pensava em transferir o dinheiro do banco caso eu ficasse com os seus celulares.

Apesar de ouvi-lo continuei a amordaçá-lo.

– Agora não adianta mais, Jota. Desta vez você só vai apanhar, mas garanto que não serei tão brando de novo. – Tinha algumas outras perguntas e não poderia fazê-lo perder a crença de que era fundamental me dizer a verdade. Pensei no contador e nos seis companheiros dele que havia agenciado, convivido e matado. Bati com aquela panela pesada de ferro na sua cabeça, costas, ombros e braços.

Tirei a mordaca dele. Ele gemia de dor, mas prestou atenção na minha pergunta mais importante.

– Como lhe disse antes, o seu pai me falou muita coisa. Nós dois acertamos que se obtiver de vocês toda a verdade é possível, isso realmente não posso lhe garantir, que entremos em um acordo que garanta a minha vida e me dê um terço do dinheiro. Então, vou lhe fazer uma pergunta que já sei a resposta e que só a aceitei porque entendi o respeito que o seu pai teve comigo por me dizer a verdade. Nós vamos criar uma nova relação, Roberto. – Não sei como consegui falar de forma tão firme e controlada. – Vocês terem programado a minha morte não faz eu decidir me arriscar em matá-los, mas se você me mentir mais uma vez, na hora vou enfiar esta faca na sua perna. Então, é melhor que confirme as informações do seu pai e me conte como vocês iriam me matar.

Eu mesmo não sabia se estava blefando.

# Capítulo 42

E stava diante dele com a faca em uma das mãos.

Havia ido longe demais e, para sustentar a energia do blefe, tive que desenfrear as minhas emoções. Tudo estava à flor da pele no momento e talvez eu realmente enfiasse aquela faca na coxa do Jota.

– Fale, Jota. Você vai ter que entender, como o seu pai antes entendeu, que a partir de agora vamos ter que falar a verdade entre nós três.

O Jota mostrou no silêncio que estava avaliando a situação. Essa hesitação não era condizente com quem falava a verdade.

– Você quis assim, Jota. – Eu segurei a sua coxa pelo joelho, encostei a lâmina da faca no ponto em que iria penetrá-la e a puxei para trás com o intuito verdadeiro de enfiá-la na sua coxa. Ele estava mentindo. Eu sabia disso.

– Não, por favor. – Berrou Jota assim que levantei a faca para tomar distância. – Eu lhe conto, Carlos.

– Você está me subestimando, Jota. Eu vou lhe dar uma última chance porque o seu pai foi honesto comigo. Não me desrespeite de novo. Vocês dois já fizeram isso demais.

– O que você quer saber?

– Você vai falar ininterruptamente sobre quando, como e quem da minha família vocês iriam matar. Não omita nada.

– Tudo bem. – Falou estremecido, Jota. Depois tomou coragem e falou com uma voz embargada. – Em vinte dias o meu pai ia ligar para você dizendo que tinha que lhe falar algo importante sobre mim... No caso, do Jota. – Ele se arrastava entre as frases. Não sabia se estava agindo certo, mas também não tinha outra alternativa para escolher. – Esperamos este tempo por causa da sua proximidade com a polícia enquanto os ajudava a procurar pelo dinheiro das joias e também para parecer um incidente isolado do cativo. Uma infeliz coincidência de azares. No telefonema, ele induziria ou pediria que fosse marcado o encontro na sua casa da Serra e que a sua mulher o acompanhasse. – No momento em que ele começou a falar, o meu coração se apertou de puro pavor, como se eu estivesse vivendo o que ele dizia. No entanto, tive que manter um rosto que apenas confirmava o que já havia ouvido. – Chegando lá, nós os mataríamos com tiros na cabeça, deixaríamos os corpos e colocaríamos todos os eletroeletrônicos no seu carro. Então eu levaria o veículo até outro bairro ou cidade. Meu pai me pegaria algumas quadras à frente. A polícia encontraria o carro com todos os eletroeletrônicos dentro e concluiria o que quisesse. Não induziríamos a polícia a uma conclusão específica.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Não posso dizer que foi por causa apenas de um sentimento. Eu estava triste com o Enzo, apavorado com o que quase acontecera com a minha família, grato pela minha sorte e enojado com os dois.

Entendi que a busca pela minha morte não teria fim para eles. Caso fossem presos, eu seria a única testemunha de acusação. Eles não usariam o *habeas corpus*, caso conseguissem, para fugir. Usariam para me matar ou me chantagear.

Eu fechei a porta do quarto e me agachei no corredor. Foi o momento mais definitivo da minha vida e precisava sair dele com a decisão certa.

Pensei em mim e na minha família. Pensei em quem eu era, no meu caráter e nos meus

princípios.

As duas decisões precisavam da minha coragem e, caso fosse necessário, eu só precisaria pensar no Lucas e na Laura para encontrá-la.

# Capítulo 43

Algumas vezes me pego pensando naquele dia. Ele me ensinou um pouco mais sobre quem sou. Foi nele que entendi com clareza em quantos indivíduos poderia me tornar, caso as circunstâncias fossem diferentes, caso minhas influências fossem diferentes.

Ter me dedicado ao trabalho e à família e considerar que obtive sucesso nessa tarefa repercutem no meu ser. Ter a companhia da Isabela, e não de outra mulher, tem papel sobre o indivíduo específico que me tornei. *Perdê-la, falir, vencer, estar satisfeito, tudo, todo o tempo, age sobre quem sou, como me vejo e me comporto.* Há estabilidade em mim, mas apenas enquanto a situação permitir. Entender isso não faz com que tenha medo da vida; ao contrário, faz com que a respeite mais e me empenhe para cuidar e apreciar o que tenho.

Hoje, quando as reuniões de amigos me dão um espaço para um pensamento solitário, olho para todos em volta, com os seus copos cheios nas mãos e os seus sorrisos no rosto, e me pergunto se eles sabem quão afortunados são naquele momento. Os seus sorrisos estão apoiados em fatos extremamente instáveis e tudo pode mudar em questões de segundos. Caso isso ocorresse, como eles agiriam? Que limites emocionais e comportamentais, hoje em dia impensáveis, ultrapassariam?

Nenhum deles faz ideia do que passou e o que fez a pessoa que está brindando e rindo com eles.

Todavia, depois das experiências que surgiram do cativeiro, criei a habilidade de deixá-las no passado e continuei o meu desenvolvimento na vida. Sem arrependimentos, sem lamentações, apenas com a aceitação dos fatos e com o aprendizado que tirei deles. Nos diferentes momentos, dei sempre o meu máximo e fiz o que pensava ser melhor.

*De todo o sofrimento que tive, tirei muitos ensinamentos e, na volta à liberdade, sobre muitos aspectos continuei a me libertar de cativeiros.* Vi grades onde antes não as percebia, e ao removê-las enxerguei melhor a vida.

Vivo hoje apreciando ainda mais os meus amigos, focado na minha esposa e agradecendo cada abraço que recebo dos meus filhos.

Contudo, a mente, apesar de poder ser bem orientada, às vezes parece ter vontade própria e, em algumas ocasiões, acaba por me levar às lembranças e às emoções do dia em que fui à casa do Enzo. Um dia que, infelizmente, jamais vou esquecer.

As palavras do Jota me vêm à mente.

– Chegando lá, nós os mataríamos com tiros na cabeça...

Depois disso, lembro-me de estar agachado no corredor, em seguida, de vê-los olhando para mim.

Quando abri a porta do corredor e voltei à sala, a Isabela levantou os seus olhos, esperando passivamente que eu falasse o que havia feito, mas eu apenas mantive meus olhos nos seus.

– Por que esta mala, Carlos? – Ao ouvi-la, acordei do meu transe e consegui me focar no que ainda tinha que ser feito.

Com o peso da responsabilidade sobre os meus ombros, percebi que também podia ser frio, e a voz saiu controlada.

– Explico depois, Isabela, agora me ajude a colocar os eletroeletrônicos dentro do carro do Jota.